O REINO VINDOURO DO MESSIAS

Uma solução para o Enigma do Novo Testamento

Por

Sir Anthony F. Buzzard, Bt., M.A (Oxon), M. A. Th

Traduzido para português por

Fernando Coutinho Sánchez

(ferjoscousan@gmail.com)
Mérida, Venezuela

Todas as citações bíblicas neste estudo foram retiradas da versão em português da Bíblia **Tradução João Ferreira de Almeida**, Salvo indicação em contrário.

Todas as inserções explicativas pelo autor dentro de um versículo da escritura estão entre **[COLCHETES]**.

Todas as palavras em grego, hebraico, aramaico ou em outras línguas diferentes estão em letras ***CURSIVAS*** e / ou transliteradas para o português.

Tabela de Conteúdos

Prefácio 3
Introdução 5

PARTE I:

JESUS E O FUTURO MESSIÂNICO

1. O Coração do Cristianismo -- o Reino de Deus 8
2. O Reino Esperado pelos Profetas 12
3. Explicações tradicionais judaicas e cristãs 16
4. Uma terceira solução 19
5. O Messias Não Político no Ensinamento de Jesus 21
6. O Reino Político Futuro nos Ensinamentos de Jesus 23
7. A Partida e Regresso do Nobre Homem 25
8. Jesus, o Messias Judaico-Cristão 27
9. O Reino Futuro Indefinido do Cristianismo Tradicional 30
10. A Eliminação Teológica do Futuro Reino 31

PARTE II:

O QUADRO BÍBLICO DO CRISTIANISMO MESSIÂNICO E O SEU DESAPARECIMENTO DA IGREJA

1. Salvação através do Messias 34
2. A Era Atual e a Era Vindoura 39
3. Conflito no Cosmos 41
4. A Tendência Anti Messiânica na Teologia Contemporânea 42
5. A Influência do Gnosticismo 45
6. Desmitologização 47
7. O Evangelho do Evangelicalismo sem o Reino 48
8. Alojamento para a Religião do Mistério 53
9. Um apelo para um regresso ao N. Testamento do Cristianismo 56
10. Tradição ─ A Grande Barreira ao Progresso 58
11. Pregação no Novo Testamento 61
12. Batismo 67
13. Jesus e o Elixir da Vida 70
14. Conclusão 78

Prefácio

As perguntas: "*Quem é ou era Jesus" e "Qual era a sua agenda?*" não desapareceram. As editoras continuam a inundar o mercado com uma massa de literatura, popular e erudita, abordando estes chamados problemas. Muitos fiéis parecem contentar-se em acreditar que o principal objetivo de Jesus era morrer para que pudéssemos "**ir para o céu**" quando morremos, e assim evitar sermos torturados num inferno para sempre (paradoxalmente, por um Deus cheio de misericórdia e compaixão!) Jesus de facto não disse uma palavra sobre ir para o céu quando morremos. Também nunca falou de "tortura eterna". Prometeu aos seus seguidores que acabariam por ter a terra como herança, quando ele tivesse regressado do céu.

Quem era este Jesus, qual era a sua missão, seria ele bem-vindo nas igrejas contemporâneas e, em caso afirmativo, em qual das centenas de igrejas?

O crescente interesse em coisas "espirituais" levou a uma lamentável abordagem "**de última hora**" a Deus, o que resultará em fracasso e desilusão. Deus não se encontra memorizando um versículo bíblico para usar como uma espécie de "mantra" para obter o que queremos. Vender 5 milhões de livros promovendo um único texto bíblico não faz avançar a causa de Cristo. Encontrar a verdade requer esforço, investigação e estudo.

Este escritor acredita que os nossos registos sobre o Jesus histórico são consistentes e fiáveis. Descrevem um Jesus que se enquadra de forma bela e perfeita no seu ambiente judeu do primeiro século (não é de admirar!). Descrevem um Jesus cujo nascimento foi profetizado com séculos de antecedência pelo Deus que revela o Seu grande desígnio para a história mundial. Através de um pacto divino, o Senhor Deus da Bíblia garantiu a vinda do personagem real final pertencente à Casa de David.

Os autores da Bíblia foram professores formados que escreveram para serem compreendidos. A sua paixão por partilhar connosco o que tinham descoberto através da sua associação com Jesus é visível ao longo dos seus escritos. É difícil acreditar que os seus esforços para comunicar foram tão pobres que resultaram numa igreja fragmentada. que resultaram numa igreja fragmentada com muitas denominações diferentes ─ para não mencionar a assustadora incapacidade dos estudiosos em concordar em muito, ou mesmo nada, sobre quem Jesus era. (A "incredulidade académica" pode de facto ser o problema e não os próprios documentos do Novo Testamento ─ NT). Qualquer confusão que exista hoje na igreja é culpa nossa, não dos primeiros escritores cristãos do NT.

A Bíblia não é um livro americano (ocidental) do século XXI. É um livro judeu. Jesus era judeu e a sua teologia está profundamente enraizada na Bíblia judaica, aquilo a que chamamos o Antigo Testamento - AT. Alegar, como ele fez, ser *o Messias* dá-nos a pista vital indispensável sobre tudo o que ele foi. É como o Messias, descendente de David e Abraão, que o NT o apresenta (***Mateus 1:1***). Esta brilhante e abrangente declaração sumária dá-nos a pista essencial para o significado de Jesus e da sua missão. O Cristo (Messias) é o Rei nomeado por Deus. O Messias é aquele cujo destino dado por Deus é governar o mundo. O messianismo é um conceito inteiramente político. Não ver isto é interpretar mal o NT de capa a capa.

Longe de ser uma figura etérea e colorida fora de contacto com a realidade, Jesus estava mais próximo em estilo de um propagandista político, promovendo o seu próprio partido "teocrático" (Governo por Deus). A sua ambição era servir os objetivos políticos do único Deus cujo Filho ele afirmava ser. Com a sua declaração de ser o Messias de Israel há muito prometido, Jesus expressou a sua paixão por um governo

mundial revolucionário, uma sociedade pacífica, reorganizada e próspera, centrada em Israel, a Terra Prometida. A Terra de Deus (***2 Samuel 7***), com maravilhosos benefícios que se estendem por todo o globo. A Bíblia hebraica (O AT), a Bíblia de Jesus, é simplesmente preenchida com esta visão de uma nova era vinda de Deus (***2 Samuel 7***). visão de uma nova era saindo da história mundial. Que o Reino de Deus fornece a única solução para os problemas horrendos e intratáveis do mundo.

Muito confusamente (especialmente para aqueles que tentam ler a Bíblia e compreendê-la) as igrejas inventaram a sua própria ideia de quem e o que Jesus deveria ser. As pessoas, e especialmente os religiosos, projetam nos seus "Jesus" todo o tipo de ideais imaginados. Transformam-no num professor de verdades eternas, como ser bom, e assim por diante. Ou identificam-no com um agenda política e começar a influenciar a sociedade com esses ideais. Mas Jesus não tentou interferir com os sistemas políticos atuais. Como candidato "teocrático" anunciou incansável e resolutamente, como uma ameaça e promessa, a futura chegada da sua própria administração mundial, o Reino de Deus. O Reino de Deus foi o tema principal do seu Evangelho salvífico. A fé de Jesus naquele Reino vindouro baseava-se nas esperanças "judaicas" dos profetas de Israel. Os seguidores de Jesus promoveram-no verdadeiramente como "aquele profeta prometido" baseado nas palavras de Deus a Moisés em ***Deuteronómio 18:15-18, Atos 3:22, 7:37***. Esse profeta teria poder de Deus para determinar o destino de cada pessoa. Será para nosso benefício prestar muita atenção e submetermo-nos a esse governante supremo de Deus. A sua morte (sacrifício) pelos pecados do mundo, e a sua subsequente ressurreição dos mortos, confirmam a sua nomeação divina para governar no Reino vindouro.

A sua morte e ressurreição, contudo, nunca deve ser separada da sua pregação do evangelho do reino. O perdão no NT não é assegurado por acreditar **apenas** que Jesus morreu e ressuscitou. e ressuscitou. É concedido na condição, antes de mais, de respondermos inteligentemente à pregação do Seu Evangelho do Reino.

Este livro propõe em linguagem não técnica que o NT deve ser ligado ao seu passado AT. A segunda é que Jesus seja compreendido como o Messias de Israel e do mundo e estudado à luz da sua apaixonada proclamação de uma nova ordem política na terra que ele supervisionará como Rei, governando a partir de Israel, no seu regresso à terra. O seu Evangelho ou Boa-Nova sobre o Reino ─ **o Reino Messiânico Davídico** ─ não só lhe oferece uma vida pessoalmente indestrutível, imortalidade, por uma futura ressurreição dos mortos (um conceito muito diferente de "ir para o céu quando morrermos"), mas também uma nova ordem política na terra. de "ir para o céu quando morrermos"). O Evangelho como Jesus o pregou convida-o também a dedique o resto da sua vida a preparar a participação na supervisão desse futuro Reino numa terra renovada. É convidado a ser co-herdeiro do Reino com o Messias. Em suma, o Jesus da história, o "teocrata" original, continua o seu trabalho de recrutamento de membros da sua casa real, o partido teocrático, que são partido teocrático, que são instados a preparar-se com ajuda divina para participar no futuro governo do Messias. Esta será a primeira e única administração que governará com sucesso o mundo.

Introdução

A bolsa de estudo ergueu uma barreira intransponível na sua tentativa de compreender a vida e o ensino de Jesus. Padrões de pensamento largamente estabelecidos e profundamente enraizados impedem-nos de entrar plenamente no espírito da sua missão. A dificuldade reside muito simplesmente na falta de simpatia com o Reino Messiânico que estava no centro de tudo o que Cristo ensinou.

O chamado problema da consciência messiânica de Jesus só pode ser resolvido quando os estudiosos abandonam o seu preconceito contra o messianismo que satura o NT e, na verdade, toda a Bíblia. A exposição de um documento religioso por aqueles que não partilham as crenças estabelecidas no documento apresenta enormes dificuldades. O cristianismo ortodoxo, tanto conservador como liberal, tem pouco tempo para assuntos messiânicos, no sentido em que Jesus e o seu público do primeiro século entenderam esse termo. Até que os expositores se reorientem para o ambiente Hebraico Messiânico no qual Jesus ensinou e reagiu em simpatia com ele, continuarão a obscurecer o único Jesus da história e da fé, tanto o homem como a sua mensagem.

O processo de leitura do NT através do filtro da **tradição** eclesiástica tem vindo a decorrer há tanto tempo que nada mais nada menos que uma revolução teológica lhe dará um fim. Mas há sinais de esperança. O final do século XX produziu uma provável boa disposição para estimular o novo olhar sobre os documentos do NT necessários para chegar ao seu âmago. para chegar ao coração deles. Existe uma sede de exploração no estrangeiro entre os teólogos e os estudantes comuns da Bíblia. Há provas de que os dogmas do cristianismo post-bíblico estão a começar a afrouxar os seus laços de erro.

O que é urgente é uma leitura do NT, e de toda a Bíblia, permitindo que a sua mensagem unificada nos fale. Mas devemos estar atentos contra a purga dos elementos da mensagem que consideramos de mau gosto ou estranhos à nossa forma de pensar do século XXI. Tantas vezes tem acontecido que os estudiosos decidem arbitrariamente quais os elementos do NT que irão aceitar como relevantes para a fé. Se não estiverem interessados no apocalíptico, **[1]** o Jesus que encontram nos registos não terá dito nada de dramático sobre o fim dos tempos. Se é uma figura liberal que procuram, encontrá-la-ão em Jesus. Se for um reformador social, irão descobri-lo nos documentos cristãos.

É amplamente reconhecido que esta tem sido uma fraqueza do método erudito no passado. No entanto, os teólogos contemporâneos continuam a demonstrar o seu repúdio pelo messianismo de Jesus quando também eles ignoram as suas afirmações que provam quem ele é na melhor tradição apocalíptica judaica e do AT, ou culpam tais "voos de fantasia" inteiramente na igreja do NT. Muita ingenuidade tem sido empregada num esforço para desculpar Jesus pelos seus ensinamentos, que consideramos desconfortáveis ou inaceitáveis.

Se, contudo, lermos o NT no seu contexto hebraico, e nos deixarmos envolver na sua mensagem, descobriremos que emerge um cristianismo que é coerente e prático, embora diferente em alguns aspetos importantes da fé que ganhou aceitação como a religião de Jesus e dos Apóstolos.

É com o tema central de todos os ensinamentos de Jesus que qualquer investigação deve começar. Felizmente a bolsa de estudo é unânime na sua compreensão do que é esse tema. Mesmo um olhar rápido sobre os relatórios de Mateus, Marcos e Lucas revela que este é, inquestionavelmente, o Reino de Deus.

Notas Finais Introdução

[1] Isto é, tendo a ver com a futura intervenção apocalíptica de Deus, usando o seu agente, o Messias, para estabelecer a nova sociedade ─ o Reino de Deus.

PARTE I

JESUS E O FUTURO REINO MESSIÂNICO

1

O Coração do Cristianismo ─ O Reino de Deus

Os nossos documentos cristãos apontam para um facto inegável: Jesus preocupava-se acima de tudo com o Reino de Deus. O Reino é o centro de toda a sua missão. É o seu lema e o núcleo de todo o seu ensino. Anunciou que estava "**à mão**", **[1]** demonstrou o seu poder no seu ministério, prometeu-o como recompensa aos seus discípulos, **[2]** e exortou-os a rezar pela sua vinda. **[3]** Também garantiu aos seus seguidores que um dia ocupariam posições executivas como ministros de estado no Reino:

> "***Vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações. Assim como meu Pai me confiou um reino, eu vo-lo confio, para que comais e bebais à minha mesa no meu reino; e vos assentareis em tronos para julgar as doze tribos de Israel***" (***Lucas 22:28-30***).

Estas promessas importantes encontrariam o seu cumprimento "***na regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória***" (***Mateus 19:28***). A prometida Nova Era virá com a Segunda Vinda. **[4]**

Os estudiosos estão convencidos de que Jesus não pode ser compreendido à parte do Reino de Deus. No entanto, estão muito menos seguros da sua capacidade de oferecer uma definição clara do Reino. Os escritores teólogos expressam frequentemente a incerteza sobre se alguma vez poderemos recuperar o significado que Jesus aplicou à frase "Reino de Deus". Dizem eles:

> "*Já é tempo de alguém desafiar aqueles que pensam saber exatamente o que Jesus quis dizer quando falou do Reino de Deus*". **[5]**

> "*Apesar de várias tentativas, não é possível definir o 'Reino de Deus' como é usado nos evangelhos ou explicá-lo mais claramente do que dizer que representa a soma total das bênçãos concedidas por Deus em Cristo e que consiste numa vida elevada na qual estamos, no entanto, verdadeiramente em casa*". **[6]**

Outros comentadores sentem que algo está errado quando a frase Jesus é constantemente utilizada raramente, se é que alguma vez, é ouvida nos círculos cristãos. *Tom Sine* salienta que "*a vitória do futuro de Deus foi o tema central do ministério de Jesus*". Depois acrescenta: "*Michael Green perguntou durante a Conferência Internacional de Lausanne sobre Evangelismo Mundial em 1974: 'O que ouviste aqui sobre o Reino de Deus? Não muito. Não é a nossa língua. Mas era a questão principal de Jesus*". **[7]**

A franca admissão de Peter Wagner é tanto perturbadora como imensamente instrutiva No seu livro, "*Church Growth and the Full Gospel*" (Crescimento da Igreja e o Evangelho Pleno) (p. 2), ele cita *George Eldon Ladd* como dizendo que: "*A erudição moderna é totalmente unânime na opinião de que o Reino de Deus era a mensagem central de Jesus*". *Wagner* comenta em seguida:

> "*Se isto é verdade, e não sei de nenhuma razão para o contestar, não posso sair do meu grande espanto por não ter ouvido falar mais dele nos trinta anos em que fui cristão. Com certeza que já li o suficiente na Bíblia. Mateus menciona o Reino 52 vezes, Marcos*

19 vezes, Lucas 44 vezes e João 4. Mas honestamente não consigo lembrar-me de um pastor em cujo ministério ouvi realmente um sermão sobre o Reino de Deus. Ao peneirar o meu próprio barril de sermões, apercebo-me agora que eu próprio nunca preguei um sermão sobre ele. Onde tem estado o Reino?" **[8]**

Arthur Glaseer, um perito em missões cristãs, perguntou:

"*Quando foi a última vez que ouviu um sermão sobre o Reino de Deus? Francamente, é difícil recordar uma exposição sólida sobre este assunto. Como podemos conciliar este silêncio com o facto amplamente aceite de que o Reino de Deus dominou o pensamento e o ministério do nosso Senhor? A minha experiência não é invulgar. Verifiquei isto com os meus colegas. Claro que aceitaram prontamente que muitas vezes ouviam sermões sobre pedaços de parábolas de Jesus. Mas quando se tratou de um sermão sólido sobre a natureza do Reino de Deus como Jesus o ensinou ─ refletidamente, eles também começaram a expressar surpresa por ser raro o pastor que aborda este tópico*". **[9]**

Estes autores colocaram os dedos num problema fundamental do cristianismo tal como o conhecemos. O evangelismo contemporâneo e a pregação em geral, embora supostamente baseada na Bíblia, não soam como os ensinamentos de Jesus. Embora continuem a usar o seu nome, não refletem o seu tema central ─ o Reino de Deus. Esta notável discrepância foi também reconhecida pelo teólogo alemão do século XIX, *Richard Rothe*, que expressou a sua preocupação sobre os métodos recebidos de exposição da Bíblia:

"*A nossa chave não se abre ─ perde-se a chave certa e até que a tenhamos de novo na nossa posse a nossa exposição nunca mais será bem sucedida. O sistema de ideias bíblicas* ***não é o das nossas escolas*** *e enquanto tentarmos exegese sem ele, a Bíblia permanecerá um livro meio fechado. Devemos entrar na Bíblia com outras conceções para além daquelas com que estamos habituados a pensar que são as únicas possíveis*". **[10]**

O nosso objetivo é mostrar que a chave em falta que desbloqueia a mensagem de Jesus, e de facto toda a Bíblia, é o Reino de Deus. A chave, contudo, será ineficaz se a sua forma for torcida. Para dar sentido ao que Jesus ensinou, temos de compreender o termo "Reino de Deus" tal como ele o entendeu. Se separarmos o Reino de Deus do seu contexto bíblico e lhe atribuirmos um novo significado, criaremos uma versão profundamente distorcida do cristianismo.

Sem uma compreensão do Reino, que é o pivô sobre o qual giram todos os ensinamentos e pregações de Jesus, não podemos esperar compreender a sua mensagem. As admissões francas dos estudiosos que citamos sugerem que o tema principal de Jesus não tem um lugar central nos ensinamentos das igrejas a que chamamos cristãs. De facto, é muitas vezes omitido por completo! Isto só pode significar que os seus sistemas teológicos estão a precisar de uma reforma radical. **[11]**

Tal reforma só ocorrerá quando o Reino de Deus for: **1)** colocado no centro da mensagem de salvação onde Jesus sempre a colocou. **2)** definido no seu contexto bíblico como o objetivo do programa de salvação de Deus, como a restauração do governo na terra sob a supervisão do Messias e dos santos. Isto dependerá do regresso de Cristo e da ressurreição, nessa altura, dos fiéis de todos os tempos.

Esta reforma do Evangelho pode muito bem ter a sua deixa na excelente observação do Professor *Burton Scout Easton* no seu artigo sobre "*salvation*" (salvação) na "*Internacional Standard Bible Enciclopedia*" (Bíblia Padrão Internacional Enciclopédia) (1939):

> "*A declaração de Jesus de que "o Reino de Deus está próximo" tinha a conotação inseparável de "o julgamento está próximo", e neste contexto, "**arrependei-vos**" (**Marcos 1:14, 15**) deve significar "para que não sejais julgados". Por conseguinte, o ensinamento de Nosso Senhor sobre a salvação tinha principalmente um conteúdo futuro: positivamente, admissão no Reino de Deus, e negativamente, libertação do juízo anterior*".

Hoje, a mensagem do evangelho salvador de Jesus não permanece clara na mente dos fiéis da igreja. Aqueles que ouviram o apelo à salvação do Jesus histórico deveriam ter sido expostos a uma mensagem clara e vital sobre a vinda do Reino de Deus à Terra. Os convites de hoje para a salvação contêm pouca ou nenhuma destas informações. Uma mensagem confinada à morte de Jesus pelos pecados substituiu o Evangelho abrangente do Reino original de Jesus. Parece que a proclamação cristã original sofreu um eclipse alarmante. Tal situação ameaça a vida do próprio cristianismo, uma vez que o próprio Jesus sempre fez da fé ou crença na sua mensagem a condição para a salvação.

A ausência surpreendente do Reino de Deus da atual apresentação do Evangelho foi notada pelo estudioso católico romano *B.T. Viviano*:

> "*Como professor de literatura do NT... é óbvio para mim que o tema central da pregação do Jesus histórico de Nazaré foi a vinda do Reino de Deus. No entanto, para minha surpresa, este tema quase não desempenhou qualquer papel na teologia sistemática em que fui ensinado no seminário. Após mais investigações, apercebi-me de que o tema tem sido, em muitos aspetos, largamente ignorado na teologia, espiritualidade e liturgia da igreja nos últimos dois mil anos, e quando não foi ignorado, foi muitas vezes distorcido para além do reconhecimento. Como poderia isto ser?*" **[12]**

Notas Finais *1*

[1] ***Marcos 1:14, 15:*** "***Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galiléia, pregando o evangelho de Deus, dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho***".

[2] ***Lucas 12:32*: "*Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu reino*".**

[3] ***Mateus 6:10*: "*venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu*".**

[4] ***Mateus 25:31*: "*Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória*".**

[5] *Robert Morgan*, in "*Theology*" (Teología), Novembro de 1979, p.458.

[6] **"***The New Century Bible, Commentary on James*" (A Bíblia do Novo Século, comentário sobre Tiago), ed. *E.M. Sidebottom*, Londres: Nelson, 1967, p. 41.

[7] **"***The Mustard Seed Conspiracy*" (A Conspiração da Semente de Mostarda), Waco, TX: Word Books, 1981, pp. 102-3, ênfase acrescentada.

[8] A centralidade do Reino de Deus no ensino de Jesus é realçada em muitas fontes contemporâneas, por exemplo na **Educação Religiosa Cristã**, pelo escritor católico romano *Thomas Groome*, pp. 35-55. Na nota de rodapé 16 do capítulo 5, ele cita uma série de importantes académicos contemporâneos que sustentam que o Reino de Deus domina tudo o que Jesus ensinou.

[9] "*Missiologia*" (Missiology), Abril de 1980, p.13.

[10] Citado por *G.N.H. Peters*, "*The Theocratic Kingdom*" (O Reino Teocrático), rep. Kregel, 1952. p.21, sublinhado acrescentado.

[11] Num artigo intitulado "*Preach the Kingdom of God*" (Pregar o Reino de Deus), o expositor britânico, *Dr. I. Howard Marshall* da Universidade de Aberdeen. Howard Marshall, da Universidade de Aberdeen, diz: "*Durante os últimos dezasseis anos, posso registar apenas duas ocasiões em que ouvi sermões especificamente dedicados ao tema do Reino de Deus... Acho este silêncio bastante surpreendente porque é universalmente aceite pelos estudiosos do NT que o tema central do ensino de Jesus é o Reino de Deus... claramente, então, seria de esperar que o pregador moderno que está a tentar trazer a mensagem de Jesus a esta congregação tivesse muito a dizer sobre o assunto. De facto a minha experiência tem sido o oposto, e raramente tenho ouvido falar dele*" ("*The Expository Times*" (Os Tempos Expositivos), Outubro, 1977. p.13).

[12] "*The Kingdom of God in History*" (O Reino de Deus na História), *Michael Glazier*, 1988, p. 9.

2

O Reino Esperado pelos Profetas

Deve ser eloquente que o Reino de Deus é a substância da primeira coisa dita sobre Jesus, mesmo antes do seu nascimento:

> "***o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim***". (***Lucas 1:32, 33***)

Este anúncio do anjo Gabriel não foi uma surpresa como uma descrição do papel do Messias. O que o anjo prometeu era exatamente aquilo por que os fiéis tinham ansiado. Se perguntarmos o que tinha motivado esta esperança, a resposta é simples: a mensagem de todos os profetas. O tema repetido de todos os profetas hebreus é que o Reino de Deus será estabelecido em todo o mundo com uma Jerusalém reabilitada como sua capital e o Messias como agente de Deus administrando um governo ideal. Esta promessa de um governo perfeito na terra recebe tratamento total por parte dos profetas hebreus do AT. Podemos citar como típico da sua visão do futuro uma seleção das numerosas passagens que descrevem o Reino do prometido descendente de David sobre uma terra renovada. O império mundial esperado será o Reino de Deus administrado para Ele pelo seu único representante e vice-regente, o Messias. **[1]**

> "***então, um trono se firmará em benignidade, e sobre ele no tabernáculo de Davi se assentará com fidelidade um que julgue, busque o juízo e não tarde em fazer justiça***". (***Isaías 16:5***)

A simplicidade do conceito é corretamente capturada pelo mesmo versículo traduzido pela "*Good News Bible*" (Bíblia Boas Novas):

> "***Então um dos descendentes de David será Rei e governará o povo em fidelidade e o amor. Ele estará pronto a fazer o que é correto, e verá que a retidão é executada***".

O que os profetas viram foi uma visão das condições utópicas na terra, após a conquista do mundo por Javé (o Senhor Deus), trabalhando através do Seu agente escolhido, o Rei prometido: o Rei prometido:

> "***… quando o SENHOR dos Exércitos reinar no monte Sião e em Jerusalém***" (***Isaías 24:23***).

"... ***Ele*** [o Messias] ***nunciará paz às nações; o seu domínio se estenderá de mar a mar e desde o Eufrates até às extremidades da terra***" (***Zacarias 9:10b***).

Obadias descreve a supremacia de Israel no próximo governo Messiânico:

> "***Mas no Monte Sião haverá um remanescente que será salvo; e será santo, e a casa de Jacob recuperará os seus bens. E os do Néguev possuirão a montanha de Esaú, e os do Sefela possuirão os filisteus. Filisteus; e possuirão os campos de Efraim, e os campos de Samaria, e Benjamin de Gileade. Gileade. E os cativos deste exército dos***

> ***filhos de Israel possuirão o dos cananeus, até Sarepta; e os cativos de Jerusalém que estão em Sefarade possuirão as cidades dos Néguev. E os salvadores subirão do monte Sião para julgar a montanha de Esaú; e o reino será do Senhor. será do Senhor***" (***Obadias 1:17, 19, 20, 21***) **[2]**

Evidentemente, o Reino de Deus será uma nova ordem política e territorial com a sua sede na terra prometida de Israel. Esta é a visão unânime de todos os profetas. Jeremias também registou as palavras do Senhor prometendo a restauração nacional para Israel sob o Messias:

> "***Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e, rei que é, reinará, e agirá sabiamente, e executará o juízo e a justiça na terra. Nos seus dias, Judá será salvo, e Israel habitará seguro***" (***Jeremias 23:5, 6***).

A visão de Isaías e Miqueias não é menos clara, com a garantia adicional de desarmamento multilateral sob o domínio do Messias:

> "***Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus*** [o libertador prometido, o Messias] ***ombros... para que se aumente o seu governo, e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e para sempre… porque de Sião procederá a lei, e a palavra do SENHOR, de Jerusalém. Ele julgará entre muitos povos e corrigirá nações poderosas e longínquas; estes converterão as suas espadas em relhas de arados e suas lanças, em podadeiras; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra***" (***Isaías 9:6, 7; 2:3, 4; Miqueias 4:2, 3***).

Uma das descrições mais claras do Reino de Deus aparece em ***Daniel 2:44***, que se segue à destruição das potências mundiais hostis: "O Deus do céu estabelecerá um reino [claramente aqui um império mundial] que nunca será destruído e deixado a outros povos; ele irá separar-se e consumir todos estes reinos, mas ele permanecerá para sempre". Em ***Daniel 7*** o mesmo reino prometido será administrado pelo Filho do Homem (a Auto designação preferida de Jesus) e pelos seus seguidores, o povo escolhido de Deus:

> "***E a ele*** [o Filho do Homem] ***foi dado domínio e glória e um reino, para que todos os povos e nações e homens de todas as línguas o pudessem servir. O seu domínio é um domínio eterno, que não passará; e o seu reino é um reino que não será destruído... então o poder e a grandeza de todos os reinos sob todo o céu será dado ao povo do Deus supremo. O seu poder real nunca acabará, e todos os domínios na terra os servirão e obedecerão***" (***Daniel 7:14, 27***, Tradução da Bíblia "Boas Novas").

A revolução associada com a instalação do Messias no seu Reino é descrita por Zacarias:

> "***Então, sairá o SENHOR e pelejará contra essas nações... O SENHOR será Rei sobre toda a terra; naquele dia... Todos os que restarem de todas as nações que vieram contra Jerusalém subirão de ano em ano para adorar o Rei, o SENHOR dos Exércitos***" (***Zacarias 14:3, 9, 16***).

Esta e muitas outras passagens dos profetas demonstram de forma incontestável que o Reino de Deus será um novo governo mundial na terra, administrado pelo Messias, o Rei escolhido por Deus, assistido por um grupo de associados chamados em ***Daniel*** "***dos santos do Altíssimo***" (***7:27***). A imagem de uma terra

restaurada é comum a todos os profetas. É a base da esperança messiânica resumida pelo termo "O Reino de Deus".

A esperança nacional de Israel, da qual o apóstolo cristão Paulo foi um defensor de pleno direito (***Atos 24:14, 15; 26:5-8***), tem sido descrita de forma viva e brilhante pelo grande profeta Isaías do século VIII a.C. Paulo estava convencido de que o Evangelho cristão tinha sido revelado, antes da vinda de Cristo, aos profetas de Israel (***Romanos 1:1,2; 16:25, 26; Gálatas 3:8; Tito 1:2***). Qualquer corte do Evangelho da sua revelação nas Escrituras do AT leva a um desastroso mal-entendido. Quando Paulo escreve sobre o Evangelho, assume que os seus leitores conhecem os antecedentes do Evangelho. os leitores conhecem os antecedentes do Evangelho do AT. No nosso tempo, porém, a maioria dos leitores aproxima-se das cartas de Paulo sem aquela compreensão indispensável do que os profetas pretendiam. compreensão do que os profetas queriam dizer com o Evangelho.

Várias passagens chave nos profetas foram reconhecidas como testemunhos da restauração de um governo sólido em Israel, a readmissão da realeza em Israel na pessoa do descendente prometido de David. Se o trono de David não reaparecesse em Israel, com o Messias como Rei, toda a revelação do AT se dissolveria numa lenda sem fundamento, se não mesmo numa fraude.

Isaías emprega o verbo "***pregar o evangelho***" numa série de passagens:

> "***Tu, ó Sião, que anuncias boas-novas, sobe a um monte alto! Tu, que anuncias boas-novas a Jerusalém, ergue a tua voz fortemente; levanta-a, não temas e dize às cidades de Judá: Eis aí está o vosso Deus! Eis que o SENHOR Deus virá com poder, e o seu braço dominará; eis que o seu galardão está com ele, e diante dele, a sua recompensa. Como pastor, apascentará o seu rebanho; entre os seus braços recolherá os cordeirinhos e os levará no seio; as que amamentam ele guiará mansamente***". "***Por isso, o meu povo saberá o meu nome; portanto, naquele dia, saberá que sou eu quem fala: Eis-me aqui. Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas-novas, que faz ouvir a paz, que anuncia coisas boas, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: O teu Deus reina! Eis o grito dos teus atalaias! Eles erguem a voz, juntamente exultam; porque com seus próprios olhos distintamente veem o retorno do SENHOR a Sião. Rompei em júbilo, exultai à uma, ó ruínas de Jerusalém; porque o SENHOR consolou o seu povo, remiu a Jerusalém. O SENHOR desnudou o seu santo braço à vista de todas as nações; e todos os confins da terra verão a salvação do nosso Deus***" (***Isaías 40:9-11; 52:6-10***).

Jesus viu-se a si próprio no papel de pregador desta boa nova. No seu discurso inaugural em ***Lucas 4:18, 19*** citou ***Isaías 61:1, 2***: "***O Espírito do SENHOR Deus está sobre mim, porque o SENHOR me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade a apregoar o ano aceitável do SENHOR***".

O cristianismo como pregado por Jesus é uma confirmação da visão sublime do futuro do nosso mundo. Jesus foi investido na sua primeira vinda para curar e restaurar apenas numa escala menor. A grande maioria do mundo permanece na escuridão. Na sua segunda vinda, inaugurará uma restauração mundial como anunciado por Pedro (***Atos 3:21***). Infelizmente a igreja, sob a influência da filosofia grega pagã, perdeu gradualmente o seu domínio sobre a grande proclamação do Reino dos profetas como um governo mundial sob a supervisão do Messias imortalizado. Essa promessa de um bom momento foi substituída por uma

perspetiva pálida, mística e vaga de uma existência desencarnada no "céu". O colapso da esperança cristã baseada no ensino de Cristo e dos profetas de Israel é rastejável às técnicas interpretativas (o termo é demasiado formal) de pais da igreja como *Orígenes* e *Agostinho*, que facilmente distorceram o significado completo do texto bíblico. A Bíblia forneceu em Apocalipse uma profecia culminante do Reino para a qual o resto da Escritura tinha olhado com expectativa. *Agostinho*, no entanto, optou por fazê-lo:

> "*Alegorizar as declarações do Apocalipse e aplicá-las à história da igreja (destruindo assim o futuro e levando-o para o presente). Os mil anos não devem ser interpretados literalmente, mas representa toda a história da igreja, desde a encarnação até ao conflito final. O reino dos santos é uma profecia do domínio do mundo pela igreja (agora!) Mas tal exegese é fraudulenta... Colocar tal interpretação sobre a frase "primeira ressurreição*" (***Apocalipse 20:6***) é simplesmente brincar com termos. Se colocarmos pretextos ao significado óbvio das palavras, então, como diz *Alford*: "*Há um fim para todo o significado na linguagem, e a Escritura é aniquilada como uma testemunha definitiva de qualquer coisa*". **[3]**

Notas Finais *2*

[1] O facto do futuro Reino prometido pelos profetas é bem conhecido das autoridades em teologia bíblica: "*Uma característica constante na figura escatológica do Antigo Testamento é a restauração de Israel à sua própria terra...a questão de como nos nossos dias devemos interpretar tais profetas é uma questão dupla. É uma questão, em primeiro lugar, do que os profetas queriam dizer. E a esta pergunta só há uma resposta, o seu significado é o sentido literal das suas palavras. Falaram do povo de Israel e da terra de Canaã e predisseram a restauração do povo à sua terra...não há dúvida quanto ao significado das profecias do Antigo Testamento; a questão é até que ponto este significado é válido agora*". ("*Hastings Dictionary of the Bible, art. Eschatology*" (**Dicionário Hastings da Bíblia, arte. Escatologia**), vol. 1. p. 737, enfase adicionada). A verdadeira questão, porém, é se estamos preparados para acreditar nos profetas. O que os profetas predisseram é claro. O problema é que as igrejas não acreditam no que escreveram! (***Atos 26:27***, onde Paulo desafia Agripa com a pergunta: ***Acreditas, ó rei Agripa, nos profetas?***").

[2] Tradução baseada no "*New International Old Testament Commentary*" (Novo comentário Internacional do Antigo Testamento), por *J.C. Allen*. 1976.

[3] "*Peake's Bible Commentary*" (Comentário sobre a Bíblia de Peake), p. 941, ênfase acrescentada.

3

Explicações Judaicas e Cristãs Tradicionais

Tomando a sua deixa desta explicação unificada dos profetas, os rabinos judeus recolheram das suas Escrituras as seguintes informações sobre o Messias e o seu futuro Reino:

1. O Messias seria um descendente da casa de David e o seu objetivo seria restaurar o Reino a Israel e estendê-lo pelo mundo.

2. Numa batalha final terrível pelo domínio mundial, os inimigos de Deus, concentrados num único Anticristo, serão derrotados e destruídos.

3. O estabelecimento do Reino do Messias, seguido da derrota do Anticristo, resultará em hegemonia espiritual e política. A hegemonia espiritual e política de Israel, quando todas as nações serão ensinadas a aceitar a unidade de Deus, reconhecendo a regra do Seu representante, o Messias, e a procurar a instrução da lei.

Não há dúvida de que a fonte desta informação são as Escrituras do AT. Não é menos claro que a esperança alimentada pelos profetas foi plenamente confirmada por Gabriel quando ele nomeou Jesus como o Messias. quando ele designou Jesus como o soberano prometido em quem o governo mundial há muito esperado será realizado. o governo mundial será realizado:

> "***Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó, e o seu reinado não terá fim***" (***Lucas 1:32, 33***).

Lucas deu-nos nestes versículos uma declaração cristã definitiva, da mais alta autoridade, sobre o destino de Jesus. Ele irá restaurar a sorte do seu povo e governar o mundo a partir de Jerusalém como o rei divinamente nomeado. A esperança era social, espiritual e política ─ e relacionada com a terra! A crença no Reino vindouro estava no coração do cristianismo do NT, como Lucas, companheiro de viagem de Paulo, ensinou Teófilo (***Lucas 1:1-4***).

À luz da mensagem unânime dos profetas hebreus, o povo judeu concluiu geralmente que a reivindicação de Jesus ao Messias devia ser rejeitada. Eles argumentam da seguinte forma:

> "*Uma vez que a pretensão de ser o Messias implica que se derrubará as potências mundiais, e uma vez que Jesus não derrubou o poder romano na Palestina nem estabeleceu o Reino de Deus, Jesus e os seus discípulos estavam enganados ao acreditarem que ele era o Messias prometido. Os documentos NT apresentam, portanto, uma reclamação falsa*".

Confrontado com os mesmos dados, o cristianismo tradicional tem raciocinado desta forma:

> "*Uma vez que Jesus afirmou ser e ser de facto o Messias, e uma vez que o domínio romano na Palestina não foi derrubado e o reino Messiânico não foi estabelecido na terra, Jesus não podia ter a intenção de levar a cabo o programa Messiânico. A Palestina não foi derrubada e o Reino Messiânico não foi estabelecido na terra, Jesus*

não podia ter a intenção de levar a cabo o programa Messiânico como os judeus esperavam. Ele deve então ter reinterpretado a esperança messiânica dos profetas para excluir qualquer ideia de revolução política e o estabelecimento de um governo messiânico na terra".

A fim de sustentar esta linha de raciocínio, os teólogos gastaram uma energia erudita considerável num esforço para nos convencer de que a compreensão judaica do Reino e a conceção que Jesus lhe deu foram irreconciliavelmente opostas. Acima de tudo, não devemos pensar que Jesus tinha qualquer ambição política. político. Os seus objetivos, como há muito se tem vindo a realizar, eram inteiramente 'espirituais'. A essência desta convicção profundamente arraigada e antiga pode ser resumida como se segue:

"*Muitos em Israel estavam à procura de salvação através do Messias, um ungido, que Deus enviaria para governar o Reino de Deus. Deus enviaria para governar o reino terreno. Ele traria glória a Israel, destruindo o mal e estabelecendo a justiça com poder irresistível. O que Jesus fez é muito diferente. Ele estabeleceu o Reino no coração dos seus seguidores*".

Os trabalhos padrão refletem consistentemente a mesma visão de Jesus e do Reino. Comum a todos eles, pelo menos, é o reconhecimento de que o Reino foi a base de tudo o que Jesus ensinou. Mas o Reino, longe de ser um governo mundial, está reduzido a um governo ético de Deus no coração dos homens:

"O peso da mensagem de Jesus foi: o Reino de Deus é a vontade do Pai celestial entronizado nos corações dos homens. Ele ensinou que a fé em Deus trará uma nova ordem de coisas onde os cuidados e medos da vida serão abandonados...pela oração dos corações que foram purificados pelo arrependimento e pelo desejo sincero de uma vida melhor, a presença de Deus será obtida, o Seu Reino virá e a recompensa dos homens será a comunhão com Deus". **[1]**

Surpreendentemente, este tipo de descrição do Reino tem sido aceite pelo público que vai à igreja como um reflexo satisfatório do Reino que aparece nos documentos cristãos. No entanto, a opinião popular omite qualquer referência à segunda vinda de Jesus e ao consequente Reino Messiânico à terra. Além disso, a definição padrão do Reino está aberta a uma grande objeção: é completamente contraditório pretender ser o Messias e, ao mesmo tempo, rejeitar todos juntos o papel político que as Escrituras Hebraicas designam para o Messias e que é o ponto principal do Messianismo! Não faz qualquer sentido que Jesus pudesse falar do Reino de Deus (e de si próprio como Messias) enquanto negava o significado dessa frase como a restauração de um governo mundial teocrático na terra, com Jerusalém como metrópole de uma nova sociedade, como todos os profetas hebreus a tinham concebido. A rejeição do reino político externo é mais impossível quando se afirma constantemente, como fez Jesus, que as escrituras hebraicas são a fonte inspirada e autorizada de toda a verdade religiosa. Uma vez que nenhuma nova ordem política na Terra surgiu como resultado do ministério de Jesus, os comentadores escolheram entre duas alternativas: Jesus nunca afirmou ser o Messias, caso em que os seus discípulos devem ter-lhe atribuído erroneamente esse título; ou ele afirmou ser o Messias, mas usou o título e a frase "Reino de Deus" de uma forma radicalmente nova que o divorciou para sempre das suas raízes VT, sobretudo despojando-o de qualquer significado político.

Notas finais 3

[1] "*New Age Encyclopedia*" (Enciclopédia Nova Era), Londres: Simpkin, Marshall, Hamilton, 1925, Vol.6, pp. 176,177.

4

Uma terceira solução

Nenhuma destas soluções faz justiça às provas dos documentos bíblicos. Em ambos os casos, grandes secções dos dados disponíveis são simplesmente desconsideradas. A sugestão de que Jesus não afirmou ser de facto o Messias, tornaria todo o NT fraudulento. Mas não é menos problemático sustentar que Jesus abandonou a esperança nacional judaica do AT para um governo mundial messiânico, previsto por todos os profetas. Existem amplas provas no NT que demonstram que ele não fez tal coisa. Resta, portanto, uma terceira opção. Com os seus contemporâneos, Jesus usou normalmente a frase "Reino de Deus" para descrever a nova ordem política na terra prometida pela Sagrada Escritura, mas ele e os seus apóstolos compreenderam por vezes o termo para incluir uma fase preliminar na atividade do Reino:

1.- O seu anúncio do reino messiânico de Deus como uma antecipação do seu estabelecimento mundial no regresso de Jesus à terra em poder e glória.
2.- uma demonstração do poder do Reino de Deus investido em Jesus, e dos Seus seguidores escolhidos, manifestada nos Seus Uma demonstração do poder do Reino de Deus investido em Jesus, e dos seus seguidores escolhidos, manifestada nas suas curas e exorcismos.
3.- O recrutamento de discípulos através do ministério de Jesus e a sua formação para a liderança no próximo reino messiânico, bem como a participação na proclamação do Reino antes da Sua vinda. antes da sua vinda.
4.- A morte do Messias pelos pecados do mundo.

A sua ascensão e sessão à direita do Pai (como predito pelo ***Salmo 110:1***) **[1]** antes do seu regresso para inaugurar o Reino como a ordem social e política renovada na terra.

É importante notar que estes desenvolvimentos preliminares no progresso do Reino não foram claramente distinguidos pelos profetas do AT do pleno estabelecimento mundial do Reino na Terra, embora em retrospetiva possamos ver indicações claras das duas fases do programa divino espalhadas por toda a Escritura do AT. No cristianismo tradicional, falar do Reino de Deus como a descrição da "vida cristã" eclipsou hoje ao ponto de obscurecer, e mesmo eliminar, o sentido (político) do Reino como o estabelecimento de um governo mundial divino, que, para Jesus e todo o NT, bem como para os profetas, será o grande acontecimento precipitado pela sua segunda vinda. **[2]**

O Reino ensinado por Jesus é antes de mais nada a nova ordem na terra associada a uma grande crise futura na história, para ser marcada pelo seu regresso ao poder. Para Jesus, o reino ainda não chegou. Temos de rezar pela sua vinda. **[3]** Certamente o poder do Reino foi estabelecido no seu ministério, mas isto foi apenas uma antecipação da vinda do Reino, que ainda repousa no futuro, e que depende inteiramente do regresso de Jesus, como Rei, para se estabelecer.

Se o NT for lido numa perspetiva que permita tanto uma presente manifestação preliminar do Reino como o seu futuro estabelecimento mundial na Segunda Vinda, torna-se claro que Jesus nunca por um momento privou o Reino de Deus do seu significado político e territorial dado pelos profetas e incorporado na religião judaica como a grande esperança da nação. Jesus, contudo, não esperava, na sua primeira vinda,

introduzir politicamente o Reino messiânico. No entanto, todo o seu ensino foi orientado para a preparação dos seus seguidores para a vinda do Reino Messiânico. No final do seu ministério, sujeitou-se à crucificação às mãos das autoridades romanas e judaicas, prometendo que voltaria após a sua ressurreição e um intervalo não especificado, para inaugurar o Reino política e universalmente, cumprindo assim em todos os detalhes as previsões de todas as profecias do AT, bem como vindicando a sua reivindicação ao gabinete Messiânico. **[4]**

Notas Finais *4*

[1] Este versículo é citado ou aludido no NT mais do que em qualquer outra passagem do AT. É obviamente da maior importância para a nossa compreensão do cristianismo apostólico.

[2] Compare; *The Century Bible* (A Bíblia do século)*, "Introduction to Thessalonians"* (Introdução aos Tessalonicenses), p. 29: "*Tem-se argumentado recentemente que o Reino de Deus foi o tema principal do ensino de Jesus, que sempre quando falou do Reino de Deus significava aquela nova ordem triunfante do futuro que será estabelecida no seu regresso a este mundo em glória com os anjos*". A referência é a *John Weiss* ("*Jesus' Preaching on the Kingdom of God*" ─ A Pregação de Jesus sobre o Reino de Deus), 1982. *Weiss* corretamente observou com razão, que Jesus sempre falou de um verdadeiro Reino do futuro. Depois prossegue para nos dizer que tal o ensino era irrelevante para nós hoje em dia!

[3] ***Mateus 6:10*** "***venha o teu reino***". "***vindo José de Arimateia, ilustre membro do Sinédrio, que também esperava o reino de Deus***" (***Marcos 15:43***).

[4] Compare. *The Century Bible Commentary* (A Biblia do Seculo, Comentário), *"Introduction to Thessalonians"* (Introdução aos Tessalonicenses), p. 30: "*O que os judeus esperavam na primeira vinda de Cristo, os cristãos estavam inclinados a esperar na segunda vinda*".

5

O Messias Não Político de Cristianismo Tradicional

As versões tradicionais do cristianismo têm sido curiosamente relutantes em reconhecer a dimensão política do ensino de Jesus. Os comentadores trabalharam para a excluir, empregando uma bateria de diferentes estratagemas para a erradicar. Este processo envolveu nada menos do que um feito em que as declarações bíblicas mais claras foram esvaziadas do seu significado óbvio.

Estas técnicas não escaparam às críticas dos expositores que se apercebem de que foi cometida violência contra o texto sagrado. O comentário de *Albert Schweitzer* merece ser citado neste contexto:

> "*Muitos dos grandes ditos* (de Jesus) *são encontrados depositados num canto como conchas explosivas, das quais as suas cargas foram retiradas... fizemos com que Jesus tivesse uma linguagem no nosso tempo diferente da que ele realmente tinha*". **[1]**

Schweitzer estava convencido de que o significado da crise de Jesus e o fim do mundo representavam o próprio coração da sua mente e da sua mensagem, e que os nossos registos não fazem sentido se não forem vistos sob esta luz.

Outro comentador, *David Baron*, queixou-se de que as palavras dos profetas foram mal interpretadas pelos expositores de uma forma que remove a realidade do futuro Reino de Deus. O que *Barão* diz dos comentários sobre o profeta Zacarias aplica-se igualmente bem a muito tratamento tradicional do Reino de Deus no ensino de Jesus:

> "*Quase todas as obras existentes sobre este livro profético são, de uma forma ou de outra, defeituosas, e algumas delas são mesmo erradas. Os comentários mais antigos, embora elogiados pelo seu reverente tom espiritual e ensinamentos práticos, e alguns deles contendo uma boa parte de material filológico e histórico sólido, são mais ou menos invalidados pelo princípio da interpretação alegórica através do qual todas as referências a um Reino de Deus concreto na terra, uma restauração literal de Israel e uma aparência e reinado visível do Messias são erradicadas*". [2]

Uma vez que o Reino estava no centro de tudo o que Jesus ensinou, e uma vez que ele apoiou plenamente as esperanças dos profetas [3], a remoção do Reino Messiânico irá ameaçar a substância da mensagem cristã. Os incalculáveis danos causados pelo "princípio alegórico da interpretação" (uma frase extravagante para "erradicar") não se limitaram ao livro de Zacarias. Quase todos os comentários padrão sobre o NT são defeituosos pelas razões indicadas por *David Baron*. O ensino de Jesus sofreu um colapso devastador quando os expositores já não reconheceram que o Reino de Deus significa, antes de mais, o que sempre significou para os profetas: "um Reino concreto de Deus na terra" a ser iniciado pelo acontecimento conhecido no VT como o Dia do Senhor e no NT como a Segunda Vinda de Jesus. **[4]** O significado habitual do termo "Reino de Deus" nos lábios de Jesus é a nova ordem a ser inaugurada com o seu regresso. Isto corresponde exatamente à descrição do VT que reina (ou seja, na pessoa do Seu Rei escolhido, o Messias).

[5] A teologia tradicional parece ter esquecido que Jesus veio para "***para confirmar as promessas feitas aos nossos pais***" (***Romanos 15:8***), e os Pais, começando por Abraão, estavam à espera de "***herdar o mundo***" (***Romanos 4:13***). As promessas feitas a Abraão, que o NT endossa, baseavam-se na esperança de assumir o controlo da terra (comparar; a recompensa de Jesus aos seus discípulos:

"***terás autoridade sobre dez cidades***" (***Lucas 19:17***). A esperança acendida por Jesus não é diferente. Ele prometeu aos mansos que um dia "***herdarão a terra***" (***Mateus 5:5***), e que Deus "***dar-vos o seu reino***" (***Lucas 12:32***). *O Cristianismo do NT promete aos seus aderentes posições administrativas num novo governo destinado a aparecer na terra quando Jesus regressar*.

Um Messias que não assume o seu cargo de governante de um império universal centrado em Jerusalém não é o Messias esperado pelos profetas e prometido por Gabriel a Maria. ***(Lucas 1:32-35***). É justo perguntar, então, se o Jesus da teologia tradicional, do qual pouco ou nada foi dito sobre um império mundial, é o Messias dos profetas. dito sobre um império mundial na terra inaugurado por uma crise futura, pode ser o Jesus Messias da Bíblia.

Notas Finais *5*

[1] "*Search for the Historical Jesus*" (Procura do Jesus Histórico), New Cork: MacMillan, 1968, prim. Pub. 1910, p.400.

[2] "*The Prophecies of Zechariah*" (As profecias de Zacarias), Londres: Marshall, Morgan & Scout, 1962, pp. viii, ix, ênfase acrescentada.

[3] ***Mateus 5:17***, "***Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas***". ***Romanos 5:18***, "*Jesus Cristo foi um ministro da circuncisão para confirmar as promessas feitas aos pais*".

[4] Ver por exemplo ***1 Tessalonicenses 5:2; 2 Tessalonicenses 2:2; 1 Coríntios 1:8; 2 Coríntios 1:14***. O dia do Senhor é o mesmo que o dia da vinda do futuro de Cristo.

[5] Ver, para além de muitas outras passagens, ***Isaías 52:7-10, 32:1; Salmos 2; Zacarias 14:9*** y seguintes, ***Apocalipse 11:15-18, Salmos 96-101***, "que descreve o dia em que o Senhor se tornou Rei - começou a reinar".

6

O Reino Político Futuro nos Ensinamentos de Jesus

Uma série de afirmações de importância crítica de Jesus não receberam a atenção que mereciam. Estes são versos que demonstram que Jesus estava bem consciente da natureza política do Reino e que, como Messias, estava destinado a administrá-lo no seu regresso no fim dos tempos.

Qualquer pessoa que afirmasse ser o Filho prometido de David não poderia deixar de se impressionar com a importância fundamental do pacto feito com David, descrito em ***2 Samuel 7*** (paralelo com ***1 Crónicas 17***). **[1]** Como é bem sabido, formou a base da promessa de Deus de produzir a paz na terra através do Seu Rei escolhido. **[2]** Foi amplamente reconhecido pela leitura das Escrituras Hebraicas que a glória do Reino de David acabaria por ser restituída a Israel, com benefícios para todo o mundo, quando o Messias empreendesse o seu reinado. Assim, era essa esperança proeminente que os discípulos aguardavam impacientemente ("A Consolação de Israel"), não só antes do nascimento de Jesus, mas depois de Ele ter completado o seu breve ministério na Palestina. A expectativa nacional do Reino Messiânico permanece central para o registo cristão: O justo e devoto Simeão "***que esperava a consolação de Israel; e o Espírito Santo estava sobre ele***" (***Lucas 2:25***). Ana, a profetisa, louvada por Lucas pela sua excecional devoção a Deus, "***que esperavam a redenção de Jerusalém***" (***Lucas 2:38***). José de Arimateia, que Mateus descreve como discípulo de Jesus (***Mateus 27:57***), era um homem "***(que não tinha concordado com o desígnio e ação dos outros)… e que esperava o reino de Deus***" (***Lucas 23:51***). Isto foi depois da morte de Jesus. Ele evidentemente não acreditava que o Reino tinha vindo com o ministério de Jesus embora, certamente, os registos descrevem o seu ministério como uma antecipação do Reino (***Mateus 11:5***).

Do mesmo modo, o ladrão na cruz reconheceu a certeza da futura vinda do Reino quando implorou a Jesus para participar nele:

> "***Jesus, lembra-te de mim quando vieres*** [isto é, para inaugurar] ***no teu reino***" (***Lucas 23:42***).

Precisamente o mesmo entusiasmo pelo Reino motivou o pedido da mãe de Tiago e João em nome dos seus filhos. O seu pedido revela a ideia cristã bíblica do Reino Messiânico, e Jesus nada fez para perturbar a sua compreensão do tipo de Reino que seria.

> "***Manda que, no teu reino, estes meus dois filhos se assentem, um à tua direita, e o outro à tua esquerda***". (***Mateus 20:21***).

O Reino que Ele tinha em mente não estava certamente limitado a um Reino no coração. A resposta de Jesus confirmou que a honra de estar sentado num lugar especial no Reino estava reservada "*para aqueles para quem foi reservado*" (***Mateus 20:21***). reservado "***para aqueles a quem está preparado***" (***Marcos 10:40***). Além disso, acrescentou que a grandeza no próximo reino de Deus é para aqueles que primeiro aceitam o papel de servo, como ele próprio fez (***Marcos 10:42-45***, comparar; ***Filipenses 2:6-8***). Mas não há dúvida na mente de Jesus sobre a natureza do futuro reino, nem sobre o seu estatuto. Os discípulos não

foram censurados por algum mal-entendido sobre o facto de um futuro Reino de Deus em que as posições de honra poderiam ser ocupadas por aqueles que de honra poderia ser ocupada por crentes. Precisavam apenas de aprender que o caminho para a grandeza se ganha através da humildade e do serviço.

A questão do objetivo do cristão é imensamente importante no registo dos ensinamentos de Jesus. Os Apóstolos foram instruídos por Jesus a reconhecer o Reino prometido como o coração do Novo Pacto. Para eles o objetivo supremo da vida cristã era assistir o Messias na administração do seu Reino. Na Última Ceia, disse-lhes ele:

> "***Vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações. Assim como meu Pai me confiou um reino, eu vo-lo confio, para que comais e bebais à minha mesa no meu reino; e vos assentareis em tronos para julgar as doze tribos de Israel***". (***Lucas 22:28-30***).

Apenas alguns momentos depois Jesus tinha dito que não voltaria a beber o vinho da Páscoa com eles "***até que venha o reino de Deus***" (***Lucas 22:16, 18***). Depois comerão e beberão na Sua presença, reunidos com Ele, como executivos do Reino. Essa gloriosa ocasião será "***quando, na regeneração*** [literalmente, "quando o mundo nascer de novo"]***, o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória***" (***Mateus 19:28***).

Os Apóstolos não tinham dúvidas quanto ao momento em que isto seria cristalizado, pois Jesus também disse:

> "***Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória***" (***Mateus 25:31***).

As implicações de tudo isto são claras para que todos possam ler. Haverá um Reino inaugurado com o regresso de Cristo no início da Nova Era. Haverá tronos e governará sobre as doze tribos reunidas na terra. E haverá uma comunhão com Jesus nessa Nova Era, uma comunhão que não será retomada "***até que venha o reino de Deus***" (***Lucas 22:18***).

Enquanto estas informações sobre o Reino de Deus formam o quadro de tudo o que Jesus ensinou, em que medida é que este reino desempenha algum papel no que viemos a chamar "cristianismo"?

Notas Finais *6*

[1] A importância deste pacto é vista nas referências a ele em ***Salmos 72:89***, e ***Lucas 1:32-35***.

[2] Esta intervenção divina é vividamente descrita nos Salmos, especialmente nos ***Salmos 2 e 110***. Tanto a comunidade de Qumran como os cristãos viram a aplicação de ***2 Samuel 7:14*** no libertador prometido (***Hebreus 1:5; Lucas 1:35***).

7

A Partida e Regresso do Homem Nobre

Numa outra ocasião, Jesus tinha lançado mais luz sobre o Reino de Deus, comparando-se com um homem nobre que estava destinado a partir e mais tarde regressar para assumir o Reino do seu Pai. Jesus revelou esta parábola com a ideia de clarificar, em termos simples, os cenários do plano divino na história. Como ele e os seus discípulos se encontravam nas proximidades de Jerusalém, aproximando-se da cidade que cada um reconhecia ser a capital do Reino, a sua audiência - muitos dos quais tinham aceite a sua reivindicação ao ofício Messiânico ─ esperava muito razoavelmente "***que o reino de Deus havia de manifestar-se imediatamente***" (***Lucas 19:11***).

O relato de Lucas não nos deixa dúvidas de que o Reino de Deus em discussão era um Reino fundado em Jerusalém, e a proximidade geográfica do Rei à capital excitou a excitação em que as esperanças dos profetas e da nação foram depositadas. dos profetas e da nação estavam agora finalmente para ser realizados. A parábola que se segue foi para ensinar a lição de que o Reino não iria aparecer imediatamente. Que acabaria por parecer que não estava em disputa. Além disso, o seu aparecimento significaria a destruição dos inimigos de Jesus:

> "***Quanto, porém, a esses meus inimigos, que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui e executai-os na minha presença***" (***Lucas 19:27***).

Nem por um momento Jesus sugeriu algo que fizesse as pessoas entenderem mal a natureza do Reino, ou que procurassem apenas um reino "no coração". Através de uma história simples sobre o homem nobre, ele deixou claro que o Reino de Deus não será estabelecido publicamente até que ele regresse do céu depois de ter recebido a sua autoridade real do Pai. No seu regresso, Ele exercerá o Seu poder real executando os Seus inimigos por se recusarem a submeter-se à Sua soberania (***Lucas 19:27***). Ao mesmo tempo, os seus fiéis seguidores serão recompensados pelo seu serviço produtivo enquanto o seu amo estava ausente, sendo postos a cargo das populações urbanas no Reino (***Lucas 19:17***).

A parábola faz perfeito sentido como uma confirmação do que o célebre ***Salmo 2*** predisse do Messias, o ungido do Senhor. De acordo com este Salmo, Deus prometeu dar ao seu Messias "***as nações por herança e as extremidades da terra por tua possessão***" (***versículo 8***). O Rei "***Com vara de ferro as regerás e as despedaçarás como um vaso de oleiro***" (***versículo 9***). No mesmo Salmo, os governantes mundiais com os quais o Messias se confronta no seu regresso foram exortados a "***Beijai o Filho para que se não irrite, e não pereçais no caminho***" (***versículo 12***). Tanto os judeus como Jesus reconheceram no ***Salmo 2*** uma predição da conquista mundial do Messias na sua vinda ao poder. Em Jesus, a comunidade cristã viu "***um filho varão, que há de reger todas as nações com cetro de ferro***" (***Apocalipse 12:5***). De facto, o desafio a uma posição sobre as nações foi concebido pelo Jesus ressuscitado para estimular os fiéis a suportar até ao fim (***Apocalipse 2:26***). **[1]**

Notas finais *7*

[1] Ver ***Apocalipse 11:15; 12:5; 12:10; 19:15*** para a aplicação do *Salmo 2* a Jesus; também ***Atos 4:25; 13:33***, esta última referência à conceção de Jesus quando Deus O trouxe à existência (comparar; Mateus 1:20, "***gerado***"; ***Lucas 1:35***). ***Atos 13:34***, em contraste com o ***versículo 33***, fala da Sua ressurreição. *Atos 13:33* fala da geração do Filho de Deus no ventre de Sua mãe.

8

Jesus, o Messias Judaico-Cristão

Os dados que examinámos revelam um Jesus que é profundamente uma figura política, embora não tenha exercido nenhuma da sua autoridade política na sua primeira vinda, e se tenha mantido e aos seus seguidores estritamente separado da política da época. **[1]** Ele demonstrou no seu ministério as qualidades de ternura e compaixão que justificam a sua pretensão de refletir o carácter do seu Pai. O contraste entre o servo sofredor que mais tarde se torna o rei conquistador mostra o extraordinário alcance da personalidade de Jesus. No primeiro século ele não "*lutou ou gritou...uma cana machucada ele não se partiu e um pavio que não se apagou*" (***Mateus 19:20***). Nem então Ele fez julgamentos em assuntos seculares; mas no Seu regresso em glória Ele está destinado a julgar as nações e a governá-las com uma vara de ferro (***Apocalipse 19:15***). Qualquer retrato que não admita as cores de ambos os aspetos da atividade do Messias está irremediavelmente distorcido. A crença no Jesus da história, que é necessariamente também o Jesus da fé, deve ser baseada na gama completa da verdade revelada sobre ele.

O ensino cristão tradicional tem quase inteiramente descontado o elemento político no ensino de Jesus, quer ignorando as afirmações sobre o domínio, que Ele esperava para Si e para os Seus, quer mantendo, ao contrário da evidência clara do NT, que os cargos executivos prometidos aos Seus discípulos seriam assumidos agora, antes da Segunda Vinda. A teoria de que foi oferecida aos Apóstolos uma realeza sobre a Igreja está em choque com o claro ensino do NT de que "***quando, na regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória***" (***Mateus 19:28; 25:31***), e não antes, que os seguidores do Messias partilharão a realeza com Ele. O homem nobre da parábola teve de regressar do céu antes de ser autorizado a lidar com os seus inimigos e governar com os seus fiéis no seu Reino. Até Cristo regressar os discípulos devem persistir em rezar "***venha o teu reino***" e não é até que "*venha o reino*" (***Lucas 22:18***) que Jesus se sentará com os seus discípulos, no Reino que lhes prometeu partilhar.

A visão amplamente defendida de que a promessa de governar se aplica a um período anterior à Segunda Vinda representa um deslocamento fatal do esquema bíblico, e tem tido o efeito trágico de promover uma visão totalmente não bíblica do futuro e de levantar um véu sobre a realidade do futuro. de promover uma visão totalmente não bíblica do futuro e de lançar um véu sobre a realidade do Reino de Deus que entrará em funcionamento. Reino de Deus que virá à existência quando Jesus regressar. A mente de Jesus é plenamente revelada no Apocalipse que Ele comunicou através do amado Apóstolo João. Encontramo-lo corroborando a sua exortação a persistir até ao Grande Dia:

> "***Ao vencedor, que guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei autoridade sobre as nações, e com cetro de ferro as regerá e as reduzirá a pedaços como se fossem objetos de barro... Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci e me sentei com meu Pai no seu trono***". (***Apocalipse 2:25-27; 3:21***).

Estas são as palavras do próprio Salvador (***Apocalipse 2:18 —*** "***Estas coisas diz o Filho de Deus***"), e as igrejas são exortadas a "***ouvir o que o Espírito lhes diz***". É difícil ver como o religioso médio não possui

nada como a perspetiva do futuro incutida por Jesus nestes versículos. O cristianismo tradicional parece não ter feito nada com estes ensinamentos cristãos centrais. As palavras que citamos do Apocalipse são, afinal de contas, apenas uma confirmação do que Jesus já tinha estabelecido perante os Apóstolos como o objetivo da sua fidelidade ─ juntar-se a ele na administração de um Israel e do mundo. **[2]**

Apesar de esta esperança Messiânica pletórica ter sido incutida por Jesus, os comentadores expressaram a sua antipatia ao seu Messianismo, rotulando a atividade do Messias descrita no ***Salmo 2*** e repetida nas palavras de Jesus no Apocalipse como "anticristã". Eles não conseguem ver como a atividade do rei descrita no ***Salmo 2*** pode ter qualquer relevância para Jesus. Apesar da sua própria citação do ***Salmo 2*** com referência a si próprio e à sua igreja, o comentário seguinte não é atípico:

> "*O **Salmo 2** não pode ser estritamente considerado como referindo-se a Jesus, em parte porque o estabelecimento do Rei no monte santo de Sião não teria relevância no seu caso; e em parte porque a conceção da sua função como destruidor dos seus inimigos em pedaços é anticristã*". **[3]**

Os teólogos que contestam esta opinião são apanhados numa trágica contradição. Enquanto dizem que aceitam Jesus como Cristo, tentam circunscrever as suas atividades de uma forma que exclua mais o Messias bíblico. Jesus não partilhou os escrúpulos dos teólogos sobre o segundo Salmo, porque no Apocalipse que concedeu a João, e através dele na igreja, instou os fiéis a avançarem para o objetivo de partilhar "*autoridade messiânica sobre as nações*". As promessas dos privilégios reais são claras para além de qualquer disputa no ***Apocalipse 2:26 e 3:21***, como estão em ***Mateus 19:28 e Lucas 22:28-30*** (citado acima). No ***Apocalipse 3:21*** Jesus distingue cuidadosamente entre a sua atual coordenação com o Pai no trono do Pai e o Seu futuro Reino no Seu próprio trono no Reino Messiânico: "***Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci e me sentei com meu Pai no seu trono***". É precisamente isso que antecipamos do ensino de Jesus nos Evangelhos e no AT que Jesus aceitou como a palavra autoritária de Deus.

O reconhecimento e aceitação do tom messiânico dos ensinamentos de Jesus sobre o Reino lançarão uma luz totalmente nova sobre a sua pessoa e ministério. É amplamente reconhecido que a nossa compreensão das "últimas coisas" (escatologia) caiu um pouco num estado de confusão, **[4]** com os comentadores mais brilhantes a fazerem aparentemente o seu melhor para se livrarem de todo o problema do futuro. É importante compreender que a confusão sobre o futuro significa confusão sobre o Evangelho de Jesus que está intimamente ligado à visão apocalíptica da história, uma visão que vê todo o desafio da existência humana num esforço para participar no Reino de Deus a ser manifestado na Nova Era inaugurada na Segunda Vinda (de Cristo). Uma vez que se veja que a esperança apocalíptica do AT para uma intervenção divina final nos assuntos do nosso mundo permanece intacta (inteira) no NT, a teologia voltará a proclamar a mensagem de Jesus sobre o Reino de Deus em vez de usar um arsenal extraordinário de estratagemas graves concebidos aparentemente para afastar do ensino de Jesus qualquer coisa que não possa ser harmonizada com "a nossa moderna perspetiva científica".

Notas Finais *8*

[1] Há um sentido em que a missão foi profundamente política desde o início. O NT descreve-o como lutando com forças sobrenaturais de Satanás. Seria apropriado incluir este emaranhado na "política cósmica". Para o cristianismo bíblico, a batalha entre Jesus e Satanás é a verdadeira questão. E é uma luta pelo domínio mundial ainda por resolver, embora a promessa do triunfo final de Jesus esteja assegurada. Deus, em Cristo, está a reconquistar a terra rebelde das garras do Diabo. Contudo, devido à teimosia e cegueira humanas, Satanás ainda é "***o deus deste século***" (***2 Coríntios 4:4; 1 João 5:19; Apocalipse 12:9***).

[2] ***Mateus 19:28; Lucas 22:28-30; Apocalipse 2:26; 3:21; 5:10; 20:1-6***.

[3] "*Dictionary of Christ and the Gospels, New York*"(Dicionário de Cristo e os Evangelhos, Nova Iorque). Scriber's Sons, Vol.2, p. 452. Na Segunda Vinda Jesus trabalhará como o agente da ira de Deus contra um mundo hostil. Entretanto, os cristãos são obrigados a não lidar violentamente com os seus inimigos (***Mateus 5:39, 44***).

[4] *Rahm* fala de "*a divisão fútil do cristianismo evangélico em questões proféticas e escatológicas*" ("*Protestant Biblical Interpretation*" ─ Interpretação Bíblica Protestante, Baker, 1970, p.244).

9

O Indefinido Reino Futuro do Cristianismo Tradicional

No ensino de Jesus, o futuro é sempre proeminente e o presente é significativo como preparação para o fim e para a era em que Cristo regressa. Qualquer teologia que não funcione dentro deste quadro perdeu o seu fundamento na Bíblia.

A bolsa de estudo reconhece que Jesus falou do Reino de Deus como futuro e, no entanto, como em certo sentido, como presente. Para além desta bolsa de estudo parece relutante em mudar de ideias. A bolsa de estudo não definiu o significado do futuro Reino. Esta imprecisão sobre o Reino conduz automaticamente a uma imprecisão sobre o Evangelho ─ que é o Evangelho do Reino ─ e ameaça obscurecer toda a mensagem cristã.

O NT não é silencioso, como já vimos, sobre o futuro Reino. Se só de vez em quando se explicitam os detalhes da futura teocracia do Messias em que a Igreja participará como executiva com Cristo, isto deve-se ao facto de o NT assumir que a doutrina do Reino será entendida através do AT. O NT nunca indica que o maior detalhe fornecido pelos profetas tenha sido ultrapassado. Tudo o que os profetas revelaram sobre o futuro Reino e o Reino do Messias aguarda o seu cumprimento na vinda de Jesus em glória. A esperança na restauração de Israel está implícita em toda a parte como parte da herança cristã que Jesus nunca questionou. Isto ficou particularmente claro na promessa de Jesus aos doze Apóstolos de que presidiriam às doze tribos na Nova Era (***Mateus 19:28***). A ideia não tem origem no NT. O salmista previu um tempo em que Israel reunido viveria em paz sob a administração dos "***tronos da casa de David***" (***Salmos 122:5***). Isaías falou de Jerusalém restaurada à perfeição, e os seus administradores purificados "***como no princípio***" (***Isaías 1:26***), e de um rei ideal governando com os seus príncipes (**Isaías 32:1**). No NT, o livro do Apocalipse reúne muito propositadamente e especificamente as vertentes da profecia messiânica e relaciona-as com a segunda vinda. É o Apocalipse Cristão - como pode ser qualquer outra coisa, já que o seu autor é Jesus Cristo (***Apocalipse 1:1***)? Falar do Apocalipse como "judeu", como se isto significasse que não é, portanto, cristão, é fundamentalmente enganador. O próprio cristianismo é profundamente judeu. Jesus é um judeu cujo ensino está enraizado na herança de Israel. No livro do Apocalipse ele confirma muito do que já foi registado nos evangelhos. As exortações de Jesus às igrejas em ***Apocalipse 2 e 3*** mostram que ele subscreveu sinceramente o messianismo tradicional do AT. Este facto não pode ser evitado a não ser através do recurso drástico à negação da qualidade ou da profissão do autor do Apocalipse o Cristo ressuscitado e através da supressão de muitos ditos apocalípticos dos Evangelhos.

É a tragédia da erudição crítica que, em desespero de criar um Jesus que se ajuste à sua visão do que o salvador deve ser, tentou uma apresentação do cristianismo que simplesmente ignora ou elimina vastas quantidades do registo cristão. A bolsa de estudo ofereceu assim uma reconstrução radical da doutrina do Reino do AT e do NT, e assim atribuiu a sua própria criação a Jesus!

10

A Eliminação Teológica do Reino do Futuro

Os escritos teológicos do nosso tempo estão cheios de provas para mostrar quão injustamente o ensino de Jesus sobre o Reino tem sido tratado. Alguns dos mais distintos comentadores parecem determinados a exterminar o Reino escatológico que Jesus tão habitualmente pregava. Os protestos contra essa erradicação sistemática do ensino de Jesus aparecem frequentemente apenas em notas de rodapé. Merecem uma divulgação mais ampla.

Por exemplo, *Leon Morris* fala da "escatologia realizada" de *C.H. Dodd* ─ a teoria de que o Reino veio com o ministério de Jesus e não deve ser procurado no futuro ─ como "insatisfatório para muitos". Insatisfatório! Essa teoria destrói efetivamente a esperança do Reino para a qual todo o NT, realmente toda a Bíblia, é estendida. *Leon Morris* explica a teoria de *Dodd*:

> "*O* "***eschaton***" (o fim) *passou do futuro para o presente, da esfera da expectativa para a da experiência realizada*". **[1]**

Segundo *Dodd*, não há lugar no ensino de Jesus para o seu regresso efetivo. A reação para o leitor comum da Bíblia será de uma surpresa horrorizada que um professor do NT possa chegar a esta conclusão. *Morris* prossegue dizendo que a teoria da 'escatologia realizada' "*foi decididamente rejeitado por muitos estudiosos modernos*" *Cita J.E. Fison como dizendo que a 'escatologia realizada' É francamente e totalmente herético pelos padrões de uma parte considerável das provas do NT*". *Emil Brunner* é igualmente franco:

> "*É evidente que o futuro que se avizinha é nada menos que um pedaço de mitologia que pode ser dispensado. Seja qual for a forma do evento, a questão fundamental é que ele irá acontecer. Tentar vacilar significa vacilar nos fundamentos da fé, quebrar a pedra angular pela qual tudo se mantém unido e da qual tudo se desmorona. A fé em Jesus Cristo sem a expectativa da Sua "**Parousia**" (o Seu regresso) é um voucher que nunca é redimido, uma promessa que é seriamente quebrada. Uma fé cristã sem a expectativa da "**Parousia**" é como correr uma corrida que não leva a lado nenhum mas termina num buraco*". **[2]**

Há palavras brilhantemente ditas e todas muito verdadeiras. O facto é que milhões de fiéis não têm qualquer compreensão da futura vinda de Jesus à Terra, muito menos da realidade do reino que Ele prometeu inaugurar na Terra nessa altura. No entanto, o Reino de Deus e a Segunda Vinda que o inaugurará na terra são o coração e o centro do Evangelho cristão! Na ausência de uma exposição clara do Reino, não pode claramente haver um cristianismo autêntico.

A insistência de *J.E. Fison* e *Emil Brunner* no grande evento futuro deve ser recebida com entusiasmo, mas é muito insatisfatório falar do Reino tão vagamente ─ "qualquer que seja a forma que o evento possa assumir"... quando no NT e no AT onde estão enraizados, mencionam ─ no muito especificamente. A

teocracia restaurada é descrita em detalhes vívidos pelos profetas. É suficientemente afirmado no NT para provar que o grande Dia do Senhor que, segundo o AT, inaugurará no Reino, está agora associado ao regresso de Jesus em poder e glória. Encontra-se muito material no AT descrevendo eventos mundiais que precederão e seguirão o Dia do Senhor. Uma descrição destes deve aguardar um capítulo posterior.

Concluímos a nossa presente discussão com um resumo da sua tese fundamental. Qualquer afirmação de que Jesus é o Messias prometido é incoerente, a menos que o termo "Messias" seja compreendido no seu contexto bíblico.

compreendido no seu contexto bíblico. Não há provas no NT de que Jesus tenha rejeitado qualquer parte do papel previsto para o Messias no AT. Contudo, na sua primeira vinda, não procurou tomar o cargo messiânico como governante soberano do mundo. É um erro colossal, contudo, afirmar que nunca esperou governar o mundo como Messias, o Rei, entronizado em Jerusalém. Na sua primeira vinda, chamou e preparou os seus discípulos para a sua participação no futuro Reino, e depois submeteu-se à morte nas mãos de oficiais judeus e romanos hostis. A ressurreição de Jesus que se seguiu é a garantia de que ele venceu a morte e está, portanto, em condições de um dia regressar à terra para cumprir o resto da missão messiânica e realizar a visão dos profetas de paz na terra.

Jesus voltou à vida depois de ter estado morto durante três dias: "***com muitas provas incontestáveis***" (***Atos 1:3***) A sua ressurreição dos mortos foi estabelecida como um facto histórico. Estava em contacto direto com os Apóstolos que O conheciam intimamente. Como Pedro relata, "***a nós que comemos e bebemos com ele, depois que ressurgiu dentre os mortos***" (***Atos 10:41***). Jesus demonstrou na sua própria pessoa ("*eu mesmo*", ***Lucas 10:41***) que como ser humano imortalizado permaneceu visível, palpável e corporal ("***um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho***", ***Lucas 24:39***). Durante cerca de seis semanas, um ser humano imortal, o primeiro membro da nova criação, socializou com os mortais — uma amostra do mesmo fenómeno a ser experimentado em maior escala no reino vindouro. Após 40 dias Jesus fez a sua partida final (***Atos 1:9-11***).

O Messias continua à direita do Pai para administrar à igreja, a quem Ele convida a participar na glória messiânica da era vindoura. O fracasso da "teologia" em fazer justiça a este simples esquema bíblico reside na sua antipatia por assuntos messiânicos (e portanto pelo próprio Messias), e assim perdeu de vista o facto central de que Jesus é o Messias destinado não só a morrer pelos pecados da humanidade, mas a reinar na terra numa teocracia futura iniciada na sua Segunda Vinda. A primeira tarefa das igrejas, se é que devem ser a Igreja, é proclamar essa estupenda Boa Nova.

Notas finais *10*

[1] "*New International Commentary on 1 and 2 Thessalonians*" (Novo Comentário Internacional sobre 1 e 2 Tessalonicenses), Grand Rapids: Eerdmans, 1959, p. 147.

[2] É instrutivo refletir sobre o facto alarmante de que um distinto estudioso do NT possa ter "quebrado a pedra angular" da fé do NT. Isto pode levar a uma maior reflexão sobre o que alguma "bolsa de estudo" está disposta a fazer.

PARTE II

O QUADRO BÍBLICO DO CRISTIANISMO E O SEU DESAPARECIMENTO DA BÍBLIA

1

Salvação através do Messias

O AT e o NT são documentos profundamente messiânicos. *John Bright* salienta que o Reino Messiânico é o tema unificador da Escritura:

> "*Pelo conceito do Reino de Deus está implícito, num sentido real, toda a mensagem da Bíblia. Não só brilha amplamente nos ensinamentos de Jesus, como pode ser encontrado, de uma forma ou de outra, em todo o comprimento e largura da Bíblia... O AT e o NT estão juntos como os dois Atos de um único drama. O Ato I aponta para a sua conclusão no Ato II, e sem ela a peça é uma coisa incompleta, insatisfatória. Mas o Ato II deve ser lida à luz do Ato I, caso contrário, o seu significado estará errado. Pois a peça é organicamente uma. A Bíblia é um livro. Se déssemos um título a esse livro, poderíamos chamar-lhe justamente "O Livro do Reino Vindouro de Deus".*" **[1]**

É essencial lembrar que, uma vez que Cristo é apenas uma tradução da palavra hebraica para Messias (= Rei ungido de Deus), a palavra "cristianismo" significa na realidade "messianismo". Os cristãos, no sentido bíblico, são portanto 'messiânicos', seguidores do Messias. Tendo em conta estas definições, é um pouco confuso encontrar um importante ditado académico do NT:

> "*Hoje o Messianismo está morto, à exceção da franja sectária. Praticamente ninguém exprime as suas profundas convicções ou esperanças sobre o universo nestas categorias... Ninguém olha seriamente para o Messias para ser a única solução para os problemas do mundo, espiritual ou politicamente*". **[2]**

A questão é que o NT, do princípio ao fim, procura a solução de todos os males do mundo num Messias que regressa. **[3]** Para os cristãos do Novo Testamento, a salvação realizada pela morte de Jesus não completou o drama messiânico. O mundo permanece sob o domínio e o engano de Satanás, que é o seu "Deus" (2 Coríntios 4:4), e esta situação abominável só pode ser corrigida pelo reaparecimento do Messias no fim dos tempos. Esta é a autêntica perspetiva cristã fundada sobre os profetas, os Apóstolos e o próprio Jesus.

Mas se ninguém, exceto na margem sectária, espera agora uma resolução messiânica para os nossos problemas, deve ser que a esperança cristã bíblica tenha sido substituída por outra coisa. Se assim for, não é surpreendente que os frequentadores da igreja contemporânea tenham dificuldade em relacionar-se simpaticamente com o ensino de Jesus. Se são estranhos aos assuntos messiânicos ─ e Jesus é o Messias ─ serão inevitavelmente estranhos a Jesus, e ele a eles.

O NT apresenta a reivindicação de Jesus ao gabinete Messiânico como o próprio coração do cristianismo. Todos os títulos conferidos a Jesus pelo NT provêm diretamente da sua pretensão de ser o Messias. A salvação, o sacerdócio e a realeza são os três ingredientes básicos do gabinete do Messias. Além disso, a pretensão de ser o Messias é uma pretensão exclusiva. Só pode haver um único reclamante genuíno e é propósito do cristianismo bíblico mostrar que Jesus, e só Jesus, é o Messias genuíno. Se depois

perguntarmos como deve ser julgada e avaliada a autenticidade de Jesus, a resposta é simples, que ele se encaixa no molde criado para o Messias pelo AT. O NT insiste que Jesus tem sido capaz de fazer o que as Escrituras dizem sobre o que o Messias devia realizar no plano divino. Mas a história será incompleta até que o Messias, como Soberano mundial, restabeleça um governo sólido na terra. É para este futuro messiânico que o NT se esforça por demonstrar verso após verso. Está tudo orientado para a vinda da grande crise, onde o poder mundial irá mudar de mãos de Satanás para Jesus.

Um exame da obra de Paulo e Pedro no livro de Atos mostrará que eles dirigiram os seus esforços para demonstrar que Jesus era o prometido Rei de Israel e o Salvador do mundo. Não só tornaram evidente que a ressurreição do Messias e a sua presente sessão com o seu Pai formam um prelúdio para o próximo grande acontecimento no programa divino de salvação: O regresso de Jesus à terra. À pergunta razoável por que razão Jesus, se Ele é o Messias destinado a governar no trono de David, deixou agora a terra, responde Pedro:

> "***ao qual é necessário que o céu receba até aos tempos da restauração de todas as coisas, de que Deus falou por boca dos seus santos profetas desde a antiguidade***" (***Atos 3:21***).

É muito evidente para Pedro que o programa Messiânico está incompleto até que a restauração prevista por todos os profetas tenha lugar. Até essa altura, a perspetiva de Pedro "o céu deve reter" reflete a visão do seu Mestre que prometeu aos Apóstolos:

> "***Jesus lhes respondeu: Em verdade vos digo que vós, os que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel***" (***Mateus 19:28***).

O plano fundamental do NT baseia-se numa porção conhecida e notável do ***Salmo 110***, que fornece o conteúdo de um diálogo interessante entre Jesus e os fariseus:

> "***Reunidos os fariseus, interrogou-os Jesus: Que pensais vós do Cristo? De quem é filho? Responderam-lhe eles: De Davi. Replicou-lhes Jesus: Como, pois, Davi, pelo Espírito, chama-lhe Senhor, dizendo: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés? Se Davi, pois, lhe chama Senhor, como é ele seu filho?***" (***Mateus 22:41-45***).

A resposta, claro, é que o Messias seria tanto um descendente de David — o seu Filho **[4]** — como ao mesmo tempo, paradoxalmente, o seu Senhor. O ponto pungente da pergunta de Jesus foi que David reconheceu Jesus como o Senhor Messias mesmo antes de ele nascer. Os fariseus, contudo, não estavam dispostos a reconhecer que Jesus era o Messias, embora pudessem saber que ele era descendente de David, e poderiam ter testemunhado os milagres que acompanharam as suas reivindicações.

O desdobramento do escritório messiânico é tão concisamente delineado pelo ***Salmo 110:1*** que o encontramos citado ou aludido a cerca de 25 vezes no NT. É a revelação clássica do AT do futuro do Messias e, portanto, indispensável para inculcar o quadro de fé. Em duas linhas curtas expõe o plano divino. O único Deus de Israel fala com o Senhor de David, o Messias que se aproxima:

> "***Disse o SENHOR ao meu senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés***". **[5]**

Isto fornece a Peter a informação que:

> "***ao qual é necessário que o céu receba até aos tempos da restauração de todas as coisas***" (***Atos 3:21***).

A sujeição antecipada dos inimigos do Messias sob os Seus pés foi o tema de outra afirmação clássica sobre o Messias nos Salmos:

> "***Eu*** [Yahweh] ***porém, constituí o meu Rei*** [Messias] ***sobre o meu santo monte Sião... Pede-me, e eu te darei as nações por herança e as extremidades da terra por tua possessão. Com vara de ferro as regerás e as despedaçarás como um vaso de oleiro***" (***Salmos 2:6, 8, 9***).

A história é coerente e clara e foi extremamente importante para Jesus e a Igreja do NT, que procuraram o feliz desfecho do drama messiânico no regresso de Cristo. Como vimos, o Cristo ressuscitado faz a promessa do governo mundial de encorajar os seus discípulos a permanecerem fiéis até ao fim:

> "***Ao vencedor, que guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei autoridade sobre as nações***" (***Apocalipse 2:26***).

O Jesus ressuscitado repete a sua promessa ao abrigo do Novo Pacto de conferir o cargo real aos seus Apóstolos. A eles Ele disse na Última Ceia:

> "***Assim como meu Pai me confiou um reino, eu vo-lo confio, para que comais e bebais à minha mesa no meu reino; e vos assentareis em tronos para julgar as doze tribos de Israel***" (***Lucas 22:28-30***).

Mais tarde, no Apocalipse, o mesmo privilégio é alargado à igreja como um todo:

> "***Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci e me sentei com meu Pai no seu trono***" (***Apocalipse 3:21***).

Em vista destas promessas de vitória quando o Messias chegar para reinar, não será difícil compreender o entusiasmo pelo Reino Messiânico expresso pelos Apóstolos depois de terem completado seis semanas de instrução sobre o Reino por parte de Jesus ressuscitado:

> "***A estes também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das coisas concernentes ao reino de Deus... Então, os que estavam reunidos lhe perguntaram: Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?***" (***Atos 1:3, 6***).

A questão era, naturalmente, natural para qualquer pessoa instruída por Jesus na crença de que ele era o Messias destinado a estabelecer o Reino de Deus. Jesus não fez absolutamente nada para perturbar a sua fé na restauração do Reino. Sobre quando é que o grande evento iria ocorrer, não foi, no entanto, a ser revelado:

> "***Respondeu-lhes: Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou pela sua exclusiva autoridade***" (***Atos 1:7***).

O próprio Jesus tinha primeiro confessado que não sabia o dia ou a hora do seu regresso (***Marcos 13:32***). A habilitação para o ministério por uma efusão divina do Espírito deveria ocorrer "***não muito depois destes***

dias" (***Atos 1:5***), mas a vinda do Reino seria realizada num momento desconhecido (***Atos 1:6, 7***). Estes são, portanto, dois acontecimentos distintos, provando que o Reino de Deus não seria inaugurado no dia de Pentecostes.

A questão levantada pelos discípulos em ***Atos 1:6*** sobre a restauração do Reino é uma prova positiva das expectativas messiânicas incutidas neles pelos seus três anos e meio de instrução na companhia de Jesus, para além dos quarenta dias após a ressurreição, durante os quais Lucas nos diz que lhes tinham sido ensinadas as "***coisas concernentes ao reino de Deus***" (***Atos 1:3***). É nos comentários de ***Atos 1:6*** que o choque entre o cristianismo bíblico messiânico e a versão tradicional não-messiânica da fé se mostra mais obviamente. A perspetiva dos Apóstolos é inconfundível. A sua pergunta sobre a restauração do Reino a Israel mostrou que eles esperavam plenamente o estabelecimento final da teocracia na terra. Como os comentários afirmam corretamente, esta teocracia significará a renovação espiritual da humanidade "*que tem sido o maior ponto de expectativa profética e apocalíptica entre os judeus*". **[6]** Para que essa perspetiva esteja entre os cristãos.

Este comentário continua a dizer que o interesse dos discípulos na restauração do Reino foi "expresso na língua da antiga esperança messiânica judaica". Mas isso não é surpreendente! Usaram a linguagem da esperança Messiânica judaica porque essa era a sua esperança! Jesus não fez nada para minar a sua antiga esperança messiânica. O seu ministério estava preocupado com o anúncio do Reino Messiânico, a demonstração do seu poder, e a instilação do mais alto carácter espiritual nos seus discípulos, para que eles pudessem ser considerados aptos a participar no Reino quando este chegasse. O "Reino Messiânico Judeu" fornecido não estava divorciado dos elevados ideais éticos necessários para a participação nele, e não era outra esperança senão a esperança de todos os profetas, aos quais Jesus cordialmente subscreveu. Por conseguinte, é errado falar da esperança dos discípulos para o Reino restaurado como "judeu". É, de facto, cristã e apostólica no sentido estrito. É do próprio Jesus, que veio para "***confirmar as promessas feitas aos nossos pais***" (***Romanos 15:8***).

Tragicamente, quase todos os comentadores tropeçam no cristianismo bíblico neste versículo crítico em ***Atos 1:6***. Uma vez que não apreciaram o Evangelho do Reino de Deus, que era o núcleo da missão de Jesus (***Lucas 4:43***, e seguintes), assumem que os Apóstolos estavam errados ao pensar no Reino em termos judaico-messiânicos. **[7]** Assim, acham necessário atacar os Apóstolos (e por implicação Jesus que lhes ensinou extensivamente sobre o Reino) por demonstrarem uma compreensão judaica do Reino. O que eles não conseguem ver é que esta visão judaica do Reino é um do AT que Jesus aprovou. Certamente que o Reino de Deus não é precisamente um acontecimento político desligado com uma nova dimensão espiritual no coração do homem. Também não estamos a argumentar que o Reino não se manifestou no ministério de Jesus; e de facto, a transformação espiritual que os cristãos recebem deve, naturalmente, ocorrer agora. Mas o estímulo para o esforço e resistência na carreira cristã é a expectativa de participação no Reino Messiânico do futuro. Este é o quadro dentro do qual todo o esquema NT é construído. Para Jesus, ao contrário de tantos comentadores que o compreenderam mal, não há nada de "rude" ou "judeu" numa nova ordem política na terra com o Messias entronizado como Rei. Este é o ideal mais elevado revelado ao homem, e é nada menos do que o propósito revelado por Deus para a humanidade.

A constante tendência dos expositores para condenar os discípulos pelo seu interesse no Reino restaurado ilustra a antipatia tradicional do cristianismo à perspetiva Messiânica judaica de Jesus. O problema é agudo, porque atinge o cerne da esperança do NT, bem como do Evangelho do Reino. É necessária uma orientação completamente nova para o NT. As provas disso aparecerão quando os

comentadores abandonarem a sua atitude crítica para com os Apóstolos em ***Atos 1:6*** e partilharem o seu interesse vital no Reino Messiânico, que é o sangue vital de tudo o que Jesus ensinou.

Notas Finais *1*

[1] "*Kingdom of God*" (Reino de Deus), New Cork: Abingdon Press, 1953, pp. 7, 197.

[2] *J.A.T. Robinson*, "*The Human Face of God*" (A Face Humana de Deus), SCM Press, 1973, p.9.

[3] A nossa citação pode muito bem suscitar a questão de até que ponto alguma bolsa de estudo está em simpatia com o NT.

[4] A descendência de Jesus de David é traçada por Mateus através de Salomão (***Mateus 1:6***) e por Lucas através de Natã (***Lucas 3:31***). A linha real de Salomão expirou em Jehoiaquim (Conias, ***Jeremias 22:24-30***), e foi encontrado um novo herdeiro em Salatiel, filho de Neri, um descendente de David através de Nathan (***Mateus 1:12; Lucas 3:27***). Muito provavelmente tanto José como Maria eram descendentes de David através de Nathan. É bem possível que José e Maria tenham sido primos em primeiro lugar. Para detalhes, ver "*Genealogy of Jesus Christ*" (Genealogia de Jesus Cristo), "*Smith's Concise Dictionary of the Bible*" (Dicionário Conciso da Bíblia de Smith) (1865).

[5] É com base nesta passagem que podemos compreender que Jesus foi declarado "***senhor***", ou seja, "*Senhor Messias*" (ver ***Atos 2:34-36***). Pedro lança aqui os fundamentos da cristologia do NT, definindo a relação de Jesus com o seu Pai. Esta declaração apostólica sobre Jesus não deve ser rejeitada como "judia", nem foi substituída por uma visão mais "avançada" quando João escreveu o seu Evangelho. João, como Pedro, escreveu com um simples propósito em mente - provar que Jesus era o Messias, o Filho de Deus (***João 20:31***). As opiniões post-bíblicas rapidamente ignoraram estes factos muito importantes e começaram a apresentar um Jesus que não era o Messias Jesus. A cristologia gentia tem uma tendência antissemita; assim veio a perda do Messianismo do NT e a consequente confusão sobre o Reino do Messias.

[6] "*The Clarendon Bible*" (A Bíblia de Clarendon), "*Act of the Apostles*" (Atos dos Apóstolos), Oxford: Clarendon Press, 1923, p. 132.

[7] Um exemplo notável de oposição ao cristianismo bíblico encontra-se no comentário de *Calvino* sobre este versículo: "*Há mais erros na questão dos Apóstolos do que palavras*". O verdadeiro problema reside na falta de simpatia de *Calvino* para com o Reino Messiânico.

2

A Era Atual e A Era vindoura

O quadro dentro do qual o NT está estabelecido é tanto judeu como messiânico. Uma visão do mundo claramente definida é comum a todos os cristãos apostólicos, e a mesma visão do mundo é partilhada pelo próprio Jesus. De acordo com este ponto de vista, o atual sistema de coisas é profundamente maléfico. A humanidade está nas garras de forças malignas das quais só poderá finalmente ser salva pela intervenção do próprio Deus, que enviará o seu Filho, o Messias, para derrotar Satanás e os seus demónios. Embora seja possível aos crentes individuais serem libertados da tirania de Satanás mesmo agora, "***que o mundo inteiro jaz no Maligno***" (***1 João 5:19***), e que é "***o sedutor de todo o mundo***" (***Apocalipse 12:9***).

Para Paulo, a era da história em que vivemos até à vinda do Messias em glória é "***deste mundo perverso,***" (***Gálatas 1:4***), dominado por Satanás (***2 Coríntios 4:4***). Toda a criação geme enquanto espera pela revelação da raça dos imortais para nascer na ressurreição (***Romanos 8:23***). É verdade que os cristãos já podem experimentar algo da salvação que virá ao mundo quando Cristo estabelecer o Seu Reino. Podem mesmo agora ser libertados "***do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor***" (***Colossenses 1:13***). Mas isto não nos deve levar à conclusão errada de que o Reino Messiânico de Deus chegou realmente. Pois não pode vir até que o Messias avance através das nuvens para tomar posse das rédeas do governo mundial. **[1]** Até esse glorioso dia os cristãos devem rezar "***venha o teu reino***", e, como Jesus nos diz, será quando os acontecimentos catastróficos associados ao fim dos tempos começarem a ocorrer que os fiéis saberão que o "***Reino de Deus está próximo***" (***Lucas 21:31***, Bíblia das Boas Novas).

Tanto Jesus como os Apóstolos pensavam que a era atual estava sujeita ao domínio de Satanás, e aguardavam com expectativa a Idade vindoura do Reino de Deus manifestado, como consequência da Segunda Vinda. É o simples período de tempo que dá coerência ao NT. Há um programa divino bem definido em ação nos assuntos do homem e isto permite ao cristão enfrentar as tempestades da perseguição e do julgamento enquanto ele antecipa com exuberância as alegrias da Era do Reino que se aproxima, quando os males da terra serão curados e os fiéis receberão a recompensa da imortalidade. Não só a terra será então resgatada da maldição de Satanás, mas ao cristão que permanecer até ao fim será garantida uma parte ativa na restauração da sociedade sob o governo messiânico que Jesus irá inaugurar. No NT há um objetivo claramente definido a ser alcançado na segunda vinda, e o sofrimento, mesmo até ao martírio, pode ser alegremente suportado, tendo em vista a suprema recompensa que se avizinha.

O objetivo cristão de ganhar "vida eterna" está em todo o NT ─ ou assim nos dizem as nossas traduções. No entanto, é bem conhecido dos estudiosos que a expressão grega em questão significa realmente "***vida na Era Vindoura***" [2] ─ ou seja, imortalidade e um lugar na Era do futuro reino. Ao traduzir a palavra grega "***aion***" (Era) como '*mundo*', as traduções antigas ajudaram a ocultar o típico contraste judeu entre "*esta era*" e a "*era futura*" do Reino, que é fundamental para o cristianismo bíblico. **[3]** As duas eras (épocas) e o termo cristão familiar "*vida eterna*", literalmente, "*vida na Era Vindoura*", falam do messianismo que está na raiz de todo o NT.

Notas Finais *2*

[1] A herança do Reino descansa no futuro, segundo Paulo na mesma carta (***Colossenses 3:24***). Nenhum texto afirma que os cristãos já "***herdaram o Reino***".

[2] Ver, por exemplo, *C.K. Barratt*, "*The Gospel According to John: "The meaning of the life of eternity"*"(O Evangelho Segundo João: "O significado de "a vida da eternidade") (***Daniel 12:2***) foi expresso pelos rabinos como "*a vida da Era Vindoura*" (p. 179).

[3] Ver ***Mateus 12:32; Marcos 10:30; Lucas 16:8; Lucas 18:30; Efésios 1:21; Hebreus 6:5***.

3

Conflito no Cosmos

Como vimos, Jesus traça o mal do nosso sistema atual a uma personalidade cósmica suprema maligna, Satanás, o Diabo. A atividade do Diabo, permeando todas as facetas da sociedade, é promovida por uma série de forças demoníacas que trabalham de forma subtil e subversiva para obscurecer a mensagem de salvação, cegando os corações dos homens e afastando-os da verdade que poderia resgatá-los do engano de Satanás.

A influência controladora de Satanás é um facto do universo tal como compreendido pelos escritores do NT. E como Jesus é o Messias que está destinado a vencer Satanás e os seus agentes, é óbvio que ele deve continuar uma luta constante com as forças do mal. Isto descreve o NT em detalhe, mostrando-nos a constante oposição com que Jesus foi confrontado sob a forma do diabo, da doença, ou de autoridades religiosas ou políticas hostis. Olhando para o ministério de Jesus, João resume a missão do Messias como uma inversão ou inversão das obras do diabo: "***Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo***" (***1 João 3:8***). **[1]** É a vitória do Messias sobre o arqui-inimigo da humanidade, ganha à custa da sua vida. No entanto, é uma vitória que está longe de estar completa, pois João ainda pode dizer que o mundo está totalmente nas garras do maligno (***1 João 5:19***). A boa notícia é que "***o deus deste século***", Satanás (***2 Coríntios 4:4***) tem pouco tempo para continuar o seu trabalho nefasto. O dia do Messias chegará certamente quando o Diabo for decisivamente afastado do cargo (***Romanos 16:20; Apocalipse 20:1-3***). Então o Reino de Deus prevalecerá na terra.

Esta é uma história messiânica simples que está sujeita a todos os registos do NT, contribuindo cada livro, à sua maneira individual, para um desdobramento de algum aspeto do drama messiânico. E é realmente um drama. As tensões aumentam à medida que o mundo se torna cada vez mais maligno ("***Mas os homens perversos e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados***" ***— 2 Timóteo 3:13***), até que finalmente o Messias interrompe sobre uma sociedade ímpia e descuidada e toma posse dos reinos deste mundo com poder irresistível: "***quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus***". (***Mateus 24:37-39; 2 Tessalonicenses 1:7, 8***)

Que estes são os factos do NT é realmente indiscutível. A questão desafiadora que se coloca, contudo, é a razão pela qual as igrejas cristãs autoproclamadas parecem operar num quadro totalmente diferente, tendo aparentemente descartado a visão do NT com a sua filosofia característica da história e a sua ardente esperança no reaparecimento do Messias no final dos tempos. A questão que deve ser enfrentada é porque é justo continuar a chamar "cristão" a um sistema de crenças que parece ter dispensado o material messiânico sobre o que Jesus, o Cristo, acreditava e ensinava.

Notas Finais 3

[1] Pedro resume a obra de Jesus exatamente da mesma maneira: "***como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com poder, o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele***" (***Atos 10:38***).

4

Teologia Contemporânea da Tendência Anti Messiânica

Lendo as obras dos teólogos "liberais" contemporâneos, fica-se impressionado com a maneira cavalheiresca com que muitos dos temas messiânicos do NT são, de uma forma ou de outra, ignorados ou desprezados. Relativamente à pergunta de Jesus aos fariseus sobre o Messias, "*O que pensa do Cristo, de quem é Filho?*" *J.A. Robinson* salienta que originalmente "*era uma pergunta judaica que esperava uma resposta judaica*", devidamente formulada pelo NBI, "*Qual é a sua opinião sobre o Messias?*" E se foi concebido para ensinar aos fariseus uma lição valiosa, não deveria igualmente instruir-nos, como cristãos, naquilo que estava próximo do coração de Jesus? *Robinson* acredita que "Cristo" está "*severamente condicionado histórica e geograficamente. Ele é judeu e judeu tardio nisso*". **[1]** No entanto, o escritor cristão aos Hebreus delineia a ideia messiânica do pacto feito com David, assumindo que os seus leitores saberão da promessa do profeta Natán a David de que a sua ilustre descendência herdará o trono do seu pai (***Hebreus 1:5; Salmo 2:7; 2 Samuel 7:14***).

O ***Salmo 110:1*** é semelhantemente uma passagem profundamente messiânica e é um favorito constante dos escritores do NT. Para ele delineia tão clara e concisamente o programa Messiânico ─ a sessão do Messias com o seu Pai agora, enquanto aguarda o tempo do seu regresso para inaugurar o Reino de Deus na "***restauração de todas as coisas***" (***Atos 3:21***). De acordo com os escritores do NT, Deus tinha falado do Cristo, a quem se identificam com Jesus, muito antes do Seu nascimento em Belém. Moisés tinha previsto diretamente o nascimento do Messias quando escreveu: "***SENHOR, teu Deus, te suscitará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, semelhante a mim; a ele ouvirás***" (***Deuteronómio 18:15***, citado em ***Atos 3:22; 7:37***).

Uma das técnicas mais frequentemente utilizadas na teologia para minimizar a importância do messianismo NT é a teoria de que "*o termo "Cristo" ganhou aceitação geral fora do judaísmo, deixando de ser um título e tornando-se um nome próprio*". **[2]** Isto pode muito bem ser tragicamente o caso se nos referirmos ao cristianismo tal como se desenvolveu (ou degenerou) após o período NT, mas afirmar que no NT, "Cristo" não tem o seu significado judaico oficial altamente atenuado é minar todo o impulso do cristianismo apostólico ─ nomeadamente que Jesus é o Cristo esperado pelas Escrituras judaicas e que ele trabalhou, e está destinado a trabalhar, em conformidade.

Os teólogos atrevem-se mesmo a dizer-nos que "Cristo" era uma denominação "*da qual o próprio Jesus estava insatisfeito*", **[3]** mas isto contradiz o facto óbvio de que Jesus via o seu reconhecimento como Messias como a grande revelação central da fé:

> "***Mas vós, continuou ele, quem dizeis que eu sou? Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus***" (***Mateus 16:15-17***).

O que Jesus continuou a criticar em Pedro não foi o reconhecimento de que ele era o Messias (que foi uma revelação abençoada de Deus!), mas a sua relutância em aceitar que era através do sofrimento e da morte que a glória do Messias seria alcançada.

Por vezes, parece, os estudiosos tentarão desviar a nossa atenção do título de Messias com a ideia de nos convencer de que Jesus preferia ser considerado como "senhor" ou "Filho de Deus".

> "*Como categoria teológica, com o peso e significado que a igreja viu em Jesus, 'Messias' com as suas conotações políticas e escatológicas, foi logo suplantado... 'Cristo' sobreviveu como um nome permutável com 'Jesus'*". **[4]**

No entanto, as associações políticas e escatológicas do título "Messias" são claramente evidentes pelo que os evangelhos sinópticos registam de Jesus. O Evangelho de João tem como objetivo geral a apresentação de Jesus como o Messias, o Rei de Israel (***João 20:21, 2:41, 49***). Em Apocalipse, o Messianismo judeu de Jesus, que fala às igrejas como Messias em termos profundamente messiânicos, é enfaticamente claro, tal como toda a descrição, baseada na profecia do AT, do seu espetacular regresso ao poder para reinar na terra (***Apocalipse 5:10, 20:1-4***, e seguintes.).

Temos de reconhecer que os gentios, que se juntaram em grande número às fileiras da igreja, não compreenderam facilmente o que significava acreditar em Jesus como o Messias. Estavam, no entanto, prontos a aceitar uma espécie de figura de Deus. Enquanto os Apóstolos fossem vivos, a admissão de gentios na igreja não teria sido permitida sem uma instrução completa sobre os ensinamentos messiânicos de Jesus. Contudo, nos tempos pós-apostólicos, ocorreu uma perda gradual do significado da palavra "Messias" e, portanto, da identidade da figura central da fé que se tornou obscurecida e mal compreendida. **[5]** Foi esta deserção do messianismo de Jesus que pressagiou o desaparecimento do cristianismo bíblico, e dá razão à estranheza do conceito messiânico àqueles que não foram instruídos sobre o cristianismo da Bíblia. É totalmente injusto, contudo, atribuir uma perda do carácter messiânico de Jesus aos cristãos do NT, para quem a compreensão de Jesus como o único e único Messias era a grande confissão central da fé. Qualquer perda deste coração do credo era vista como anticristã:

> "***Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus***" (***1 João 5:1***).

> "***Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Este é o anticristo***". (***1 João 2:22***).

É evidente que a crença em Jesus como o Messias prometido constitui a base de toda a missão apostólica. É o tema unificador de todo o NT. Admitir, então, que os gentios podiam ser membros da igreja sem compreender o carácter messiânico de Jesus é simplesmente confessar que a igreja perdeu a sua compreensão de todo o propósito original da figura central do cristianismo. **[6]**

Quando agora nos dizem que "Cristo" se tornou apenas um apelido sem sentido e perdeu o seu significado hebraico oficial, estão a descrever uma perda da fé original, e não uma continuação legítima da mesma. O facto é que a maioria dos teólogos também não estão satisfeitos com um Jesus que é o Messias de Israel, e por isso relatam sem muita tristeza que "*o messianismo está morto, exceto pela franja sectária*". [7]

Esta pode ser outra forma de dizer que o cristianismo do NT está morto, exceto na mente da minoria, que ainda confia em Jesus como o Messias da profecia do AT e o Rei do Reino Messiânico, que ainda

aguarda a sua inauguração na terra quando O Messias vem para governar. Para essa minoria seria difícil saber o que significava o pedido. "***venha o teu reino***" se não fosse um grito pelo estabelecimento do governo do mundo Messiânico, e portanto pelo regresso de Jesus.

Uma vez que, como é amplamente admitido, o Reino de Deus é a ideia controladora de todos os ensinamentos de Jesus, podemos apreciar quão fatal seria perder as ideias messiânicas associadas ao Reino. ensino de Jesus, podemos apreciar quão fatal seria a perda das ideias messiânicas associadas ao Reino. Levará inevitavelmente a uma reinterpretação do ensinamento de Jesus que o despoja do seu carácter messiânico. Pode, no entanto, tal reinterpretação ser algo mais do que uma reescrita do cristianismo em termos não messiânicos, e como poderia evitar a contradição sem sentido envolvida no divórcio do Messias do seu ensinamento messiânico? Será que um cristianismo esvaziado das suas características messiânicas essenciais ainda teria ascendido a uma fé reconhecidamente apostólica?

Notas Finais *4*

[1] "*The Human Face of God*" (A Face Humana de Deus), pp. 1, 8.

[2] *J.A.T. Robinson*, "*The Human Face of God*" (A Face Humana de Deus), p. 9.

[3] *J.A.T. Robinson*, "*The Human Face of God*" (A Face Humana de Deus), p. 9.

[4] Ibid.

[5] *Ridderbos* observa que o uso do termo 'Cristo' por Paulo nunca perde o seu sabor oficial como o título do rei prometido por Deus: "*Embora muito do nome Cristo no uso Paulino pareça ter adquirido o sentido de um nome próprio, isto não significa que esta designação tenha perdido o seu significado histórico oficial israelita*" ("*Paul, A Profile of His Theology*" ─ Paulo, um perfil da sua teologia, p.51). O facto é que para nós como gentios 'Cristo' pode parecer um nome próprio. Mas para compreender o NT, temos de aprender que 'Cristo' é um título pertencente ao prometido Filho de David, que está destinado a estabelecer o seu governo mundial na próxima Era. O sabor messiânico do NT pode ser recapturado se se ler a palavra 'Messias' em vez da palavra 'Cristo'.

[6] *J.Y. Campbell* em "*A Book of Theological Words from the New Testament*" (Um Livro das Palavras Teológicas do Novo Testamento), ed. *Alan Richardson*, p. 46, diz: "*No uso cristão 'Cristo' primeiro adquiriu um novo e diferente significado e depois perdeu todo o significado e tornou-se simplesmente um nome como 'Jesus' Ele próprio*". Admite, contudo, que Jesus poderia não ter sido compreendido se tivesse dado ao título "Messias" um significado inteiramente novo. O nosso argumento é simplesmente que a perda do significado da palavra "Messias" significava uma perda da identidade de Jesus. Isto preparou o caminho para a substituição de um salvador não Messiânico que é estrangeiro ao NT.

[7] "*The Human Face of God*" (A Face Humana de Deus), p. 9.

5

A Influência do Gnosticismo

A causa da mudança na crença em Jesus como Messias, no sentido bíblico completo da palavra, não é difícil de detetar. Foi a influência do gnosticismo que "*falou de algo universal no homem, o que foi realmente o primeiro fator a dissipar "o Cristo" fora dos estreitos confins do messianismo judeu*". **[1]** Foi contra a ameaça do gnosticismo que os Apóstolos lutaram continuamente enquanto procuravam preservar o quadro messiânico judeu no qual o cristianismo bíblico está estabelecido. **[2]** O primeiro alvo dos gnósticos foi a ressurreição dos mortos, o que para os Apóstolos significava a chamada à vida dos fiéis mortos para obter a imortalidade. Foi o grande acontecimento associado ao regresso do Messias para estabelecer o seu reino.

> "***Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo. Cada um, porém, por sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua vinda***". (***1 Coríntios 15:22, 23***).

A luta para preservar a doutrina pura da ressurreição do NT foi infelizmente perdida nos séculos que se seguiram à morte dos Apóstolos. O que realmente ocorreu, contudo, foi uma rendição parcial aos gnósticos. O que sobreviveu como ensino "cristão" no além deve tanto ao gnosticismo como ao ensino de Jesus e dos Apóstolos. De acordo com o NT, os mortos estão atualmente "a dormir" na sepultura à espera de serem chamados de novo à vida quando Cristo regressar. **[3]** É então que "***todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida...***" (***João 5:28, 29***). A simples figura dos mortos que ressuscitam através da ressurreição baseia-se na compreensão hebraica do homem como uma unidade psicossomática. O homem inteiro morre e o homem inteiro regressa à vida. Assim, a previsão da ressurreição em ***Daniel 12:2*** declara que "muitos que dormem no pó da terra acordarão, alguns para a vida eterna" ("vida eterna" significa literalmente, "vida na era vindoura do Reino").

O que escorrega sob o nome de ressurreição na maioria das igrejas é algo bastante diferente, ostentando as marcas da infiltração gnóstica na fé original. A crença popular, sustentada por sermões funerários e doutrinação desde a infância, vê os mortos como já plenamente vivos no céu como almas desencarnadas, uma ideia que, como muitos estudiosos competentes salientaram, seria ao mesmo tempo repugnante e ininteligível para os escritores hebreus do NT (Lucas, o único autor gentio, estava profundamente impregnado de formas de pensamento hebraico). O objetivo do ensino tradicional é, sem dúvida, consolar os enlutados com a crença de que os defuntos não estão realmente mortos, mas teve o efeito devastador de relegar a futura ressurreição dos mortos (bem como o plano do NT do futuro) a um acessório supérfluo rotulado no fim do credo. Pois, como *William Tyndale* argumentou com a igreja católica romana, qual é o propósito de uma futura ressurreição dos mortos se de facto já alcançaram a sua glória no céu? E, podemos acrescentar, que necessidade há de um reino messiânico na terra quando o Messias regressar? Uma vez deslocado o objetivo cristão do seu ponto focal bíblico no regresso de Jesus para reinar, a perda da perspetiva do NT é inevitável. Não será difícil perceber porque é que o plano do NT para o futuro tem tão pouco impacto nos frequentadores da igreja. Simplesmente não se ajustará ao que lhes foi instruído para refletirem como ensino cristão sobre a vida após a morte. Um regresso ao cristianismo bíblico significará a

reintegração no lugar do pilar da esperança cristã para o futuro ─ a ressurreição dos mortos (não apenas dos corpos mortos) na vinda de Jesus. Aqueles que presidem aos serviços funerários devem considerar as observações de *J. A. Robinson*:

"*A Totalidade da nossa tradição ocidental conseguiu dar à morte um significado totalmente exagerado. Tem havido um enfoque muito exagerado sobre a morte e o momento da morte. Começou quando as páginas do NT mal estavam terminadas, e é uma das revoluções silenciosas mais notáveis da história do pensamento cristão...todo o nosso ensino e hinologia assumiu que se vai para o céu ─ ou, claro, para o inferno ─ quando se morre.... esta proposição está em clara contradição com o que a Bíblia diz...em nenhuma parte da Bíblia diz que vamos para o céu quando morremos, nem nunca descreve a morte em termos de ir para o céu... as palavras de Wesley 'mandam dividir o estreito riacho da Jordânia, e trazem-nos salvos para o céu' não têm qualquer base bíblica*". [4]

A recuperação do cristianismo apostólico será frustrada enquanto os pregadores e professores não reconhecerem o abismo que separa a nossa visão do futuro da visão dos Apóstolos.

Apóstolos. O NT Cristão é fundado dentro de um quadro que a tradição desmantelou. A reconstrução da estrutura do NT começa com a restauração da Segunda Vinda e do Reino de Deus. A Segunda Vinda e o Reino de Deus na Terra como o ponto focal de toda a nossa crença cristã. Sem esta visão clara do Reino (que é a visão de todos os profetas, como é bem sabido), não podemos responder inteligentemente ao que Jesus e os Apóstolos ensinaram.

A tarefa da teologia evangélica deve ser a eliminação do elemento filosófico grego pagão que usurpou o lugar do ensinamento hebraico original da Bíblia. Temos de definir o Reino de Deus como Jesus e os profetas o definiram, e abandonar a nossa aversão natural gentia à esperança de paz futura na terra com a vinda do Messias em glória.

Notas Finais *5*

[1] *J.A.T. Robinson*, "*The Human Face of God*" (A Face Humana de Deus), p. 7.

[2] Ver, por exemplo, ***1 Timóteo 6:20; 2 Timóteo 2:18; 1 Coríntios 15:12***: "***pois, afirmam alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos?***"

[3] É interessante notar o aviso dado por *Justino Mártir* por volta do ano 150 d.C.: "*Mas se te encontraste com alguém que se diz cristão, mas que não admite a verdade da ressurreição e se aventura a blasfemar o Deus de Abraão, Isaac e Jacob; que diz que não há ressurreição dos mortos mas que as suas almas quando morrem vão para o céu: Não imagines que são cristãos*" (Diálogo com Trifon, Ch. 80).

[4] "*On Being the Church in the World*" (Sobre Ser a Igreja no Mundo), SCM Press, 1960, pp. 129.130, 131.

6

Desmitologização

A perspetiva de abandonar a tradição e de regressar aos ensinamentos simples da Igreja Primitiva deve ser sedutora. Há uma emoção a experimentar na redescoberta e um sentido de identidade comum com os primeiros seguidores do Messias. Até esse ponto, porém, a teologia tem tentado conduzir-nos numa direção diferente. O que precisamos de fazer, tem sido argumentado, é retirar do NT os aspetos do seu ensino que não se enquadram na nossa moderna visão do mundo científico. Mais especificamente, os "mitos" do NT tais como o nascimento virginal, os milagres, a ressurreição literal de Jesus e a Segunda Vinda deveriam assim ser reinterpretados em termos modernos que não sejam ofensivos para os cientificamente sensíveis.

A extensão do processo de "desmitologização" variará de escritor para escritor, mas comum a todos eles é a convicção de que simplesmente não podemos aceitar aquilo em que Jesus e a igreja primitiva acreditavam.

acreditava a igreja primitiva. Quase de certeza que os milagres terão de ir, ou pelo menos muitos deles. O resto pode ser explicado 'psicologicamente'. A ressurreição, como o aparecimento real de Jesus após a sua morte, e o túmulo vazio terão de ser questionados a fim de ver se uma explicação 'simplista' pode ser encontrada. Quanto ao Nascimento da Virgem, é apenas uma forma de falar sobre a singularidade de Jesus. Não deve ser considerado como um relato biologicamente correto dos factos, nem se deve acreditar que a Segunda Vinda seja um acontecimento real no futuro.

É espantoso que alguém possa imaginar que o que sobrevive a este ataque sofisticado aos documentos cristãos é reconhecidamente cristão, quando os pilares da fé do NT foram removidos. Talvez seja, como disse cinicamente *Oscar Wilde*, que "*a verdade em matéria de religião é simplesmente a opinião que sobrevive*". A verdade, na realidade, é o que Jesus e os Apóstolos acreditaram e ensinaram.

7

O Evangelho do Evangelicalismo sem o Reino

A parte evangélica do público que vai à igreja viu que abandonar a Escritura como uma fonte final de fé cristã autorizada é abrir a porta à ilegalidade. No entanto, os evangélicos aceitam involuntariamente como verdade bíblica muita coisa que não foi cuidadosamente examinada à luz da Escritura. O slogan da Reforma "***Sola Scriptura***" pode muitas vezes significar apenas uma explicação tradicional da Escritura.

Isto é significativamente verdade no que diz respeito à definição evangélica da palavra Evangelho. **[1]**

Mais uma vez é o Messianismo do NT que foi abandonado. O Evangelho que Jesus e os Apóstolos proclamaram foi sempre o Evangelho do Reino de Deus. **[2]** A fórmula de Lucana, extremamente importante e quase totalmente ignorada, que descreve o Evangelho, sustenta que a crença no Reino de Deus e nas coisas relativas a Jesus é necessária antes do batismo (***Atos 8:12, 28:23, 28:31***). Jesus viu a pregação do Evangelho como a razão de ser de toda a sua missão (***Lucas 4:43***). Mas o fracasso do cristianismo tradicional em definir o Reino em termos bíblicos messiânicos levou à substituição de um evangelho parcial ("acreditar em Cristo"). O Reino parece ter desaparecido da Boa Nova. O problema é que o Evangelho despojado das suas fortes associações escatológicas e messiânicas não é realmente o Evangelho, como Jesus e os Apóstolos o pregaram. Há uma clara diferença entre "partir para o céu quando se morre" e a expectativa do NT de ressurreição para a vida no Reino na Segunda Vinda. No NT, a Boa Nova sobre o Reino de Deus é primeiramente comunicada aos potenciais convertidos (***Marcos 1:15, 16***); "***arrependei-vos e crede no evangelho*** [sobre o Reino de Deus]". Com esta mensagem ele é desafiado por uma declaração sobre o propósito de Deus para o futuro do nosso mundo. Deus tenciona enviar o seu Filho para estabelecer o Reino de Deus na terra. Ele já O enviou para anunciar a Boa Nova e para exercer o poder do Reino na cura e no exorcismo. Jesus foi temporariamente transferido para a presença do seu Pai para agir como Sumo Sacerdote da Igreja.

Somos todos pecadores que precisam de perdão e redenção. O Filho de Deus, o Messias, o servo sofredor profetizado de ***Isaías 53***, morreu pelos nossos pecados. Nele podemos encontrar perdão. O Messias transmite a justiça também através do seu conhecimento (***Isaías 53:11***).

Jesus ensinou que o arrependimento e o perdão dos pecados resultam da aceitação do Seu evangelho do Reino de Deus (***Marcos 4:11, 12***). Na parábola do semeador, onde Jesus dá a apresentação quintessencial do Evangelho da salvação, o Messias declarou que o que bloqueia o arrependimento genuíno e o consequente perdão é o pecado da cegueira ou a não aceitação da pregação do Evangelho de Jesus ("***palavra do Reino***", ***Mateus 13:19***) ou "***palavras da vida eterna***" (***João 6:68***). O pecado é igualmente definido em ***João 16:9*** como a incapacidade de acreditar em Jesus. Acreditar em Jesus, não deve ser esquecido, significa acreditar em tudo o que Ele ensinou como o Evangelho, começando com a Sua própria declaração sumária em ***Marcos 1.14, 15***. O NT do princípio ao fim apresenta a fé na mensagem como uma condição indispensável para a salvação. O mesmo tema ─ nomeadamente que tornar-se justo para com Deus (justificado) depende da compreensão e receção do Evangelho como Jesus o pregou ─ encontra-se também em ***Daniel 12:3***: "***Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a***

muitos conduzirem à justiça, como as estrelas, sempre e eternamente". Este texto apelava poderosamente a Jesus que o cita em ***Mateus 13:43***, onde "*os instrutores, os que fazem muitos justos*" (***Daniel 12:3***) são "os justos" que aparecem no futuro Reino.

A iniciação na comunidade cristã é pelo batismo, uma vez que os factos essenciais do "Reino de Deus" e as coisas relativas ao nome de Jesus" tenham sido compreendidos (***Atos 8:12, 28:23, 31***). Após o batismo como prova do nosso compromisso para com Deus e Seu Filho, devemos passar o resto das nossas vidas "***crescei na graça e no conhecimento***" (***2 Pedro 3:18***) em preparação para o grande acontecimento do futuro, a introdução de uma nova ordem de coisas.

No Evangelho do NT, a Segunda Vinda e o consequente Reino são o coração da mensagem, para além do facto central da morte e ressurreição do Messias. Não se trata apenas do Reino colocado perante o crente potencial com o desafio de acreditar na Boa Nova (***Marcos 1:15, 16***), mas o potencial discípulo é convidado a preparar-se para uma participação executiva ativa na restauração da paz na terra quando o Messias vier a reinar. Depois há estabelecer um objetivo que dê coerência a toda a empresa cristã:

> "***Então, lhe falou Pedro: Eis que nós tudo deixamos e te seguimos; que será, pois, de nós? Jesus lhes respondeu: Em verdade vos digo que vós, os que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis em doze tronos para julgar*** [***governar***] ***as doze tribos de Israel***". (***Mateus 19:27, 28***).
>
> "***Quando vier o Filho do Homem na sua majestade... então, se assentará no trono da sua glória...***" (***Mateus 25:31***).
>
> "***Vós sois os que tendes permanecido comigo nas minhas tentações. Assim como meu Pai me confiou um reino, eu vo-lo confio, para que comais e bebais à minha mesa no meu reino; e vos assentareis em tronos para julgar*** [governar] ***as doze tribos de Israel***". (***Lucas 22:28-30***).
>
> "***Quando ele voltou, depois de haver tomado posse do reino, mandou chamar os servos a quem dera o dinheiro… Respondeu-lhe o senhor: Muito bem, servo bom; porque foste fiel no pouco, terás autoridade sobre dez cidades***" (***Lucas 19:15, 17***).
>
> "***Ou não sabeis que os santos hão de julgar*** [governar] ***o mundo?... Ou não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus?***" (***1 Coríntios 6:2, 9***).
>
> "***se perseveramos, também com ele reinaremos***" (***2 Timóteo 2:12***).
>
> "***Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci e me sentei com meu Pai no seu trono***" (***Apocalipse 3:21; 20:4 e seguintes.***)

Muito desta ênfase sobre o futuro Reino e a participação do crente no mesmo está ausente do evangelismo no nosso tempo. A diferença significativa que separa as apresentações do Evangelho do NT dos Evangelhos contemporâneos é demonstrada pelo reconhecimento sincero dos principais evangélicos (citados acima) de que eles estão perplexos pela ausência total do reconhecimento por parte dos principais evangélicos (citados acima) de que estão perplexos com a ausência total da palavra "reino" nas suas discussões e pregações do Evangelho. Isto é assim porque foram seduzidos por uma versão gentia da fé que é essencialmente anti Messiânica e perderam o seu domínio sobre a Boa Nova sobre o Reino de Deus.

Os evangélicos podem ser surpreendidos pela sugestão de que o seu evangelho não tem uma base bíblica completa. Podem recorrer a ***1 Coríntios 15:1-3*** para mostrar que o resumo de três pontos do Evangelho de Paulo consistia na morte, sepultamento e ressurreição de Jesus. Isto é verdade, até certo ponto, mas eles não observaram cuidadosamente que Paulo pregou estes factos "***Antes de tudo***" (***1 Coríntios 15:3***). Não foi só isso que Paulo pregou como Evangelho, pois o livro de Atos insiste que Paulo pregou "***do reino de Deus, procurando persuadi-los a respeito de Jesus***" (***Atos 28:23, 31***) e, como estes textos mostram, esta mensagem foi proclamada tanto a judeus como a gentios como a mensagem de salvação. Precisamente a mesma fórmula descreve a pregação de Filipe em ***Atos 8:12***:

> "***Quando, porém, deram crédito a Filipe, que os evangelizava a respeito do reino de Deus e do nome de Jesus Cristo, iam sendo batizados, assim homens como mulheres***".

É óbvio que a morte e ressurreição de Jesus são elementos absolutamente necessários do Evangelho. Mas não são a totalidade do Evangelho. O que é enganoso nos textos e textos da teologia sistemática evangélica é que a salvação é explicada apenas em termos da morte e ressurreição de Jesus, com a exclusão da sua própria pregação do Reino. Evangelicalismo separa Jesus da sua própria pregação. Corta-o de toda a sua estrutura histórica do seu ministério de pregação, durante o qual Jesus ensinou a salvação muito antes da sua morte como parte do Evangelho. É fundamentalmente falso dizer que metade do Evangelho está na morte de Jesus e a outra metade na sua ressurreição. Tal análise omite simplesmente o evangelho salvador vital sobre o Reino pregado pelo Messias. Se Jesus disse uma coisa em resumo de tudo o que Ele trabalhou para realizar, é que as Suas palavras são o critério pelo qual os nossos destinos serão determinados (***João 12:44-50; Mateua 7:21-27***).

Em ***Marcos 8:35-38***, Jesus apresenta a fé e confiança no Seu Evangelho, e nas Suas palavras, como único critério para a salvação. A salvação é verdadeiramente pela fé, mas deve ser fé em tudo o que Jesus declarou como o Evangelho. O Messias instou repetidamente a sua audiência a "ouvir" o que ele tinha a dizer, e não apenas vê-lo morrer.

Claramente o Reino de Deus foi o primeiro ponto da agenda na pregação apostólica do Evangelho. Isto não é surpreendente, uma vez que Jesus sempre tinha proclamado o evangelho do Reino ─ e isto foi muito antes de se dizer qualquer coisa sobre a Sua morte pelos nossos pecados, que os discípulos ainda não tinham compreendido! (***Lucas 18:31-34***)! É imensamente instrutivo notar que o tema do Reino não poderia originalmente ter contido a morte e ressurreição de Jesus. Os Apóstolos tinham proclamado o Evangelho do Reino antes de saberem alguma coisa sobre a cruz. É por isso que Lucas em Atos tem o cuidado de nos dizer que a proclamação apostólica após a ressurreição teve a sua ênfase primária no Reino de Deus, e acrescentou a nova informação sobre a morte de Jesus como "***do nome de Jesus Cristo,***" (***Atos 8:12, 28:23, 31***). É crucial notar que Paulo foi capaz de descrever todo o seu ministério como "***pregando o reino***" (***Atos 20:25***), tal como Jesus tinha visto o Evangelho do Reino como a razão de ser da sua missão (***Lucas 4:43***). Mas poderiam os evangélicos contemporâneos demonstrar a sua fidelidade à prática apostólica quando, numa conferência internacional sobre evangelismo, admitem que o Reino de Deus "não é a nossa língua"? **[3]** Se o Reino não é a sua língua, eles não estão a pregar o Evangelho!

A ausência do Reino nas declarações evangélicas contemporâneas é uma falha grave que só pode ser corrigida através da redescoberta da mensagem messiânica do futuro Reino de Deus na Terra na pessoa do Messias e dos seus seguidores. Não só o Reino, mas também a Messias de Jesus deve ser restaurada ao seu lugar no centro da proclamação cristã. A confissão de Pedro em Cesareia de Filipe não deve sofrer nem um pouco alteração, pois é a rocha do fundamento da fé, nem o título "Filho de Deus" deve ser retirado do seu

conteúdo bíblico para assumir um significado não bíblico. Na Escritura é clara e simplesmente uma extensão do título Messias baseado no ***Salmo 2:7*** e no pacto davídico em ***2 Samuel 7:14***. Investir alguém com o título "Filho de Deus" na Bíblia equivale a saudá-lo como "o Messias", o representante único e acima de tudo ungido de Deus. Os evangélicos devem preencher a lacuna que surgiu nos tempos post-bíblicos entre os dois títulos, Cristo e Filho de Deus, sob a influência do cristianismo anti messiânico. Um encorajamento para um regresso à compreensão correta do Filho de Deus é dado em ***Lucas 1:35***: O Filho de Deus veio miraculosamente à existência no ventre de Maria.

Tem sido muito sensato dizer que: "*Adorar Cristo com crenças erradas sobre Ele é adorar um falso Cristo, seja qual for o nome que lhe chamemos; pois nós, ao fazê-lo, imaginamos falsamente que Ele é diferente d'Ele e que não é revelado nas Escrituras. falso Cristo, seja qual for o nome que lhe chamemos; pois nós, ao fazê-lo, imaginamo-lo falsamente diferente do que ele é e do que ele é revelado nas Escrituras*" **[4]** Deve ficar claro que um evangelho despojado do seu tema central, o Reino (como está obviamente no evangelismo contemporâneo), e um Jesus que não é perfeitamente compatível com o Messias das Escrituras, tanto quanto à sua identidade como ao seu papel, ameaçam toda a construção da fé do NT. Os sistemas de crenças e a pregação devem, portanto, ser sujeitos ao escrutínio crítico por aqueles que procuram adorar a Deus, através do Seu Filho, o Messias, em Espírito e em verdade (***João 4:24***).

Três importantes estudiosos bíblicos confirmaram de forma convincente o nosso ponto de vista. Estes escritores apelam a um regresso ao Reino de Deus como centro organizador de todo o evangelismo:

> "*O uso dos Evangelhos pela igreja tem dado pouca atenção ao que os próprios Evangelhos dizem sobre os acontecimentos reais da vida de Jesus e a proclamação do seu reino (Evangelho da salvação)... por isso a igreja não está a prestar atenção a uma parte central da sua própria tradição que poderia, talvez, revitalizar ou reformar significativamente a igreja... este uso deve envolver a compreensão do que os evangelhos dizem sobre Jesus dentro do mundo do judaísmo do primeiro século, e não dentro da imaginação da piedade (ou impiedade) posterior... contentar-se com um Cristo de fé não-histórico parece-me... comprovadamente falso para o cristianismo do NT*". **[5]**

Dr. Taber, Professor Emérito de Missão Mundial, Escola de Evangelismo Emmanuel, Tennesee, escreveu numa carta ao Christianity Today:

> "*Li com grande interesse as nove declarações do Christianity Today ao tentar responder à pergunta, Qual é a Boa Nova? Estou surpreendido e consternado por não encontrar sequer uma menção passageira do tema que esteve no coração do Evangelho de Jesus em três dos quatro relatos:*
> *O Reino de Deus. Cada uma destas afirmações reflete a redução individualista do Evangelho que atormenta o evangelismo americano. Para além de ser bíblico, basear a nossa compreensão do Evangelho no Reino de Deus não é bíblico. do Evangelho no Reino de Deus contorna dois falsos dilemas que têm preocupado desnecessariamente os teólogos durante séculos.*
> ***1)*** *salvação individual e sistemática, ou/ou, e* ***2)****. Graça e obras, ou/ou. Por um lado, Deus pretende salvar todo o cosmos da servidão da decadência; e, por outro lado, como podemos reivindicar ser salvos quem não faz todos os esforços para fazer a vontade de Deus?*"

Gary Burge no "*NIV Aplication Commentary*" (Comentário da Aplicação NIV) partilha esta preocupação sobre a ausência do próprio Evangelho de Jesus das atuais ofertas de salvação:

> "*Stanley Grenz reviu as tentativas falhadas da teologia evangélica para agitar o imaginação do mundo moderno. Ele defende o Reino de Deus como o novo centro organizador do que dizemos e fazemos*".

Este comentário justo poderia muito bem ser a resposta de que necessitamos para as tentativas desanimadoras de hoje de "cultivar" igrejas. Os factos são que os novos convertidos são muito raramente feitos. O "crescimento da igreja", assim chamado, é em grande parte o movimento de uma igreja para outra daqueles que já afirmaram ser crentes.

Para não sermos acusados de repetir a nossa tese de base, Vamos nos refugiar sob a admoestação de *Winston Churchill*, cujos conselhos no campo da comunicação eficaz foram os seguintes: "*Se tiveres um ponto importante a dizer, não tentes ser subtil ou esperto. Use uma martinete. Chegar ao ponto uma vez. Depois volte atrás e acerte novamente. Depois, uma terceira vez ─ um golpe tremendo*".

Notas Finais *7*

[1] Normalmente é feito um apelo a ***1 Coríntios 15:1-4*** sem mencionar as provas complementares de ***Atos 8:12, 28:23, 31, 19:8, 20:25***, que demonstram que o Reino de Deus esteve sempre no centro do Evangelho apostólico. Em ***1 Coríntios 15:1-3*** Paulo está preocupado com a informação sobre a morte e ressurreição de Jesus que ele tinha pregado "entre as coisas de primeira importância" (***in protois***, ***versículo 3***).

[2] ***Mateus 4:23; 24:14; Lucas 4:43; Atos 8:12; 28:23, 30, 31***.

[3] *Michael Green*, na "*Lausanne International Conference*" (Conferência Internacional de Lausanne) sobre Evangelismo Mundial, 1974.

[4] *R.A. Cole*, Tyndale N.T. "*Commentary on Mark*" (Comentário sobre Marcos), Intervarsity Press, 1961, p. 199.

[5] "*Jesus and the Restoration of Israel*" (Jesus e a Restauração de Israel), p. 251.

8

O Alojamento para a Religião Mistério

Os historiadores dizem-nos que há pontos impressionantes de semelhança entre o cristianismo e os cultos misteriosos do paganismo: "*Pois numa coisa eles tinham alguma forma de cerimónia de iniciação. No caso do mitraísmo, isto era exatamente o mesmo que o cristianismo, ou seja, o batismo*". **[1]**

No culto a *Attis*, um jovem amante de *Cybele*, houve uma celebração da morte do Salvador (*Attis*) e da sua ressurreição três dias mais tarde. Estes não são os únicos pontos de contacto entre o paganismo e os calendários cristãos tradicionais:

> "*Se a Páscoa deve muito a Cybele, o Natal deriva em grande parte de Mithra* (mais a antiga festa romana de Saturnalia, uma ocasião divertida em que os presentes eram trocados). *Mithra, associado como estava ao sol, deu ao cristianismo o dia 25 de Dezembro como a data de Natal... mais ainda, acredita-se que Mithra, tal como Jesus, teve um nascimento milagroso e atraiu, quando criança, a atenção dos pastores vizinhos. Em Suma, o mitraísmo, tal como o cristianismo, teve uma refeição sacramental como parte da sua cerimónia. Mas talvez o elemento mais importante comum ao cristianismo e aos cultos dos mistérios pagãos tenha sido o conceito de salvação. Num sentido ou noutro, Ísis, Cibele e Mithras eram todos vistos como salvadores*. **[2]**

Não é difícil ver como o cristianismo e os cultos misteriosos poderiam ter ficado confusos nas mentes dos crentes gentios inadequadamente instruídos. A tendência para reinterpretar o Messias em termos gentios e o "contar histórias" do gnosticismo no cristianismo tradicional sugere que houve uma acomodação significativa. O cristianismo sugere que teve lugar uma acomodação significativa ao paganismo. A opinião de um erudito luterano amplamente reconhecido deve ser cuidadosamente anotada:

> "*A esperança da igreja primitiva centrada na ressurreição do último dia. É isto que primeiro chama os mortos à vida eterna (**1 Coríntios 15; Filipenses 3:20** y seguintes.). Esta ressurreição acontece ao homem e não apenas ao corpo. Paulo fala da ressurreição não "do corpo" mas "dos mortos". Esta compreensão da ressurreição compreende implicitamente que a morte também afeta todo o homem... Assim, os conceitos bíblicos originais foram substituídos por ideias do dualismo gnóstico helenístico. A ideia do NT da ressurreição que afeta todo o homem teve de ceder o lugar à imortalidade da alma. O último dia também perde o seu significado, porque as almas já receberam tudo o que é decisivamente importante muito antes desse dia. A tensão escatológica já não é fortemente dirigida para o dia da vinda de Jesus. A diferença entre isto e a esperança do NT é muito grande*". **[3]**

Norman H. Snaith, M.A., D.D. (Oxon) dá uma contribuição significativa para a nossa discussão. Ele soa a uma nota de precaução de que nem tudo está bem com o cristianismo 'oficial' quando diz:

> "*Toda a Bíblia, tanto o NT como o AT, baseia-se na atitude e abordagem hebraica. Somos de opinião firme que isto deveria ser reconhecido em todas as mãos em maior medida. É claro para nós... que existe frequentemente uma grande diferença entre a teologia cristã e a teologia bíblica. Ao longo dos séculos a Bíblia tem sido interpretada num contexto grego, e mesmo o NT tem sido interpretado com base em Platão e Aristóteles... a nossa posição é que a reinterpretação da teologia bíblica em termos das ideias dos filósofos gregos tem sido generalizada ao longo dos séculos e destrutiva em todos os lados da essência da fé cristã... Se estes julgamentos são razoáveis, e acreditamos que são razoáveis, então nem a teologia católica nem a protestante se baseiam na teologia bíblica. Em cada caso temos um domínio da teologia cristã pelo pensamento grego*". **[4]**

Em suma, toda a questão controversa que é agora tão amplamente discutida sobre a relação de Jesus com o único Deus do monoteísmo bíblico rigoroso precisa de ser examinada por estudiosos contra a pureza da fé apostólica. É de notar que para Paulo (como para Jesus) não houve nenhuma dificuldade teórica para o monoteísmo, sendo Jesus o Filho de Deus, o Messias. Foi apenas quando foi introduzida uma afirmação subtilmente diferente de que ele era "***Deus, o Filho***" que toda a questão trinitária veio à tona. A presente discussão esclarecedora sobre a presença ou ausência da doutrina desenvolvida da encarnação do segundo membro do Deus Trino nas Escrituras deve ser cuidadosamente investigada pelos evangélicos. ser cuidadosamente investigados pelos evangélicos antes de se precipitarem para conclusões apressadas sobre a base bíblica dos credos tradicionais. [5]

Para aqueles que não desejam enfrentar a questão em grande detalhe, bastará examinar o credo iluminador de Jesus registado em ***Marcos 12:28-34***, bem como a clássica declaração de fé cristã de Paulo em ***1 Coríntios 8:4-6***. A sua definição do único Deus como distinto de Jesus, o único Senhor Messias, deve ser cuidadosamente anotada:

> "***e que não há senão um só Deus. Porque, ainda que há também alguns que se chamem deuses***, ***quer no céu ou sobre a terra, como há muitos deuses e muitos senhores***, ***todavia, para nós há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem existimos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós também, por ele***".

No final do seu ministério, Paulo declara novamente o credo apostólico:

> "***Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem***" (***1 Timóteo 2:5***).

Estes versículos reveladores mostram que Paulo nunca abandonou por um instante o seu estrito monoteísmo da herança judaica que partilhava com Jesus. O único Deus do monoteísmo cristão é o Pai. Isto é monoteísmo unitário, não trinitário, como tantos estudiosos contemporâneos reconhecem; e João é uma testemunha tão inequívoca desta forma de monoteísmo como qualquer escritor do NT ***(João 5:44, 17:3***). O seu único propósito é fazer-nos acreditar em Jesus como o Messias (***João 20:31***).

Notas Finais *8*

[1] *Michael Anheim*, "*Is Christianity true?*" (O cristianismo é verdadeiro?) Londres: Duckworth, 1984, p.127.

[2] Ibid, p. 27.

[3] *Paul Althaus*, "*Theology of Martyn Lutero*" (Teologia de Martin Lutero), Filadélfia: Fortress Press, 1966, pp. 413.414, emp.

[4] "*The Distinctive Ideas of The Old Testament*" (As Ideias Distintas do Antigo Testamento), New York: Schocken, 1964, pp. 185.187, 188. ênfase adicionada.

[5] Ver, por exemplo, "*Christology in Creation*" (Christologia na Criação) por *James Dunn* (Eerdmans, 1966); "*The Human Face of God*" (A Face Humana de Deus), por *J.A.T. Robinson* (SCM Press, 1973), especialmente o capítulo 5; "*God as Spirit*" (Deus como Espírito) por *Geoffrey Lampe* (SCM Press, 1977), capítulo 5; e especialmente "*The Christian Experience of God As Trinity*" (A Experiência Cristã de Deus Como Trindade) por *James P. Mackey* (SCM Press, 1983), capítulo 6: "*The Problem of the Preexistence of the Son*" (O Problema da Preexistência do Filho)".

9

Um apelo para um regresso ao cristianismo do Novo Testamento

O NT apresenta-nos uma doutrina essencialmente simples da igreja. É a continuação da fiel congregação de Israel, agora composta por judeus e gentios, e gozando de igual estatuto como parte do "***Israel de Deus***" espiritual (***Gálatas 6:16***). Os cidadãos desta comunidade devem ser, nas palavras de Jesus, "***não sois deste mundo***" (***João 15:19***). Devem ser separados e distintos do mundo como embaixadores do Reino de Deus (***2 Coríntios 5:20***) e assim manifestar o Reino de Deus (***2 Coríntios 5:20***), e assim manifestar a santidade do Deus que os inspira através do seu espírito.

Um dos aspetos mais perturbadores e problemáticos do cristianismo tradicional é a sua incapacidade de pôr em prática os ideais de conduta exigidos por Jesus aos seus seguidores. Estes são explicados com particular clareza no Sermão da Montanha, onde são registados os requisitos para o discipulado. Aos cristãos é ordenado que amem os seus opositores e que não resistam a pessoas más. Ao fazê-lo, estão em conformidade com uma nova norma: O de amar os seus inimigos (***Mateus 5:38-48***). No passado, salientou Jesus, era costume odiar os inimigos nacionais de Israel (nunca tinha sido permitido odiar um inimigo israelita semelhante). Sob a ética cristã, no entanto, os inimigos de todos os tipos devem ser inimigos de todos os tipos devem ser amados e não resistidos. A incompatibilidade deste ensino com a participação nas armas é óbvia. Mesmo a teoria da guerra justa, se pudesse ser reconciliada com as Escrituras, é totalmente inadequada em condições modernas em que as armas nucleares ameaçam a vida dos combatentes. ameaçam a vida tanto de combatentes como de não combatentes.

Além disso, todo o corpo de cristãos deve ser reconhecido pelo mundo como discípulos de Jesus pelo amor que os une:

> "***Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros***".
> (***João 13:35***).

Nessa comunidade ligada pelo amor, "***no qual não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre***" (***Colossenses 3:11***) e, devemos acrescentar, "cristãos americanos, russos e franceses", mas Cristo é tudo em todos. A primeira implicação óbvia deste ensinamento é que os cristãos não podem possivelmente estar envolvidos no massacre dos seus irmãos noutras terras, pelo que é imperativo que se separem do uso da violência que inevitavelmente os torna culpados do sangue dos seus companheiros cristãos noutras nações, bem como dos seus inimigos. É verdadeiramente monstruoso que os cristãos possam pensar que podem continuar a contemplar a destruição em massa dos seus irmãos espirituais, como aconteceu, por exemplo, na última guerra, quando inúmeros cristãos luteranos na Alemanha e cristãos britânicos em Inglaterra tiraram a vida um ao outro. **[1]** O único curso possível, coerente com as instruções de Jesus, é "ir em frente e estar pronto" e manter o vínculo do amor pelo qual os homens "***conhecerão todos que sois meus discípulos***".

De acordo com o exemplo do NT de separação do Estado, os cristãos serão genuínos no seu estatuto de embaixadores residentes num mundo estrangeiro e hostil, e testemunharão como uma colónia do reino de Deus para o mundo a paz que virá à terra quando Cristo regressar para reinar.

O regresso dos cristãos a um estatuto de "estrangeiros residentes" num mundo mau refletirá a grande verdade bíblica de que os crentes são verdadeiramente "***descendentes de Abraão***" (***Gálatas 3:29***). A Abraão foi prometida a terra e a ilustre semente, que é Cristo (***Gálatas 3:6***). A única semente, o Messias, incorpora todos os verdadeiros crentes. Assim, a promessa da terra para sempre (***Génesis 13:15; 17:8***), a herança de Abraão, é também a herança de Cristo e dos santos: "***Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra***" (***Mateus 5:5***). A terra prometida, que corre como um fio de ouro através do AT, entra no NT como a herança prometida do futuro Reino de Deus na terra (compare ***Apocalipse 5:10; Salmo 37:11***).

Os patriarcas viveram como "estrangeiros" na terra prometida (***Hebreus 11:9***) e morreram sem receber a terra prometida (***Hebreus 11:13, 39***). Só pela ressurreição por ocasião do regresso de Cristo é que os fiéis de todas as idades, aqueles que são "*de Abraão*" (***Romanos 4:16***), alcançarão a herança prometida da terra, ou seja, o Reino de Deus.

Notas Finais *9*

[1] Aquele que viu a inconsistência dos cristãos tirar a vida aos outros foi o arquidiácono da Igreja de Inglaterra: "*Dentro da comunhão cristã, cada um está ligado ao outro por um amor como o que Cristo tinha por eles. Este é o novo mandamento; e a obediência a ele deve ser a prova para o mundo do verdadeiro discipulado... tal é a qualidade do amor concebido para a unidade da Igreja. Mas entrar em guerra contra outros cristãos é muito conflituoso para a realização desse ideal humano de amor... poderia alguém fora de um hospital psiquiátrico sugerir que quando, por exemplo, cidadãos britânicos e americanos aceitaram a responsabilidade de largar a bomba atómica que matou e mutilou o corpo e a alma dos seus companheiros cristãos em Nagasaki, tal ato poderia ser "prova" para o mundo de que dentro da comunhão cristã estavam unidos pelo amor que Jesus tinha um pelo outro?*" (*Percy Harthill*, "*The Churh*" ─ A Igreja, p.49).

10

Tradição - A Grande Barreira ao Progresso

A dificuldade em obter a aceitação do que propomos não reside na complexidade dos assuntos em discussão, mas na tenacidade com que agarra "a forma como sempre acreditámos" as mentes dos devotos sinceros da igreja. O cristianismo bíblico, que não pode florescer se não for aceite com a mente "de uma criança pequena", nada mais é do que acreditar, e render-se ao Pai como "***o único Deus verdadeiro***" (***João 17:3***), e a Jesus como o Messias, que morreu pelos pecados do mundo e é agora Sumo Sacerdote sobre o Seu povo atraído de todas as nações. Ele está a voltar para reunir os seus seguidores num Reino a ser inaugurado na terra. É a permanência de longa data da versão "Desmesianizada" da fé, aceite ampla e acriticamente, que torna difícil para nós renunciarmos aos nossos queridos entendimentos. Mas, especialmente para os evangélicos, deveria haver uma grande atracão no desafio de regressar "***ao evangelho a respeito do reino de Deus e do nome de Jesus Cristo***" (***Atos 8:12, 28:23, 31; Lucas 4:43***).

A tese subjacente a este desafio de se renderem incondicionalmente aos ensinamentos apostólicos da Bíblia é a de que os fiéis da igreja têm involuntariamente tomado em consideração uma grande medida de teologia grega post-bíblica que é estranha e incompatível com o que os Apóstolos ensinaram. Esta queixa não é certamente original, mas nessa medida não conquistou um vasto público. Um célebre académico de Oxford escreveu em 1889:

> "*Atrevo-me a afirmar que uma grande parte do que por vezes se chama doutrina cristã, e muitos usos que prevaleceram e continuam a prevalecer na igreja cristã, são na realidade teorias gregas e usos gregos alterados na forma e cor pela influência do cristianismo primitivo, mas na essência ainda grego.... a questão que se impõe à nossa atenção como um fenómeno que passa em revista perante nós é a questão da relação destes elementos gregos com a natureza do próprio cristianismo. A questão é vital; a sua importância dificilmente pode ser sobrestimada*". **[1]**

Sim, como temos afirmado, a mente grega distorceu a nossa compreensão do significado de "Cristo" e do Seu evangelho do Reino, nada poderia exceder em importância a necessidade de um reexame minucioso, a nível pessoal, familiar e eclesiástico, destes blocos de construção da fé. Como incentivo para desarraigar os nossos sistemas de crenças que não são genuinamente cristãos, devemos também recordar o aviso de um teólogo britânico que escreveu:

> "*Quando a mente grega e a mente romana se viraram, em vez da mente hebraica, para dominar a perspetiva da igreja, ocorreu um desastre do qual nunca nos recuperámos... tanto na prática como na doutrina. tanto na prática como na doutrina. Se hoje uma grande era de evangelismo está prestes a amanhecer, precisamos novamente dos judeus*". **[2]**

Muito especificamente, precisamos do Jesus judeu, o Messias de Israel e o Salvador do mundo que, suspeitamos, foi eclipsado ou mesmo substituído por um "Jesus" não judeu (gentio). A mesma ideia é expressa por *Olga Levertoff*:

> "*A igreja deve refazer os seus passos para reencontrar o espírito profético dos líderes revolucionários do antigo Israel. Ela deve estar preparada para romper com muito do que o tempo consagrou. "**De volta à igreja do primeiro século**" deve ser o seu slogan ─ o que significa praticamente voltar ao cristianismo judeu*". **[3]**

Isto, claro, não significa um regresso ao judaísmo, mas ao cristianismo genuíno de Jesus e Paulo, um cristianismo centrado na crença em Jesus como o Senhor Messias da expectativa hebraica, e no Reino Messiânico, que Ele e os Seus seguidores irão administrar na terra quando Ele regressar novamente ao mundo.

Presume-se que através do NT os cristãos se familiarizarão com o AT, especialmente com a mensagem e as previsões dos profetas, e que a sua autoridade, bem como a de Jesus e dos Apóstolos, será inquestionável. A apostasia generalizada a partir desta perspetiva cristã está a conduzir rapidamente à anarquia espiritual.

Embora o NT esteja escrito na língua grega, as suas ideias controladoras são hebraicas, derivadas do Antigo Testamento, e o seu grande tema central é a Boa Nova do Reino de Deus a ser realizada através da obra de Jesus, o Messias prometido. A menos que estes princípios sejam básicos para qualquer sistema de teologia, que a teologia não possa reivindicar ser apostólica. Quando o Reino de Deus é "reinterpretado" em termos do "Evangelho Social", ou apenas um reino "no coração" do crente, ou a partida para o "céu" por ocasião da morte, e a sua associação apocalíptica com uma crise futura na história é descartada, não temos o direito de o identificar com os ensinamentos de Jesus e dos Apóstolos. Por outras palavras, a menos que a Segunda Vinda e subsequente Reino na Terra permaneçam tão centrais como a Sua ressurreição no pensamento cristão, temos de admitir a perda de um elemento essencial do programa Messiânico. A esperança do regresso do Messias na história para renovar o mundo deve ser restabelecida e mantida contra todas as modificações e esforços essencialmente gnósticos para o remover ou esvaziar do seu significado bíblico. Como é sabido, todos os recursos concebíveis têm sido utilizados pelos teólogos para eliminar a Segunda Vinda e o consequente reino. Foram rebaixados como "poesia" ou os textos que os descrevem em detalhe são dissolvidos no ar com protestos que não podem ser tomados à letra. Esta é uma forma de cobardia teológica. É tempo de deixar de os retirar dos ditos messiânicos 'concretos' de Jesus e abraçá-los, gratos pela esperança que oferecem de paz na terra.

Há um tratamento evasivo de uma boa dose de linguagem simples apenas para recusar "***ouvir a palavra de Deus***", o Evangelho (***Lucas 5:1; 8:11***) e a semente do novo nascimento (***Mateus 13:19; 1 Pedro 1:23-25***). Não nos atrevemos a reescrever a fé cristã para nos lisonjearmos. O que permanece escrito como "*a fé uma vez entregue aos santos*" contém o registo não só do nascimento único do Messias e do seu regresso à vida após a sua morte, mas também a promessa da nossa ressurreição destinada a ocorrer quando Cristo regressar para inaugurar uma nova era da história da qual Satanás será banido. Poderá algo ser mais relevante para o nosso mundo doente pelo pecado? E que privilégio maior e ainda mais belo poderia ter sido concebido para os cristãos terem um papel na reorganização da humanidade na nova sociedade do Reino de Deus que se aproxima na Terra?

Notas Finais *10*

[1] *Edwin Hatch*, "*The Influence of Greek Ideas on Christianity*" (A Influência das Ideias Gregas sobre o Cristianismo), Peabody, M.A; Henderson, 1995, pp. 350-351.

[2] *Canon H. Goudge* en "*Collected Essays on Judaism and Christianity*" (Ensaios recolhidos sobre o Judaísmo e o Cristianismo), Shears and Sons, 1939.

[3] "*The Jews in a Christian Social Order*" (Os judeus numa Ordem Social Cristã), New York: Macmillan, 1942.

11

A pregação no Novo Testamento

Nenhum aspeto do NT sofreu mais às mãos das críticas do que aquele que trata das previsões sobre o futuro. A confusão e o conflito que resultaram são encontrados nos comentários padrão. Em ***Mateus 24*** (paralelo a ***Marcos 13*** e ***Lucas 21***) Jesus deu um relato essencialmente franco dos acontecimentos que conduziram ao seu regresso para inaugurar o Reino. É um relato, como diz Jesus, que se baseia nas revelações proféticas concedidas a Daniel, e é uma descrição coerente dos cenários finais da presente era do mal, imediatamente antes do reaparecimento de Jesus. Jesus acreditava evidentemente que o livro de Daniel continha informações sobre o futuro distante, e por isso instruiu os Seus seguidores a consultar as palavras de Daniel para compreender o significado da Sua própria visão do futuro (***Mateus 24:15***):

> "***Quando, pois, virdes o abominável da desolação*** **[1]** ***de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê entenda), então, os que estiverem na Judeia fujam para os montes***".

A própria noção de predição parece ser inaceitável para muitos em bolsas de estudo. **[2]** Frases como "curiosidade mórbida", usando a Bíblia como o "Velho Almanaque Mouro" são atiradas a alguns que seriam tão ingénuos a ponto de acreditar que Jesus poderia ter falado de acontecimentos pelo menos 1900 anos antes do seu dia. Pode ser concedido que ele previu a destruição de Jerusalém em 70 DC (embora os discípulos possam ter escrito a "profecia" após o acontecimento!), mas parece inconcebível aos comentadores que Jesus pudesse conhecer o futuro para além do primeiro século. Todo o estudo da profecia tem sido frustrado pela tendência dos comentadores de forçar as previsões bíblicas a uma história já cumprida, em vez de admitir que ainda não foram cumpridas.

Porque não haveria Deus de conceder os segredos do futuro ao Seu Filho, e através Dele à Sua fiel igreja? É óbvio que Jesus desejava que os Seus seguidores tivessem uma ideia dos acontecimentos futuros, uma vez que Ele respondeu diretamente à sua pergunta sobre o sinal da Sua vinda e do fim dos tempos (***Mateus 24:3***). Mais tarde, no mesmo discurso, Ele diz claramente: "***Vede que vo-lo tenho predito***" (***Mateus 24:25***).

A resposta dada por Jesus pressupõe que o leitor conhecerá a profecia de Daniel sobre o inimigo final do cristianismo ─ o Anticristo ─ que se estabelecerá como uma autoridade divina em Jerusalém. A sua destruição virá às mãos do Messias que regressa. O esboço para o futuro descrito por Jesus equivale a um programa simples. Haverá uma "abominação da Desolação" (o particípio feminino de Marcos ("erigida"-V.J.) aponta para um ser humano, ***Marcos 13:14***), previamente previsto por Daniel (***Mateus 24:15***), estabelecido no lugar santo de Jerusalém. Este deve ser o sinal para os cristãos que vivem na Judeia "*fugirem para as montanhas*", pois seguir-se-á um tempo de sofrimento sem paralelo, descrito por Jesus como a "***grande tribulação***" (***Mateus 24:21***). Jesus dá detalhes e avisos específicos em relação o "voo" da igreja para evitar o terrível momento de calamidade causado pelo aparecimento da "Abominação da Desolação".

Imediatamente após este tempo de extrema angústia (***Mateus 24:29***), ocorrerão perturbações cósmicas no céu e então o Messias aparecerá nas nuvens e reunirá o Seu povo escolhido no Reino de Deus (***Versículos***

30, 31). Como diz Lucas, "***quando virdes acontecerem estas coisas*** [os acontecimentos catastróficos que conduzem à Segunda Vinda] ***sabei que está próximo o reino de Deus***" (***Lucas 21:31***). Esta passagem criticamente importante fornece-nos uma das numerosas provas da vinda do Reino de Deus como um acontecimento que se segue à vinda futura de Jesus. É óbvio que Jesus não estava a falar dos acontecimentos de 70 d.C., pois imediatamente após estes acontecimentos (de 70 d.C.), a Sua Segunda Vinda não ocorreu.

O discurso profético de Jesus é, como ele diz, construído sobre revelações dadas no século VI a.C. a Daniel. Quando todos os dados são reunidos com o material paralelo de Isaías, muito rejeitado, formam um todo unificado que dá uma imagem coerente do futuro no Médio Oriente imediatamente antes da Segunda Vinda. O mesmo assunto é abordado por Paulo em ***2 Tessalonicenses 2***, onde ele reforça, contra a ameaça de temas contraditórios concebidos para confundir a igreja, a sequência de acontecimentos dada por Jesus. Paulo antecipa uma apostasia de Deus ─ uma apostasia que conduz à vinda do reino de Anticristo, que é seguida pelo aparecimento de Cristo em glória para destruir o inimigo final, reunir os fiéis e depois estabelecer o Reino (ver ***2 Tessalonicenses 2:1-12***).

O material preservado para nós no discurso do Monte das Oliveiras é tudo parte integrante da sua perspetiva messiânica. Não pode ser divorciado do resto do seu ensino sem uma grave distorção da sua crença judaica (cristã) que tem as suas raízes no AT. Isto inclui compreender Daniel como o meio de revelação divina sobre o futuro precisamente antes da Segunda Vinda. **[3]** O livro de Daniel é em grande parte uma descrição do Anticristo final, do qual Antíoco Epífanes, no século II a.C., era apenas uma sombra. Jesus acreditava evidentemente, como os seus seguidores devem acreditar, que o AT "anticristo" Antíoco fornecia a preparação "típica" para a figura ainda mais sinistra que um dia ameaçará os santos e se apresentará como um fingidor messiânico. Tal como Jesus, Paulo tomou tudo isto com a máxima seriedade e falou disso constantemente às igrejas. (***2 Tessalonicenses 2:5*** ─ "***Não vos recordais de que, ainda convosco, eu costumava dizer-vos estas coisas?***").

Paulo viu no Anticristo, o Homem do Pecado, uma caricatura hedionda e uma paródia do próprio Messias que regressava. Na opinião do Apóstolo, a única coisa segura contra ser enganado pelo Messias impostor é estar profundamente fundamentado na verdade da revelação divina em Jesus e nas Escrituras (***2 Tessalonicenses 2:7-10***). O Apóstolo vai ao ponto de dizer que o próprio Anticristo terá uma chegada espetacular, uma "***parousia***" (***2 Tessalonicenses 2:9***); tal será a astúcia dos esforços de Satanás para enganar. De uma forma deslumbrante, esta falsa Segunda Vinda imitará a gloriosa revelação do próprio Messias. Será um caso de oposição por imitação, levando à tragédia para aqueles incapazes de discernir o verdadeiro do falso (***2 Tessalonicenses 2:10-12***).

Tudo isto é básico para a perspetiva do NT sobre o futuro, mas tem sido descartado muito irracionalmente pelas igrejas na sua rejeição geral do Messianismo do NT. A recuperação do ensinamento cristão essencial sobre o futuro, encontrado em todo o NT, fará muito para despertar o interesse pelo cristianismo bíblico.

Não é exagero dizer que o tema do Anticristo é da maior importância para Jesus, Paulo e João, que juntamente com Lucas são as principais testemunhas da fé Apostólica. Como vimos, Jesus referiu-se aos seus discípulos às previsões de ***Daniel***, que, nos ***capítulos 7, 8, 9, 11, 12***, previu a ascensão e o reinado de um terrível tirano, um arque perseguidor dos fiéis cuja terrível carreira dominará um período de 7 anos (a "**heptada**" final da revelação de Gabriel dos setenta "**heptadas**" ─ ***Daniel 9:24-27***), pouco antes da chegada de Jesus em glória. Que Jesus compreendeu que o período final de sete anos como futuro é

demonstrado pela Sua colocação da "abominação" de Daniel, que estará ativa durante sete anos (***Daniel 9:26, 27***), no futuro imediatamente anterior à Segunda Vinda (***Mateus 24:15, 29, 30***).

A informação a que Jesus nos refere encontra-se em ***Daniel 8:13; 9:26, 27; 11:31, 12:11*** e os contextos circundantes. Nestes versículos uma figura abominável, continuando uma guerra de devastação e interferindo com o regime de um templo restaurado, chega ao fim numa "inundação" (***Daniel 9:26, 11:45***) ou cataclismo precipitado pela chegada de Jesus "***em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus***" (***2 Tessalonicenses 1:8***). O evento corresponde à descrição de Paulo da morte do Anticristo em ***2 Tessalonicenses 2:8***. A partir do momento em que o abominável tirano for estabelecido no lugar santo, decorrerá um período de aproximadamente 3,5 anos (***Daniel 12:7, 11***), a segunda metade da heptada final de anos anunciada por Gabriel em ***Daniel 9:26, 27***. O livro do Apocalipse associa o mesmo período de 3,5 anos ao reino escatológico da "***Besta***" (***Apocalipse 13:5***; compare. ***11:2, 3; 12:6, 14***).

Um exame das passagens relevantes em Daniel às quais somos dirigidos por Jesus em ***Mateus 24:15*** mostra que um "***homem vil***" (***Daniel 11:21*** e seguintes) surgirá no Médio Oriente, na área da Síria ou Iraque (descrito como um assírio em ***Isaías 11:4***, em comparação com ***2 Tessalonicenses 2:8***), ingratindo-se com Israel, mas depois voltando-se contra eles e os cristãos, fazendo um esforço final para se estabelecer no poder em Jerusalém. Jesus refere-se muito especificamente a esta sequência de acontecimentos, que precederá imediatamente o Seu regresso (***Mateus 24:29***), e no relato de Daniel precede imediatamente a ressurreição dos fiéis mortos (***Daniel 12:1, 2***). O material que nos foi dado por Daniel corresponde, portanto, ao próprio desenvolvimento de Jesus sobre si mesmo. Tanto ele como Daniel descrevem um período de tribulação sem precedentes (***Daniel 12:1, Mateus 24:21***) imediatamente antes do fim da era. O fim é marcado (como em qualquer outra parte da Escritura) pela ressurreição dos mortos (***Daniel 12:2***) e Jesus harmoniza-se com a afirmação clara de Paulo sobre o tempo em que os fiéis mortos serão "tornados vivos", implicando, evidentemente, que estão mortos até esse tempo futuro (***1 Coríntios 15:22***). O simples plano de ressuscitar os mortos na vinda futura de Jesus não pode ser harmonizado com a visão tradicional dos mortos como já estando vivos com Ele no céu. É apenas pela ressurreição na ***Parousia*** que os santos podem vir à presença de Jesus (***1 Tessalonicenses 4:17; 5:10***).

No livro do Apocalipse, as profecias de Daniel e Jesus são mais desenvolvidas. O fim crítico de um período de 3,5 anos do reinado do Anticristo, baseado em ***Daniel 9:26, 27; 7:25; 12,7, 11*** é novamente visto por Jesus como futuro (***Apocalipse 13:5***) e chega ao fim quando, com a vinda do Messias, "***O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos***" (***Apocalipse 11:15***). Segue-se então o reinado há muito esperado do Messias e dos seus santos, que "*viveram e reinaram como reis com o Messias*" (***Apocalipse 20:4***).

Os métodos pelos quais os comentadores tentaram livrar-se deste futuro Reino Messiânico estão entre os mais devastadores de toda a história do mau trato das palavras das Escrituras. A ressurreição dos santos anteriormente decapitados para reinar com Jesus (***Apocalipse 20:4***) pode, evidentemente, referir-se apenas a uma ressurreição real dos mortos. Não pode certamente ser uma descrição da conversão cristã agora! Contudo, esta tem sido a visão tradicional desde *Agostinho de Hipona* **[4]**, e é um testemunho de toda a tendência anti messiânica do cristianismo tradicional.

"***A primeira ressurreição***" (***Apocalipse 20:5***), que descreve a bênção daqueles que ganham vida para serem "***erão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele os mil anos***" (***Apocalipse 20:6***), prossegue para a Segunda Vinda vista por João em ***Apocalipse 19:11-21***. A ordem dos acontecimentos é exatamente

o que esperaríamos da sequência dada por Paulo em ***1 Coríntios 15:22, 23***. Após terem sido reavivados pela ressurreição, os fiéis embarcam com o Messias no seu reino, exatamente como Jesus tinha prometido nos textos que já discutimos. **[5]**

Uma recolha cuidadosa do extenso material fornecido pelas profecias de Daniel, Isaías, Paulo e o próprio Jesus no Evangelho e Apocalipse fornece-nos um quadro bastante detalhado dos acontecimentos na região de Israel que conduziram ao regresso do Messias. Uma característica muito rechaçada do relato de Paulo sobre o Anticristo em ***2 Tessalonicenses 2*** é a sua citação de ***Isaías 11:4***. A referência a um assírio do tempo final, descrito adicionalmente em Isaías 30:27-32:4 num cenário messiânico, "***o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e o destruirá pela manifestação de sua vinda***" (***2 Tessalonicenses 2:8***). Como é bem sabido, o governante da Assíria [6] encontra-se no território anteriormente dominado pelos impérios assírio e babilónico, e agora pelo Iraque. É desse lugar que a Escritura parece esperar que o Anticristo surja; e é muito provável que todo o ***Daniel 11***, a partir do ***versículo 5***, seja uma previsão de acontecimentos mesmo futuros para o nosso tempo. Como a história é por vezes incompleta e inconsistente e, apesar de alguns paralelos, não correspondem exatamente à sucessão dos reis sírios que viveram entre o quarto e o segundo século a.C. A narrativa *de* ***Daniel 11:5*** a ***Daniel 12:3*** lê-se como um todo ligado, muito do qual não corresponde a nada na história, enquanto que o resto foi imperfeitamente cumprido. A grande revelação concedida a ***Daniel*** nos ***capítulos 10-12*** para lhe mostrar "*o que deve vir ao vosso povo nos últimos dias,* [isto é, os dias que precedem o Reino Messiânico] ***pois a visão é para aqueles dias ainda futuros***", deve ser valorizada por todos os que levam a sério o conselho de ler e compreender o livro de Daniel (Ver ***Daniel 10:14*** e as instruções de Jesus em ***Mateus 24:15***).

A profecia é claramente concedida à igreja como um conforto nos últimos dias difíceis antes do regresso do Messias. A referência de Jesus à Abominação da Desolação em ***Daniel 9:27, 11:31, 12:11*** dirige a nossa atenção para todo o contexto em que estes versículos são fundados. Este é exatamente o método do NT.

> "*Quando a N.T. cita uma breve passagem da A.T., muitas vezes aplica implicitamente todo o contexto da citação*". [7]

A "Bolsa de estudo" não tem estado disposta a seguir Jesus ou Paulo de perto quando se preocupam com o futuro distante que precede a Segunda Vinda. Contudo, não há razão lógica para tratar um pouco menos seriamente a previsão de acontecimentos futuros dada por Jesus em **Mateus 24** do que, por exemplo, o Sermão da Montanha. A "teologia" parece ter feito o seu melhor para se divorciar de Jesus do que é visto como o ensino "inconveniente" contido no Sermão sobre as Azeitonas. O NT, contudo, apresenta o Filho de Deus como não menos autoritário na sua previsão do futuro do que as suas exigências éticas radicais. Tudo é um reflexo da crença messiânica do Messias e da sua perspetiva. Cada pedaço de dados do NT é necessário a fim de nos dar uma imagem arredondada do Jesus da história e da fé.

As igrejas, portanto, não podem pretender representar a mentalidade de Jesus a menos que comuniquem aos seus membros e ao mundo a soma de tudo o que Jesus ensinou. **[8]** É evidente que os cristãos tradicionais simplesmente rejeitaram ou suprimiram as partes principais do seu ensino. **[9]** No seu tratamento seletivo do registo, as igrejas parecem ter endossado apenas o que a tradição permitirá. Muito do resto do que Jesus ensinou foi posto de lado como 'judeu' ou 'não-espiritual'. Há uma persistente paixão antissemita na teologia tradicional. É o Messianismo de Jesus Cristo (e portanto por definição cristão) que tem sofrido tão desastrosamente com os inconcebíveis comentários gentílicos.

Esta infeliz tendência anti messiânica de domesticar o Messianismo dos profetas do NT e OT e torná-lo mais respeitável, "religioso" e "espiritual" tem origem no fracasso dos reformadores protestantes em acreditar nas palavras de Jesus, especialmente no livro do Apocalipse.

> *Lutero* no prefácio da sua tradução do NT (1522) expressou uma forte antipatia pelo livro do Apocalipse, declarando que para ele tinha toda a marca de não ser nem apostólico nem profético ... e não podia ver que era obra do Espírito Santo. Além disso, ele não gostou das ordens e ameaças que o escritor faz no seu livro (***22:18, 19***), e da promessa de bênção àqueles que guardam o que está nele (***1:3; 22:7***), quando ninguém sabe o que isso é... por outro lado, muitos Pais rejeitaram o livro... "*Finalmente, cada um acredita nele seja o que for que o seu espírito lhe transmita. O meu espírito não se pode adaptar ao livro, e uma razão suficiente para não o ter em alta estima é que Cristo não é mencionado nem reconhecido nele, que é o que um Apóstolo deveria ter feito antes de qualquer outra coisa*". Mais tarde (1534) *Lutero* encontra nela uma possibilidade de utilidade cristã... ele ainda acreditava nela como uma profecia escondida e estúpida, a menos que fosse interpretada, e sobre a interpretação não lhe tinha sido alcançada nenhuma certeza depois de muitos esforços... Mas ele permaneceu duvidoso sobre a sua apostolicidade (Prefácio ao Apocalipse na edição de 1545), e imprimiu-a com Hebreus, Tiago, Judas como um apêndice ao seu NT, não listado no índice. "*Em geral, a visão da Reforma é marcada por um regresso ao Cânon de Eusébio e, consequentemente, por uma pobre valorização dos hebreus, 2 Pedro, 2 e 3 João, Tiago, Judas, e Apocalipse*". *Zwingli* referiu-se ao Apocalipse como "*um livro não bíblico*". E mesmo *Calvino*, com a sua boa opinião de inspiração, não comentou sobre 2 e 3 João e Apocalipse. **[10]**

Olshausen coloca infalivelmente o seu dedo no grande ponto cego do Reformador quando comenta que o livro final da Bíblia era obscuro para *Lutero* simplesmente porque "*ele não conseguia compreender bem a doutrina do Reino de Deus na terra, que é exibida no Apocalipse, e forma o próprio centro de tudo o que nele está contido*". **[11]**

Devemos acrescentar que o Reino de Deus na terra é o centro organizador de toda a Escritura e o coração do Evangelho salvífico, tal como Jesus o pregou. A Escritura e o coração do Evangelho salvífico enquanto Jesus o pregava.

Notas Finais *11*

[1] ***Marcos*** (***13:14***) regista o ditado: "***situado onde não deve estar***", apontando para um anticristo pessoal.

[2] Compare a observação de *Joyce Baldwin* de que "*no que diz respeito à profecia como prognosticador, a Igreja perdeu a coragem. Um humanismo racionalista impregnou de tal forma o pensamento cristão que ridicularizou todas as reivindicações que vêem na Bíblia nada mais do que a vaga referência de acontecimentos futuros*" ("*Tyndale Commentary on Daniel*" —

Comentário de Tyndale sobre Daniel, pp. 184,185). É difícil ver como pode haver progresso na compreensão das passagens proféticas do AT quando os comentadores se recusam a seguir a aplicação clara de Paulo de ***Daniel 11:36*** a um futuro anticristo em ***2 Tessalonicenses 2:4***. O comentário de *Norman Porteous* sobre Daniel, na série da Biblioteca do AT (p. 169), afirma que "*é de pouco valor teológico ver o anticristo em* ***Daniel 11:36***". Mas ele viu-o evidentemente valioso. E Jesus viu um evento de fim de tempo em ***Daniel 11:31*** (***Mateus 24:15***).

[3] A importância de compreender a mensagem do livro de Daniel como base para a compreensão do ensino de Jesus não pode ser sobrestimada. "*Daniel entre todos os livros do AT é... da maior importância para o NT como um todo...*" (*H.C. Kee*, "*The New Age Community*" ─ A Comunidade da Nova Era, p.45).

[4] A visão é conhecida como a-milenialismo.

[5] ***Mateus 19:28; Lucas 22:28-30; Apocalipse 2:26; 3:21; 5:10***.

[6] Na Escritura "***Rei da Assíria***" pode designar um governante mediano (ver ***Esdras 6:22***). Os Medes viram-se a si próprios como sucessores dos Assírios.

[7] *D.A. Carson*, "Expositor's Bible Commentary on Matthew" (Comentário bíblico do Expositor sobre Mateus), Zondervan, 1984, p. 205.

[8] *James Barr* observa que "*a ortodoxia tradicional é um exemplo monumental de ""Recolha e seleção" que deprecia nos outros. Na verdade, a teologia "liberal" na sua ênfase sobre (falando) o Reino de Deus continuava as partes canónicas dos Evangelhos muito mais fielmente*" ("*Sacred Scriptures, Criticisms of Canonical Authority*" ─ Sagradas Escrituras, Crítica da Autoridade Canónica, p. 40). Infelizmente os "liberais" compreenderam o Reino de Deus de forma muito diferente de Jesus. *Bultmann* rejeitou toda a esperança do NT para o futuro, anulando o futuro com um único golpe: "*Já não podemos assistir ao regresso do Filho do Homem sobre as nuvens do céu, nem esperar que os fiéis o encontrem no ar*" (Kerygma e Mito, p. 4).

[9] Em 1926, *William Temple*, Arcebispo de Cantuária, observou que "*A grande descoberta do século em que vivemos é o imenso destaque dado no NT ao Reino de Deus. É muito estranho para nós que o Reino figure tão pouco na teologia e nos escritos religiosos de quase todo o período da história cristã. Certamente nos Evangelhos sinóticos tem uma proeminência que dificilmente pode ser aumentada*" ("*Personal Religion and the Fellowship Life*" ─ Religião Pessoal e a Vida de Comunhão, p.69). Uma vez que o Evangelho é o Evangelho do Reino, a sua ausência da teologia significa a perda do Evangelho.

[10] "*Revelation*" (Apocalipse), "*Hastings Dictionary of the Bible*" (Dicionário Hastings da Bíblia), Vol. 4.

[11] *McClain*, "*The Greatness of the Kingdom*" (A Grandeza do Reino), p. 6.

12

Batismo

Como alguém que aprendeu quase tudo ao ser desafiado em vários assuntos bíblicos durante 40 anos, atrevo-me a estimular o pensamento de alguns companheiros crentes sobre a questão do batismo. Estes são amigos, cujo zelo pela Bíblia é inquestionável, e a quem foi ensinado que o batismo na água é um ritual sem sentido que não é agora aplicável aos cristãos.

O argumento foi assim expresso: "Há dois batismos principais no NT: **a)** batismo em água iniciado através de João Baptista; **b)** batismo no espírito ─ o batismo com o qual Jesus Cristo batiza e que faz de alguém um cristão".

Note cuidadosamente a afirmação acima. Não é um relato justo do que a Bíblia ensina. Falta um fator principal. Os factos são que Jesus também batizou em água. Existem portanto três batismos, e não três batismos. Há portanto três batismos, não dois: **a)** o batismo de João em água; **b)** o batismo autorizado por Jesus; **c)** o batismo no espírito.

Todos estão familiarizados com o batismo de João. Tem sido claramente seguido pelo batismo cristão (***Atos 19:1-7***). O batismo cristão apostólico é tanto pela água como pelo espírito. espírito. Em ***João 4:1, 2*** aprendemos que "***Jesus, fazia e batizava mais discípulos que João (se bem que Jesus mesmo não batizava, e sim os seus discípulos)***". ***João 3:22*** diz que "***foi Jesus com seus discípulos para a terra da Judeia; ali permaneceu com eles e batizava***". Não há dúvida, portanto, que Jesus estava a batizar na água (embora o ato de imersão tenha sido levado a cabo pelos seus agentes, os discípulos). Esta cerimónia de iniciação foi um batismo realizado por Jesus... batismo cristão na água.

A Grande Comissão ordena aos discípulos até ao fim dos tempos que vão a todas as nações e ensinem o que Jesus ensinou. Parte desse ordenado processo de discipulado é "***batizá-los em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo***" (***Mateus 28:19***). É um comando claro dos lábios de Jesus, e constitui um elemento essencial das ordens de marcha da igreja.

Os Apóstolos compreenderam-no claramente dessa forma. O pedido de Pedro à sua audiência do primeiro século não se tornou obsoleto: "***Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo***" (***Atos 2:38***). A iniciação típica na igreja é pelo arrependimento, acreditando no evangelho do Reino e no nome de Jesus Cristo e no batismo na água. ***Atos 8:12*** fornece um credo claro: "***Quando, porém, deram crédito a Filipe, que os evangelizava a respeito do reino de Deus e do nome de Jesus Cristo, iam sendo batizados, assim homens como mulheres***".

Como se não deixasse qualquer possibilidade de fuga, Lucas relata que mesmo após a receção do Espírito Santo, os gentios deviam ser batizados na água. Isto foi expressamente ordenado por Pedro, que estava a seguir conscientemente as ordens de Jesus em ***Mateus 28***. Chamou-os à água, "***Porventura, pode alguém recusar a água, para que não sejam batizados estes que, assim como nós, receberam o Espírito Santo? E ordenou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo***" (***Atos 10:47, 48***). Quando Paulo

descobriu os convertidos que tinham recebido apenas o batismo de João, administrou imediatamente o batismo cristão na água em nome do Senhor Jesus (***Atos 19:5***). A igreja do Novo Testamento certamente não ensinou que o batismo espiritual substituiu o batismo cristão da água. Os dois foram juntos como uma forma ou padrão pelo qual uma pessoa é unida ao corpo de Cristo. Mais tarde na sua carreira, Pedro poderia até falar do "***batismo que nos salva***", como "***mas a indagação de uma boa consciência para com Deus***" (***1 Pedro 3:21***). É claro que ninguém está a sugerir que haja algo "mágico" na água. O que conta é a submissão infantil à portaria prescrita por Jesus. É uma simples questão de obediência e a obediência é fundamental para a fé, "*a obediência da fé*". "***Por isso, quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus***" (***João 3:36***).

O batismo sem continuação persistente na vida cristã não pode mais salvar uma pessoa do que uma decisão antiga que não é seguida de um compromisso para toda a vida. A salvação é por graça e fé, o que também significa (nas palavras de Paulo) "***viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues***" (***Romanos 6:17***). Essa doutrina inclui o batismo. Esta forma de convidar os convertidos a tornarem-se cristãos é uma parte do que a salvação pela fé significava para os Apóstolos. Inculcaram a "***obediência da fé***" em toda a ***Romanos 1:5; 16:26***).

Deus deu-nos um procedimento correto para a admissão na Sua igreja. O batismo na água é uma renúncia pública ao pecado e uma determinação de servir a Deus e ao Messias. Rótulos como "ordenança carnal" ou "legalismo" distorcem o ensino apostólico sobre o batismo cristão das águas. O próprio Jesus foi batizado na água (***Lucas 3:21***). Ele fez e batizou convertidos (***João 4:1***), e ordenou aos Seus seguidores que fizessem e batizassem convertidos (***Mateus 28:19, 20***) até ao Seu regresso no final da era. da época.

Não há necessidade de divisão ou diferença nesta mesma simples questão, que não tem sido um assunto problemático durante muitos séculos para milhões de leitores da Bíblia, e milhares de comentadores treinados nas Escrituras.

Os evangélicos reconhecem que o apelo de Pedro ao arrependimento e ao batismo é surpreendentemente diferente das fórmulas evangélicas modernas. Escrevendo sobre "Conversão na Bíblia", a *R.T. France* salienta que:

> "*A nossa tendência para ver o batismo como uma opção simbólica extra, ou como uma vergonha pela inclusão de um ato físico como parte do processo espiritual de conversão, contrasta com a linguagem profundamente "realista" do NT sobre o significado salvífico do batismo (por exemplo,* ***João 3:5; Romanos 6:3, 4; Gálatas 3:27; Colossenses 2:12; Tito. 3:5; 1 Pedro 3:20, 21****). Embora não haja fundamento no NT para acreditar que o baptismo por si só faz de uma pessoa um cristão, a ideia de um cristão não batizado é igualmente estranha ao seu pensamento. "Sem ele (batismo) um crente não entrou na comunidade de fé inicial*" (*S. Smalley*). **[1]**

Apelamos, portanto, aos nossos colegas estudantes bíblicos que foram apanhados na falsa visão "espiritual" de que o ato físico do batismo não faz parte do discipulado cristão para que reconsiderem o assunto. Foram os gnósticos que criaram a divisão errada entre o que é físico e o que é espiritual. Os Apóstolos, ao ordenarem o batismo na água, foram obedientes, como nós devíamos ser, ao comando de Cristo. E o reconhecimento do Senhorio de Jesus está no cerne do que significa ser um crente. Não há confissão genuína de Jesus como Senhor sem obediência (***Romanos 10:9***).

Notas Finais *12*

[1] "*Evangelical Quarterly*" (Trimestral Evangélico) , 65:4, 1992, p. 306.

13

Jesus e o Elixir da Vida

A maioria dos seres humanos daria tudo para estar em condições de prolongar a vida indefinidamente. A missão de Jesus à humanidade envolveu a espantosa pretensão de estar permanentemente na posse do segredo da vida. Ele veio trazer à luz "***vida e a imortalidade, mediante o evangelho***" (***2 Timóteo 1:10***). Esta informação inestimável é acedida apenas por uma crença inteligente no Seu ensinamento / palavra / evangelho do Reino, bem como na Sua morte e ressurreição. Os frequentadores da igreja falam de forma algo vaga sobre a "vida eterna". Esta frase não representa totalmente a ideia original. Significa mais precisamente "a vida na Era por Vir". A expressão é uma expressão judaica que Jesus amava e usava frequentemente. Ele encontrou-o em ***Daniel 12:2*** onde há uma grande promessa de ressurreição para aqueles que dormem na morte. Quando as multidões acordarem do seu sono de morte no pó da terra (***Daniel 12:2***), obterão a "vida da Era (que está para vir)". É a era vindoura porque é a era da história mundial que se ***segue*** à futura ressurreição dos mortos. Que a ressurreição de todos os fiéis ocorre quando Jesus regressa (***1 Coríntios 15:23***). Esse precioso verso em ***Daniel 12:2*** também nos diz com maravilhosa simplicidade o que os mortos estão a fazer agora, e onde o estão a fazer. É um dos mais lúcidos testemunhos bíblicos sobre a condição atual dos mortos antes da ressurreição. Eles estão a dormir ─ inconscientes. Tal verdade deveria de uma vez por todas demonstrar a futilidade das "orações" oferecidas a Maria ou a qualquer outro "santo defunto".

Essa vida da Era Vindoura, de que Daniel e o NT falaram primeiro depois dele, é de facto a vida em perpetuidade, mas é a vida que será finalmente e plenamente merecida na Era Vindoura. O tempo continuará nessa era, e a terra será renovada sob a administração do Messias Jesus que regressará ao poder no início da Nova Era ─ não sete anos antes desse tempo para provocar um arrebatamento secreto, como alguns programas populares propuseram e propagaram.

Os tradutores bíblicos por vezes dificultam-nos a compreensão do significado do original. A Versão Rei James (em inglês) (The King James Version), bela em estilo mas muito corrompida em certos versos, faz pensar que "não haverá mais tempo" quando Jesus regressar! Esse versículo em ***Apocalipse 10:6*** realmente não diz tal coisa. Significa apenas que "não haverá mais atrasos". A Segunda Vinda ocorrerá imediatamente, mas o tempo continuará: haverá a Idade da Vinda do Reino de Deus à Terra.

As igrejas têm tendido a tornar a Bíblia de muitas maneiras difíceis de entender. Enquanto continuam a ensinar sobre o "céu" como o objetivo do cristão, a Bíblia diz o contrário. Jesus prometeu a terra como herança futura dos Seus seguidores. Citando o ***Salmo 37:11*** Jesus definiu o destino dos Seus seguidores como a herança da terra ou do mundo (***Mateus 5:5***). Anunciou isto mesmo no centro do seu ensino no Sermão da Montanha. O Sermão da Montanha, e todos os ensinamentos de Jesus, são-nos dados como instruções necessárias para a vida presente, enquanto nos preparamos para entrar no Reino de Deus na Terra quando Ele vier no Segundo Advento. Na Segunda Vinda, os fiéis mortos de todas as idades acordarão do seu presente sono de morte no pó da terra (***Daniel 12:2***) e depois "***herdarão a terra***" como prometido por Jesus (***Mateus 5:5***) e, de facto, "***nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra***" (***Apocalipse 5:10***; compare, ***Apocalipse 20:9*** que descreve a residência dos santos como na terra). Jesus,

segundo o versículo precedente (***Apocalipse 5:9***), morreu para ratificar o pacto do Reino com o Seu sangue e para assegurar o nosso perdão através da Sua morte reconciliadora. Na Última Ceia Jesus falou do Seu "***sangue da aliança***", e a aliança é o arranjo/contrato/promessa de Deus para dar aos cristãos (Jesus falou aos Seus Apóstolos como os representantes da fé) o Reino de Deus com Jesus. "***Assim como meu Pai me confiou um reino, eu vo-lo confio, para que comais e bebais à minha mesa no meu reino; e vos assentareis em tronos para julgar as doze tribos de Israel***". (***Lucas 22:29, 30***). Algumas traduções agora corretamente, cremos, lembram-nos que a palavra "atribuir" é realmente o verbo "pacto". A palavra está na realidade relacionada com "pacto" ou "acordo". Jesus tinha acabado de falar sobre o derramamento do Seu "***o cálice da nova aliança no meu sangue***" (***Lucas 22:20***).

Jesus como o "novo Moisés" e o "novo Josué" promete aos fiéis a Terra ou o Reino de Deus na Terra. É a confirmação da antiga "Terra Prometida" feita a Abraão. Quando Jesus falou deste "***este evangelho do Reino***" (***Mateus 24:14***), deu um título abrangente ao Seu plano para a imortalidade humana no Reino vindouro. Tal como "***este livro da lei*** (***Torá***)" foi comunicado através de Moisés (***Deuteronómio 30:10***), Aquele que era maior do que Moisés entregou a Nova ***Torá*** resumida no Evangelho do Reino.

O patriarca Abraão é conhecido na Escritura como o pai dos fiéis. A sua fé é o modelo da fé cristã. Os crentes são descritos como seguindo as pegadas da fé de Abraão (***Romanos 4:16***). São herdeiros, tanto judeus como gentios, exatamente das mesmas promessas feitas por Deus a Abraão. A Abraão o Evangelho cristão foi pregado com antecedência (***Gálatas 3:8***). As promessas divinas feitas a Abraão, Isaac e Jacob são a pedra fundamental do evangelho do NT. Foi prometida a Abraão a terra de Canaã (propriedade) e a semente (posteridade). O propósito unilateral de Deus para ele era uma garantia tanto de "semente como de terra". A semente ou descendência iria tornar-se muitas e num sentido especial um indivíduo, que é Cristo (***Gálatas 3:16***). A "terra" era a Terra Prometida, e mais precisamente a Terra da Promessa (***Hebreus 11:9***). Nessa terra prometida, os patriarcas residiam como "***como em terra alheia***" (***Hebreus 11:9***), acreditando, com base na palavra divina, que o seu país de residência seria um dia transformado no Reino "celestial" de Deus na terra. Isto significa que a terra era realmente deles por promessa divina, mas durante a sua vida não se apropriaram dela (Abraão teve de comprar aos atuais proprietários da terra um pequeno terreno para enterrar a sua esposa Sara).

A verdade de importância vital do Evangelho é que Abraão viveu realmente na Terra Prometida (***Hebreus 11:9***). Isto prova irrefutavelmente que a Terra Prometida não é "o céu" como um lugar afastado deste planeta. A Terra Prometida era um território do Médio Oriente. Esse território continua a ser a Terra Prometida. Será o cenário do reino vindouro. O seu rei justo, o Messias, voltará para tomar aquele país e estender o seu domínio por todo o mundo. A Terra Prometida nada mais é assim do que o prometido Reino de Deus ─ o núcleo do Evangelho salvífico de Jesus. Jesus poderia igualmente dizer: "***Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra***" (***Mateus 5:5***) ou "Bem-aventurados os humildes de espírito, pois o reino dos céus lhes pertence" **[1]** por promessa divina. Para que a promessa a Abraão seja cumprida, o patriarca deve ser ressuscitado pela ressurreição. Só então receberá a prometida recompensa e herança em que se baseou o pacto divino (***Hebreus 11:13, 39, 40***).

Quando o Reino de Deus vier (como rezamos na oração do Senhor "***Venha o Teu Reino***") Abraão e Isaac e Jacob e os fiéis do AT e do NT ressuscitarão (do seu sono atual no pó da terra, ***Daniel 12:2***) e sentar-se-ão numa grande celebração para inaugurar a Nova Era do Reino de Deus na terra (***Mateus 8:11***). Muitos outros reunir-se-ão dos quatro cantos da terra e juntar-se-ão a eles naquele lugar e naquele banquete (***Lucas 13:28, 29***). A fim de nos qualificarmos para um lugar nesse banquete, somos instados por Jesus a

prepararmo-nos agora com toda a urgência e diligência. De facto, é disso que se trata o Evangelho. Jesus exorta-nos a construir o Reino de Deus, e a ganhar um lugar no mesmo, a nossa primeira prioridade (***Mateus 6:33***). Todas as outras ambições e atividades devem ocupar um segundo lugar. Jesus chamou à sua Mensagem "***o evangelho de Deus… e o reino de Deus***" (***Marcos 1:14, 15***), e Mateus, quando usou o substantivo "Evangelho", qualificou-o sempre como "***o evangelho do reino***" (***Mateus 4:23; 9:35; 24:14***; comparar, ***Mateus 26:13***). Jesus declarou sobre toda a sua missão em ***Lucas 4:43***: "***É necessário que eu anuncie o evangelho do reino de Deus também às outras cidades, pois para isso é que fui enviado***" ─ foi para isso que me mandaram fazer. Uma vez que Ele enviou os Seus seguidores para continuar a mesma comissão (***Lucas 9:2, 60; Mateus 28:19, 20; Lucas 24:47***), devemos esperar que as igrejas em todo o lado estejam igualmente preocupadas e interessadas com o Evangelho do Reino. Esta frase, contudo, aparentemente desapareceu das apresentações contemporâneas d arrependimento para remissão de pecados o "evangelho".

Jesus, de acordo com ***Lucas 24:47*** declarou que "***arrependimento e perdão***" são oferecidos apenas com base no nome de Jesus, ou seja, na sua própria revelação do Evangelho. Como em ***Marcos 4:11, 12*** a receção do Evangelho do Reino (***Mateus 13:9***) é o elemento essencial para a aceitação do próprio Jesus. Jesus fez o mesmo ponto frequentemente. Advertiu que "***qualquer que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras***" "terão um momento desastroso no dia do julgamento" (***Marcos 8:38***). A separação de Jesus das Suas palavras é o grande desastre teológico que deve ser evitado a todo o custo. Satanás tem realmente apenas um truque, em vários disfarces: Separar Jesus dos Seus ensinamentos / evangelho (ver também ***2 João 7-9; 1 Timóteo 6:3***).

Com o seu urgente apelo ao arrependimento e a acreditar no evangelho sobre o Reino (***Marcos 1:14,15*** ─ um resumo do cristianismo segundo Jesus), Jesus estava, de facto, a convidar as pessoas para um lugar naquele reino próximo acordado como coexecutivos consigo próprio. Jesus, como Messias, planeou "compor" o mundo, mas sabia que primeiro tinha de morrer, ser ressuscitado e deixar o mundo por um tempos. Ele está atualmente na mão direita do Pai, e ele partirá da presença do Pai e regressará à terra quando chegar a hora de o Reino ser inaugurado na Terra.

Nesta condição, o ***Salmo 110:1*** é um verso muito útil. É o "texto de prova" preferido de Jesus e dos Seus Apóstolos. É mencionado no NT 23 vezes ─ e é assim citado com muito mais frequência do que qualquer outro verso do AT. A sua importância é enorme. É também um salmo revolucionário na medida em que nos fala sobre a relação de Deus com Jesus. ***O Salmo 110:1*** é uma declaração divina (mal traduzida se a sua versão deixar de fora a palavra original "oráculo"). É o "oráculo de Yahweh" (o Deus da Bíblia hebraica, do Judaísmo e do Cristianismo do NT) ao Senhor de David que é o Messias, aqui mencionado 1000 anos antes da sua existência no ventre da virgem Maria.

Chamo a atenção para o simples facto de que o Senhor de David não é o Senhor de David. Não deve haver uma letra maiúscula na palavra "senhor". A Versão Revista da Bíblia (1881) corrigiu o erro enganoso de outras traduções que colocam (e ainda erroneamente colocar) um S maiúsculo em senhor nesse verso. O que está em perigo aqui? Uma verdade imensamente importante sobre quem é Jesus. Ele não é o Senhor Deus, porque a palavra no texto inspirado não é a palavra para a Cabeça de Deus, mas a palavra para um humano superior ─ um senhor humano, não um Senhor que é ele mesmo Deus, mas um senhor que é supremamente exaltado, o único agente de um Deus. Devias verificar este facto com um rabino ou um amigo que sabe ler o hebraico AT. A palavra hebraica para o estatuto de Filho de Deus no ***Salmo 110:1*** é "***adoni***". A palavra aparece 195 vezes na Bíblia hebraica e nunca se refere a Deus. Quando Deus é descrito

como “o Senhor” (S maiúscula) uma palavra diferente, “***Adonai***”, aparece. Assim, a Bíblia faz uma distinção cuidadosa entre Deus e o homem. Deus é o Senhor Deus (Adonai), ou quando o seu nome pessoal Yahweh é usado, e Jesus é o seu único filho humano (“***adoni***”., meu senhor, ***Lucas 1:43; 2:11***), sem pecado, concebido virginalmente. A palavra “***Adonai***” é encontrada 449 vezes no AT e distingue o único Deus dos outros. “***Adonai***” não é a palavra que descreve o Filho de Deus, Jesus, no ***Salmo 110:1***. **[2]** “***adoni***” aparece 195 vezes e refere-se apenas a um senhor humano (ou ocasionalmente um anjo), isto é, a alguém que não é Deus. Isto deve pôr fim a muitas discussões post-bíblicas complicadas e elaborações credes que, de formas subtis, obscurecem a verdade bíblica mais simples e básica de que Deus é uma Pessoa e que o Messias é o segundo Adão, “*o Homem Messias*” (***1 Timóteo 2:***5). Aquele “*homem Jesus Messias*” tão perfeitamente e consistentemente refletia o caráter e a vontade de Seu Pai que ele pudesse dizer: “***Quem me vê a mim vê o Pai***" (***João 14:9***). No entanto, por si mesmo, não podia fazer nada (***João 8:28***). O Filho sempre foi dependente dele e subordinado a Seu Pai, Deus.

Regresso ao Evangelho do Reino

Esta é a mensagem salvadora que Jesus e Paulo sempre ofereceram ao público. **[3]** Jesus, tendo pregado o Evangelho do Reino, ordenou aos Apóstolos e discípulos até ao fim dos tempos que levassem a mesma Mensagem/evangelho do Reino de Deus a todo o mundo (***Mateus 28:19, 20***). Esta tarefa parece ter sido mal executada, uma vez que os cristãos professos têm usado todos os termos descritivos do Evangelho, exceto o que sempre foi encontrado nos lábios de Jesus, “O Evangelho do Reino”. Se compararmos ***Lucas 9:11*** com ***Atos 28:30, 31*** descobriremos que Jesus e Paulo tipicamente “acolheram o povo” e começaram a abordar o mais crucial de todos os temas do Evangelho, o Evangelho do Reino. Surpreendentemente, alguns hoje nem sequer acreditam Surpreendentemente, alguns hoje em dia nem sequer acreditam que o Evangelho que Cristo pregou deva ser pregado. Eles assumem, muito erradamente, que Paulo recebeu um evangelho diferente para os gentios. Se assim fosse, Paulo ter-se-ia submetido à sua própria condenação (***Gálatas 1:8, 9***) por ter abandonado o único e único Evangelho salvador. Há apenas uma mensagem evangélica salvadora oferecida a cada ser humano.

A importância do Evangelho do Reino não pode ser sobrestimada. Nele Jesus oferece-nos o elixir da vida. Ele apresenta uma mensagem para a nossa receção inteligente que nos promete vida indefinida. Eis como funciona a Mensagem da imortalidade. Primeiro é preciso ouvi-lo claramente. Em segundo lugar, é preciso agarrá-la com compreensão, a compreensão de uma "criança" cujos olhos e ouvidos estão abertos à revelação divina (***Efésios 1:13***). Em terceiro lugar, tem de o manter na sua vida, apesar da perene aflição de perseguição, angústia e desejo de outras coisas (***Lucas 8:15***). Tudo isto Jesus explicou na sua ilustração mais fundamental da semente e do solo (a parábola do semeador, ***Mateus 13, Marcos 4; Lucas 8***). Nessa maravilhosa “comparação” teológica, Jesus disse que a salvação é um processo que deve começar, continuar e persistir até ao fim. Depende inteiramente de uma inteligente aceitação inicial do Evangelho “semente” do Reino, tal como Jesus o pregou. Apenas aqueles que mantêm a fé e a obediência até ao fim serão salvos (***Mateus 24:13***). A salvação dos cristãos do NT é como uma raça. O objetivo, a salvação, “está mais perto de nós do que quando acreditávamos” (*Romanos 13:11*). Estamos “a ser salvos” agora (***1 Coríntios 1:18; 15:2***), e fomos salvos “na esperança” (***Romanos 8:24***), e seremos salvos no regresso de Jesus.

Não se ganha a medalha de ouro quando a arma de partida soa, e não se forma na faculdade quando se prepara para entrar na faculdade. A salvação é uma corrida até ao fim, e o estímulo que nos inicia nessa

corrida é o Evangelho do Reino, que nos transmite a energia do próprio Deus (***1 Tessalonicenses 2:13; João 6:63***).

Como obter a vida para sempre

Aqui está a forma como a vida deve ser adquirida para sempre. Ouve-se a Evangelho / Palavra do Reino. Compreende-o e responde-lhe, fazendo dele a sua primeira prioridade na vida. Valoriza-o tanto que (figurativamente falando) vende toda a sua propriedade com a ideia de comprar o campo que contém o tesouro, a pérola de grande preço, o segredo da imortalidade. Quando se está em busca da vida para sempre ("eterna"), que mais poderia talvez motivar uma exigência igual na sua atenção?

Como é que a centelha da vida surge dentro de si? É uma nova criação pela palavra de Deus. A palavra do Evangelho é o instrumento criativo de Deus, uma "faísca" da Sua própria imortalidade, transmitida através das palavras de Jesus ao homem crente. A "Palavra de Deus" não significa apenas a Bíblia como um todo. (A Bíblia intitula-se geralmente "As Escrituras") Significa o Evangelho do Reino, a Mensagem da imortalidade e como ganhá-la (***Mateus 13:19***, palavra do Reino = ***Marcos 4:14***, a palavra = ***Lucas 8:11***, a palavra de Deus). A palavra é a ferramenta criativa de Deus. É uma parte de Si mesmo e expressa o Seu desejo para nós como seres humanos. Com a Sua palavra criativa pretende partilhar e transmitir a Sua própria imortalidade. Deseja que os seres humanos vivam para sempre. Ele deseja dar-nos (pela Sua graça) vida sem fim e Ele dá-nos a Sua "semente", para desencadear essa nova vida e vitalidade que é o início ou a entrada ─ primeira instalação ─ da imortalidade (***Efésios 1:14***). Quando essa "semente" é levada para os nossos corações e mentes, fizemos a transição da morte para a vida.

João 5:24 resume brilhantemente o processo de salvação:

> "***Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida***".

Tudo depende da audição, compreensão e retenção ─ face às dificuldades, distração, aflição e perseguição ─ aquela palavra preciosa / Evangelho do Reino. Não é surpreendente que Jesus tenha descrito a Reino em termos calculados para nos imprimir o seu inestimável valor como a pérola de grande preço, o tesouro acima de todos os tesouros.

A mensagem salvadora de Jesus é chamada uma semente (***Lucas 8:11***). Essa semente deve alojar-se nas nossas mentes. É semeado por aquele que o está a pregar. Deve ser recebido "***de bom e reto coração***" (***Lucas 8:15***). Aqueles que acolhem essa semente com um "***bom e reto coração***" estes devem "***frutificam com perseverança***" (***Lucas 8:15***). Todos os escritores bíblicos contam a mesma história sobre o evangelho. Todos oferecem a mesma "fórmula" para a imortalidade. A "mecânica" ou processos para embarcar no programa de imortalidade são comuns a todos os escritores do NT. Tiago disse que este renascimento, a germinação de nova vida a partir da semente do evangelho, é através da palavra, a palavra da Verdade (**Tiago 1:18**; compare; "***a tua palavra é a verdade***", ***João 17:17***). A palavra deve criar raízes dentro de nós: "***colhei, com mansidão, a palavra em vós implantada, a qual é poderosa para salvar a vossa alma***" (***Tiago 1:21***). Essa palavra é o Evangelho do Reino de Deus tal como Jesus o pregou. Mateus chamou-lhe "***a palavra do Reino***" (***Mateus 13:19***). James, claro, sabia tudo sobre a parábola do semeador. Pedro como porta-voz principal do Messias, certificou-se de que nos lembrávamos do processo de salvação, a ciência de ganhar a imortalidade através do novo nascimento. Ele falou, tal como Jesus e o seu meio-irmão Tiago, da palavra do Evangelho "***não de semente corruptível, mas de incorruptível***" (***1 Pedro 1:23***) ─ uma

semente, por outras palavras, que traz dentro de si o germe da imortalidade. A semente veicula a própria natureza do próprio Deus. Através da participação nessa natureza, através da semente da mensagem do Reino lançada nos nossos corações, estamos a participar na vida indestrutível do próprio Deus. A semente, recebida e retida, cria em nós uma nova raiz de personalidade, e faz de nós novas criaturas, seres humanos renascidos para viver para sempre (***1 Pedro 1:23-25***). A chave indispensável para este milagroso segundo nascimento é a "***palavra que vos foi evangelizada***" (***1 Pedro 1:25***). A mensagem revela o segredo do plano divino de Cristo para o destino humano.

João Apóstolo conhecia a semente e como ela é a chave para ser um indivíduo "***nascido de novo***" com vista à imortalidade. Em ***João 3:3*** ele relata Jesus dizendo a um estudioso judeu: "***Se não nasceres de novo, não poderás entrar no Reino***". Sem renascimento, não há vida para sempre. E não há renascimento sem uma "semente" viva. João lembrou mais tarde aos seus ouvintes que o renascimento vem da semente. Também conhecia o imenso valor dos ensinamentos de Jesus sobre a semente e o solo. João disse que a pessoa que "***é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente***" (***1 João 3:9***). Ao fazer do renascimento o pré-requisito essencial para a imortalidade, Jesus deixou claro que a receção do Evangelho do Reino era a chave para a vida para sempre: "***Quem não receber o reino de Deus como uma criança de maneira alguma entrará nele***" (***Lucas 18:17***). "***Se não ouvirdes e não compreenderdes o Evangelho do Reino*** [a palavra]***, não podereis arrepender-vos e ser perdoados***" (ver ***Marcos 4:11, 12***). Aqui Marcos, relatando sobre Jesus, manifesta uma compreensão inteligente do evangelho do Reino enquanto Jesus o pregava como condição para o arrependimento e perdão. O Diabo, sabendo quão fatal é o Evangelho do Reino para a sua própria atividade oposta, tenta "***arrebata-lhes do coração a palavra, para não suceder que, crendo, sejam salvos***" (***Lucas 8:12***).

Aqui na parábola do semeador está o próprio coração da mensagem de imortalidade de Jesus. Ouça as palavras extraordinárias do Mestre Rabino, de um barco ancorado na margem do Lago da Galileia:

"***A vós outros vos é dado conhecer o mistério do reino de Deus; mas, aos de fora, tudo se ensina por meio de parábolas, para que, vendo, vejam e não percebam; e, ouvindo, ouçam e não entendam; para que não venham a converter-se, e haja perdão para eles. Então, lhes perguntou: Não entendeis esta parábola e como compreendereis todas as parábolas?***" (***Marcos 4:11-13***).

Paulo e o Renascimento

Paulo não era, evidentemente, um desconhecido dos segredos da imortalidade. Ele ensinou que o renascimento, a regeneração, ocorre pelo poder renovador do espírito de Deus (***Gálatas 4:29***) através do Evangelho (***Gálatas 3:2***). Os cristãos são aqueles que nascem do espírito, nascidos das promessas feitas a Abraão (***Gálatas 4:23***), destinatários do "***espírito santo da promessa***" (***Efésios 1:13***). Não faz diferença se falamos do espírito de Deus ou da palavra de Deus como o instrumento do renascimento. Tanto o espírito como a palavra significam a presença e o poder criativo de Deus, como Ele assume. A sua obra mais poderosa e milagrosa: a produção em seres humanos da centelha da imortalidade, o dom da vida na Era / Reino que está para vir. Em Génesis "***o Espírito de Deus pairava por sobre as águas***. ***Disse Deus...***" (***Génesis 1:2, 3***). A palavra de Deus foi ativa com o Seu espírito (O espírito é para a palavra divina como o sopro da vida é para a expressão ou enunciação divina).) A atividade criativa de Deus através do evangelho estimula a nova vida do crente. "*O espírito vem por ouvir a Mensagem do Reino*" (ver ***Gálatas 3:2***).

Paulo lembra a Tito o "programa" da imortalidade:

"***Quando, porém, se manifestou a benignidade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor para com todos, não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo***" (***Tito 3:4, 5***).

Foi Jesus, o pregador original do Evangelho (***Hebreus 2:3***; compare ***1 Timóteo 6:3***), que foi equipado com a palavra / palavras salvadoras do próprio Deus (***João 5:24***). O Pai, usando Jesus como seu agente e emissário perfeito, deu a Jesus as palavras criativas com as quais podemos ser infundidos com a nova vida de renascimento. "***as palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida***" (***João 6:63***). Eles contêm a própria energia e vitalidade do próprio Deus. Eles funcionam como um poder energético nas nossas vidas (***1 Tessalonicenses 2:13; Romanos 1:16***). Eles trazem a influência do Espírito, que é a presença operacional de Deus, para o nosso sentimento e pensamento. No final, produzem uma condição de vida sem fim para aqueles que levaram a peito a palavra da vida e, após serem batizados (***Atos 8:12***, etc.), continuam a dar frutos até ao fim.

O comentário de Paulo marca-o como um discípulo genuíno de Jesus, mostrando que estava a seguir o seu Mestre como um pregador do Evangelho do Reino de Deus. Falou aos Colossenses sobre a "***esperança que vos está preservada nos céus***" com Cristo. Essa esperança, disse Paulo, foi a fonte da fé e do amor cristãos (***Colossenses 1:4, 5***). Que terrível dano seria então causado à fé e ao amor se a esperança que produz estas virtudes não fosse claramente compreendida! A esperança em questão foi-lhes transmitida "***pela palavra da verdade do evangelho***" (***Colossenses 1:5***), recordando-nos de novo a parábola do semeador. Paulo descreveu esse Evangelho salvador e a sua esperança como "***produzindo fruto e crescendo***" (***Colossenses 1:6***). Uma vez mais, a referência à parábola do semeador de Jesus é clara.

Jesus veio oferecer ao público o Elixir da Vida, a fonte da eterna juventude. Ele ofereceu-o nos seus termos, ou melhor, nos termos do Deus de Israel que o encarregou de apresentar o Evangelho salvífico. o Evangelho da salvação. Instou o público a abraçar o seu Evangelho do Reino vindouro e a promessa de governar com Cristo na Nova Era desse Reino que será inaugurado na terra, "***o mundo que há de vir, sobre o qual estamos falando***" (***Hebreus 2:5***).

O objetivo último do grande propósito de Deus revelado no Evangelho é que o Seu povo estará no poder como príncipes no lugar prometido a Abraão e ao Messias, a Terra da Promessa, a terra transformada pela presença de Jesus que terá então regressado a este planeta. Como Messias, ele "***o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai***" em Jerusalém (***Lucas 1:32***). Ele realizará isto porque é o Filho de Deus, assim constituído por um milagre da criação realizado no ventre de Maria (***Lucas 1:35; Mateus 1:20***; "***porque o que nela foi gerado***").

Poder-se-ia pensar que mais pessoas estariam interessadas na imortalidade, na vida sem fim e indestrutível, e na comunhão com Jesus e o seu Pai agora e para sempre. A nossa tarefa é procurar o segredo da vida em perpetuidade, a pérola de grande preço, o tesouro do Evangelho do Reino, como Jesus o pregou.

Ouviu recentemente algum sermão sobre o novo nascimento com vista à imortalidade e como isto ocorre por contacto com o poder da palavra / semente / espírito contido na Mensagem criativa do Reino de Deus de Jesus? A mensagem criativa do Reino de Deus de Jesus?

Muitos têm sido enganados ao ser-lhes dito que apenas a morte e ressurreição de Cristo são a totalidade do Evangelho. Paul disse o contrário. Ele ensinou que a morte e a ressurreição de Jesus são "***Antes de tudo***"

no Evangelho (***1 Coríntios 15:3***). Ele próprio foi um pregador habitual do Evangelho do Reino (***Atos 20:24, 25***). Jesus tinha trabalhado durante anos ─ descrito por cerca de 25 capítulos de Mateus, Marcos e Lucas ─ pregando o evangelho do Reino, sem dizer, nessa altura, uma palavra sobre a sua morte e ressurreição (ver ***Mateus16:21*** para o seu primeiro anúncio dessa parte do Evangelho).

Os credos, contudo, parecem ter perdido o ponto da Mensagem salvadora sobre a imortalidade. Apelam à crença no seu nascimento ("nascido da virgem Maria") e depois ignoram ou omitem a sua carreira de pregação sobre o Evangelho do Reino que ele realizou até à sua morte ("sofreu e morreu"). negligenciar ou omitir a sua carreira de pregação sobre o Evangelho do Reino que realizou até à sua morte ("ele sofreu sob Pôncio Pilatos...").

A crença em Jesus, para além da crença nas suas palavras, não está à altura da definição bíblica daquilo em que se deve acreditar. "***quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna***" (***João 5:24***). No auge da Sua carreira, Jesus deu um aviso severo contra a rejeição do Seu ensinamento salvífico. Ele dificilmente poderia ter sido mais claro (***João 12:44-50; Mateus 7:21-27***).

Ao longo do seu ministério, o Messias exige a crença na sua mensagem evangélica. Conduzir uma cunha entre Jesus e os seus ensinamentos mina toda a constituição do cristianismo apostólico. "***E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo***" (***Romanos 10:17***). **[4]**

Notas Finais *13*

[1] A expressão judaica "Reino dos Céus" (usada apenas por Mateus) significa exatamente o mesmo que o Reino de Deus. A origem do Reino é divina, celestial, mas isto não significa que se localizará no céu. Está reservado com Deus no céu até ao seu regresso com Jesus à terra para o inaugurar em Jerusalém (***1 Pedro 1,4; Colossenses 1:5***).

[2] Infelizmente, uma série de autoridades e de comentários não conseguem afirmar os factos sobre este ponto.

[3] ***Mateus 4:17, 23; 9:35; 24:14; Marcos 1:14, 15; Lucas 1:14, 15; Lucas 4:43; Atos 1:3, 6; 19:8; 20:25; 28:23, 31***.

[4] É desconcertante ouvir um pregador evangélico líder do nosso tempo dizer: "*Muitas pessoas pensam agora que a essência do cristianismo são os ensinamentos de Jesus, mas não é assim. Se lerem as cartas do Apóstolo Paulo, que constituem a maior parte do NT, verão que não se diz quase nada sobre os ensinamentos de Jesus. Em todo o resto do NT, há pouca referência aos ensinamentos de Jesus, e no Credo dos Apóstolos, o credo cristão mais universalmente celebrado, não há nenhuma referência aos ensinamentos de Jesus. Também não há nenhuma referência ao exemplo de Jesus. Apenas dois dias na vida de Jesus são mencionados ─ o dia do seu nascimento e o dia da sua morte. O cristianismo não se concentra nos ensinamentos de Jesus, mas na pessoa de Jesus como Deus encarnado que veio ao mundo para assumir as culpas e morrer no nosso lugar*". (*D. James Kennedy*, "*Truths That Transform*" (Verdades que Transformam), 11/17/89, ênfase seu).

1

Conclusão

B.F. Wescott tinha, sem dúvida, razão:

> "*Não basta reconhecer que o AT contém profecia; o AT é uma vasta profecia*".

Uma grande parte dessa profecia trata do Reino Messiânico na sua manifestação final como um governo mundial sob a supervisão de Jesus e de cristãos fiéis. É esse Reino, cremos, que forma o coração do Evangelho cristão e é esse Reino que está largamente ausente dos sistemas recebidos que conhecemos como teologia cristã.

Certamente a análise de *Rudolph Otto* está correta:

> "*O Reino de Deus é e permanece para Cristo o futuro Reino da era final, pensando em termos estritamente escatológicos, como seguindo 'ansiedades messiânicas' e seguindo o julgamento divino*". **[1]**

Sabemos que as "angústias messiânicas" permaneceram no pensamento de Jesus (***Mateus 24:8*** – "***porém tudo isto é o princípio das dores***"). Eles seriam o prelúdio para a vinda do Reino, cuja preparação na era atual é o tema das parábolas. A palavra do Reino é agora demonstrada no coração (***Mateus 13:19***). O cristão deve tornar-se como "***semelhante a um pai de família***" (***Mateus 13:52***). A colheita que cresce com a mensagem é colhida no fim da era, quando os verdadeiros filhos do Reino brilharão perante o Reino do seu Pai (***Mateus 13:43***). É verdade que os fiéis podem experimentar algo do milagre do Reino agora, antes da vinda do Reino. São guardas adiantados, anunciando a Boa Nova de um mundo melhor para vir ─ mas uma sociedade verdadeiramente humana, renovada e reeducada, e nas mãos de mordomos imortalizados. "***como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação?... Pois não foi a anjos que sujeitou o mundo que há de vir, sobre o qual estamos falando***" (***Hebreus 2:3, 5***). Conseguiram falar esse tipo de linguagem e saber o que diziam porque Ele colocou esse mundo futuro nas mãos de Jesus e da Igreja fiel. O mundo "ainda não está" sob o controlo de Jesus, mas está destinado a estar sob a Sua jurisdição quando Ele regressar (***Hebreus 2:5, 8***).

É um bizarro sistema de exposição que pode acusar os Apóstolos de cegueira ao seu messianismo judaico-cristão quando, em ***Atos 1:6***, indagaram sobre a restauração do Reino a Israel. A questão foi guardada pelos Apóstolos na véspera do Pentecostes, depois de terem sido plenamente informados por Jesus, que, "***explicava em particular aos seus próprios discípulos***" (***Marcos 4:34***). O próprio Jesus tinha-se assegurado de que eles tinham compreendido plenamente o Reino (***Mateus 13:51***). Na Última Ceia fez oficialmente um pacto com eles para lhes conceder posições de realeza no próximo governo (***Lucas 22:28-30***). Durante seis semanas após a Sua ressurreição foram novamente instruídos "***falando das coisas concernentes ao reino de Deus***" (***Atos 1:3***). Com base em tudo o que tinham ouvido e compreendido, perguntaram se tinha chegado o momento de restaurar o Reino a Israel. É a pergunta certa, e não, como tantos comentadores tentam persuadir-nos, um erro terrível!

> "*A forma da pergunta em si reflete a ideia judaica comum do reino Messiânico, e mostra o quanto ainda estavam longe de uma perceção real da natureza da missão do seu Mestre. Como é incrível que estes homens tenham sido instruídos durante 40 dias e nem sequer tenham deixado de esperar... um império judeu terrestre no qual eles próprios teriam altas posições em torno da pessoa do Messias...é uma marca da candura do autor que ele regista uma tal conceção errada dos apóstolos nos seus primeiros dias*". **[2]**

O fracasso de *João Calvino* em compreender o Reino de Deus no seu próprio sentido judeu messiânico é explícito nas suas críticas surpreendentes a Jesus e aos seus discípulos instruídos e reputados. Comentando a iluminadora "última famosa" pergunta dos Apóstolos a Jesus: "***Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?***", diz *Calvino*: "*Há mais erro na pergunta* [em ***Atos 1:6***] *do que nas palavras... A sua cegueira é surpreendente, que quando tinham sido tão completa e cuidadosamente instruídos ao longo de um período de três anos, não acusassem menos ignorância do que se nunca tivessem ouvido uma palavra*". **[3]** Mas Jesus não ofereceu tal crítica. A cegueira de *Calvino* é para o Messiânico e Davídico judeu-cristão Messiânico e Davídico Evangelho de Jesus, que é a espinha dorsal de toda a Escritura.

É verdadeiramente incrível e impossível que os Apóstolos pudessem estar errados sobre a natureza do Reino que esteve no coração de tudo o que Jesus lhes ensinou! Nada, aqui ou noutro lugar noutros lugares, sugere que Jesus desaprovou a sua esperança de um Reino de Deus "concreto" na terra. terra. O tempo da restauração era desconhecido, e o caminho para a grandeza no Reino era através da humildade, sacrifício e serviço, mas a realidade do futuro reino nunca esteve em dúvida.

De facto, apenas alguns dias depois, encontramos os Apóstolos a proclamar o evangelho ao povo judeu O povo judeu sob a influência do Espírito de Deus. Eles ainda acreditavam na grande restauração que era o fardo de tudo o que os profetas tinham visto:

> "***ao qual é necessário que o céu receba*** (Jesus) ***até aos tempos da restauração de todas as coisas, de que Deus falou por boca dos seus santos profetas desde a antiguidade***" (***Atos 3:21***).

Não há uma nova e dramática compreensão do Reino. O Reino continua a ser o Reino da profecia hebraica, que, mas durante quase 1800 anos de comentários anti Messiânicos, teria sido claramente compreendido pelos leitores comuns da Bíblia. **[4]** É tempo suficiente para que estudiosos e pregadores abandonem a sua oposição incerta a Jesus, o Messias de Israel, e se juntem a ele no anúncio da boa nova sobre o Reino. Os críticos devem compreender que o seu ceticismo é um ataque ao coração do Evangelho cristão:

> "*A vinda transcendental do Filho do Homem para provocar a transformação catastrófica do presente* ***aeon****, ou ordem... provou ser uma das crenças sobre o homem e o mundo e a sua história que Jesus partilhou com os seus contemporâneos e que o tempo e o avanço do conhecimento deixaram para trás como relíquias da mentalidade do passado*". [5]

Se for esse o caso, Jesus estava tristemente enganado e pode certamente ser rejeitado como um falso profeta. Mas a culpa é dos comentadores incrédulos, cuja aversão ao messianismo do NT resultou na sua rejeição de toda a promessa do reino:

> "*O Messias, cujo nascimento o anjo proclamou, é representado na forma de um rei que ocupará e conservará para sempre o trono do seu pai (antepassado) David. Prevê-se um reino judeu restaurado, e esta previsão acabou por se revelar não só uma ilusão, mas incompatível com o Reino espiritual que Jesus proclamou e pretendeu estabelecer ... a comunicação angélica, sob a influência da crença atual, baseia-se numa falsa ideia da realidade histórica. É, para dizer o mínimo, bastante desconcertante descobrir que está implícito ser uma revelação de uma fonte celestial a interpretar mal uma profecia e também a prever um reino davídico restaurado que não se concretizou*". [6]

Por outras palavras, "*pobre velho Gabriel! Ele percebeu tudo mal*". E assim, acrescenta o refrão dos comentadores, fizeram os discípulos quando ainda estavam à espera do Reino "judeu" em ***Atos 1:6***. Mas então o próprio Jesus, ao que parece, também estava na escuridão sobre o Reino quando prometeu aos seus seguidores posições de autoridade sobre Israel (***Lucas 22:28-30***) e os exortou a esforçarem-se por governar com ele na próxima nova era (***Apocalipse 2:26; 3:21***).

Os expositores bíblicos, e de facto todo o sistema cristão tradicional, precisam urgentemente de uma nova orientação. Devemos deixar de propagar a nossa própria tradição contra a Palavra de Deus, **[7]** e regressar à Boa Nova Messiânica do Reino e acreditar em Jesus, o Cristo judeu, Salvador do mundo, agora exaltado à direita do Seu Pai e destinado a regressar e governar como Messias e Rei.

"***Certamente, venho sem demora. Amém! Vem, Senhor Jesus!***" (***Apocalipse 22:20***).

Notas finais *Conclusão*

[1] "*The Kingdom of God and the Son of Man*" (O Reino de Deus e o Filho do Homem), Boston: Starr King Press, 1957, p. 10.

[2] "***The Century Bible, Atos***" (A Bíblia do Século, Atos), London: Caxton Publishing Co., n.d., p. 126.

[3] "*Comments of Calvin, Acts of the Apostles*" (Comentários de Calvino, Atos dos Apóstolos), ed. *D.W. Torrance* e *T.F. Torrance*., Grand Rapids: Eerdmans, 1965, p. 25.

[4] A realidade do futuro Reino Messiânico foi afastada da teologia em grande parte por Agostinho que "*a empurrou para segundo plano e a substituiu por outro esquema de escatologia, que desde o século V tem sido considerado como mais ou menos ensino ortodoxo*" (*P. Toon*, ed., Na introdução a Puritanos, O Milénio e o Futuro de Israel. Puritan Eschatology 1600-1660, Cambridge: James Clarke, 1970, p.13).

[5] *James McKinnon*, "*The Historic Jesus*" (O Jesus Histórico), Longmans, Green & Co., 1931, p. 207.

[6] Ibid., pp. 5, 6.

[7] A crítica de Jesus às tradições, que anulam a palavra divina, é hoje menos relevante? (***Mateus 15:8, 9***)